Abril
Editora ABRIL
edição 2801 - ano 55 - nº 31
10 de agosto de 2022

veja

www.veja.com

O FATOR CIRO

Em terceiro lugar nas pesquisas, o candidato do PDT aparece até aqui como o único nome com potencial para romper o favoritismo de Lula e Bolsonaro (uma tarefa bem difícil). Ao mesmo tempo, seu eleitorado pode migrar e definir o próximo presidente ainda no primeiro turno. De um jeito ou de outro, a eleição de 2022 passa por ele

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

EDITORA Abril

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

veja

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editores Executivos: Daniel Hessel Teich, Monica Weinberg **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, André Afetian Sollitto, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, Clarissa Ferreira de Souza e Oliveira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Adriana Brito Cruz, Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Diogo Vassao Magri, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, João Pedroso de Campos, Josette Goulart, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Leandro Bustamante de Miranda, Leonardo Caldas Vargas, Luana Meneghetti, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Purchio Haddad, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Paula Vieira Felix Rodrigues, Reynaldo Turollo Jr., Sérgio Quintella da Rocha, Simone Sabino Blanes, Tulio Kruse de Morais, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara, Victor Irajá **Sucursais: *Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Leticia de Luca Casado, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórter:** Caio Franco Merhige Saad **Estagiários:** Camille da Costa Mello, Eric Cavasani Vechi, Felipe Soderini Erlich, Gabriela Caputo da Fonseca, Marcelo Augusto de Freitas Canquerino, Maria Fernanda Sousa Lemos, Mariah Fernandes Magalhães, Matheus Deccache de Abreu, Vitoria Barreto Martins **Checadora:** Andressa Tobita **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus e Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Colaboradores:** Alon Feuerwerker, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MERCADO PUBLICITÁRIO** Jack Blanc **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 801 (ISSN 0100-7122), ano 55/nº 31. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | SIP

GRUPO Abril

www.grupoabril.com.br

LULA MARQUES/FOLHAPRESS

ÁLBUM DE FAMÍLIA

SINGULAR Ciro na eleição para deputado estadual, na posse como ministro e em capas de VEJA: currículo extenso na política

O FIEL DA BALANÇA

POUCOS POLÍTICOS brasileiros têm uma trajetória tão singular quanto Ciro Gomes, candidato do PDT à Presidência da República, agora em sua quarta tentativa de chegar ao Palácio do Planalto. Dono de um extenso currículo, Ciro elegeu-se deputado estadual, federal, prefeito de Fortaleza, governador do Ceará e tornou-se ministro da Fazenda no fim da administração Itamar Franco e da Integração Nacio-

nal na primeira gestão de Lula. Em um intenso vaivém ideológico, já foi filiado ao PDS (ex-Arena), PMDB, PPS (ex-Partido Comunista), PSDB, PSB, Pros e PDT, migrando com desenvoltura de uma legenda que representava a direita autoritária no Brasil, escolha feita em sua juventude, para siglas mais à esquerda na maturidade — um caminho peculiar.

Ao avesso das negociações e da diplomacia nos bastidores, marcas de políticos clássicos do passado brasileiro, Ciro é conhecido também por ser dono de um temperamento mercurial. Desde o início, ele sempre seguiu a escola do "bateu, levou", uma característica que já lhe custou caro. Na campanha de 2002, em sua segunda tentativa presidencial, ele quase chegou ao segundo turno — e, se chegasse, teria

chances de vitória, de acordo com as pesquisas de opinião pública. Analistas políticos dizem que, naquela eleição, Ciro foi atrapalhado pelo próprio Ciro, ao dar declarações agressivas a um ouvinte num programa de rádio e ao dizer, de modo infame, que a função de sua então mulher, a atriz Patricia Pillar, naquela disputa era apenas dormir com ele. Ciro pediria desculpas pelo arroubo verbal, mas não adiantou.

Duas décadas depois, aos 64 anos, Ciro aparece novamente como um personagem a ser observado. É verdade que a posição nas pesquisas não chega a empolgar seus correligionários. O candidato do PDT tem em torno de 9% das intenções de voto. Mas não seria exagero dizer que o resultado final da eleição de outubro pode depender de seu desempenho e de suas escolhas. Hoje, ele é o único com

potencial de romper o favoritismo do atual ocupante do Palácio do Planalto, Jair Bolsonaro, e do ex-presidente Lula. Mas há um dado ainda mais relevante: um ocasional apoio de Ciro ou de seu eleitorado pode, inclusive, definir o pleito no primeiro turno.

Pela lógica, seria natural uma aproximação com o PT. Mas as declarações recentes demonstram uma profunda amargura com Lula, a quem responsabiliza pela eleição de Bolsonaro em 2018. Em sua visão, Ciro acha que o PT poderia ter apoiado o seu nome naquela circunstância — e alguns nomes do partido defendiam esse caminho, até mesmo Fernando Haddad, que acabou sendo o escolhido. Evidentemente, endossar Bolsonaro não é uma opção, mas

sair de cena pode fazer com que um pedaço significativo de seu eleitorado migre para o capitão ou simplesmente se abstenha. Na reportagem que começa na página 26, a repórter Letícia Casado realiza um profundo mergulho na candidatura de Ciro, conta sua estratégia para subir nas pesquisas e traça cenários, caso ele não chegue ao segundo turno. É difícil fazer projeções faltando ainda dois meses para a votação, mas uma coisa é certa: de um jeito ou de outro, Ciro Ferreira Gomes demonstra grande probabilidade de ser o fiel da balança neste pleito. Convém prestar atenção a todos os seus movimentos. ■

CELIA SANTOS

MÉDICO NÃO É DEUS

Dona de uma bem-sucedida carreira e preferida de artistas e políticos, a cardiologista diz que é preciso garantir segurança aos pacientes e defende o uso de câmeras nos centros cirúrgicos

CILENE PEREIRA

AOS 45 ANOS, a cardiologista Ludhmila Hajjar alcançou um ponto na carreira médica em que pouquíssimas mulheres conseguiram chegar. Professora da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, diretora no Instituto do Coração, o mais reconhecido serviço de cardiologia da América Latina, e coordenadora da especialidade no Hospital Vila Nova Star, ela ainda tem no currículo mais de 200 publicações científicas e, no ano passado, foi considerada pela USP uma das maiores pesquisadoras em Covid-19 da instituição. Fora do meio, contudo, ela tem se tornado conhecida por ser a médica preferida das estrelas — a cantora Anitta acaba de passar por um procedimento sob sua supervisão — e de gente graúda do poder. Nesse quesito, não há

polarização. Há na agenda de consultas de Ludhmila da ex-presidente Dilma Rousseff, do PT, a Gilmar Mendes, ministro do STF e um dos mais ferrenhos críticos da ex-mandatária. Em seu elegante consultório, ao lado do Vila Nova Star, em São Paulo, ela falou a VEJA sobre como é trafegar entre os mundos da rede pública e privada de assistência, os benefícios de atender pessoas influentes e os desafios para garantir a segurança dos pacientes contra assédios e estupros.

É difícil ser médico de artistas e políticos tão relevantes, a exemplo da cantora Anitta? Ser médico de artista e de político é ser médico, independentemente da classe social, gênero, profissão ou do que a pessoa representa para a sociedade. Mas, muitas vezes, o contato me ajuda a fazer com

que esses indivíduos, de voz influente, gerem oportunidades para que os outros sejam ouvidos. É minha chance para ser a voz do povo com eles e falar sobre o que pode ser melhorado. O complexo do Hospital das Clínicas, em São Paulo, é um minirretrato do Brasil. Temos 3 000 leitos hospitalares do SUS com todo tipo de complexidade, ao mesmo tempo que fazemos pesquisa e formamos pessoas. Vivo os dois mundos da saúde no país.

Esses dois mundos conversam? Sim. As pessoas perguntam o que podem fazer. Já tratei muitos pacientes particulares que hoje são doadores, e antes não eram.

Há diferença no atendimento mesmo quando ele é feito na rede pública de instituições de referência como a USP? Sim. Embora todos tenham direito à saúde, no servi-

“O contato com artistas e políticos me ajuda a fazer com que eles gerem oportunidades para que outros sejam ouvidos. É minha chance de ser a voz do povo e falar o que pode ser feito”

ço público não conseguimos fazer uma entrega de maneira única. Existe distinção nos procedimentos, no tempo de espera, na eficiência. Tentamos fazer o melhor, mas a verdade é que temos tratamento A no privado e B no público.

Qual sua avaliação sobre o combate à pandemia de Covid-19 no Brasil? Não fomos bem. Houve atraso em reconhecer a gravidade da doença logo no início, na compra de equipamentos de proteção individual para os profissionais de saúde, de remédios e vacinas, além da falta de congruência e transparência de informações. Sem falar no charlatanismo, papel triste de um grupo de brasileiros que defendeu métodos de prevenção e de tratamentos sem comprovação científica. E quem sofreu foi a população, especialmente a mais vulnerável. Os dados mostram que o número maior de mortes foi registrado nos estados mais pobres e entre os negros, pardos e indígenas.

A senhora vê alguma mudança no enfrentamento da varíola dos macacos? Estamos cometendo os mesmos erros. Fala-se da proliferação dos casos há alguns meses, mas até agora não dispomos de vacinas, enquanto os Estados Unidos já imunizam seus cidadãos. Temos o Instituto Butantan, a Fundação Oswaldo Cruz e outras instituições que fariam os imunizantes se recebessem os insumos, mas faltam elementos para gestão de crise de saúde, como é o caso do surto da doença.

Qual era a expectativa em relação ao desempenho do Ministério da Saúde depois que o cardiologista Marcelo Queiroga assumiu a pasta, após a saída do general Eduardo Pazuello? Nós, médicos, sempre queremos um ministro da Saúde médico. Queiroga foi um excelente presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia, mas ser o titular da pasta na condição atual é muito mais complexo. Exige o apoio do Executivo e dos líderes do Legislativo. Torcemos muito para que o ministério saísse da gestão feita por um militar, mas não vimos resultados da troca até agora.

Como ficou sua relação com o presidente Jair Bolsonaro

depois que recusou o convite para assumir o ministério após a saída de Pazuello? Não tinha relação anterior com ele. Eu o conheci na noite em que ele foi esfaqueado *(6 de setembro de 2018)*, em Juiz de Fora, porque fui atendê-lo. Quando Pazuello saiu, recebi seu convite para conversar. Mas não houve convergência e vi que não poderia fazer meu trabalho como gostaria.

Na época, a senhora sofreu ataques dos bolsonaristas. Eles continuam? Não. Foi uma onda do mal que passou.

Aceitaria o convite para ser ministra da Saúde em outra gestão? Não tenho pretensão política. Minha vida é a medicina e a educação. Sonho em fazer a universidade

crescer e participar dos debates da saúde. Estou sempre pronta para discutir esses temas.

Quais seriam as prioridades do futuro ministro? Revisar o financiamento da saúde é um deles. O déficit só aumenta e a complexidade da assistência também. Além disso, é preciso cuidar da gestão dos recursos e dar mais espaço às parcerias público-privadas.

De que tipo? No InCor, temos acordos de colaboração com faculdades e instituições particulares por meio dos quais treinamos os alunos e, como contrapartida, existe a possibilidade de levarmos nossos estudantes para conhecer tecnologias que só existem na rede privada. É um modelo que pode ser replicado para melhorar a assistência. Os benefícios são bilaterais. Desde que haja respeito institucional das partes e acordos sem corrupção, há ganhos para os profissionais de saúde e principalmente para os pacientes.

A senhora tem defendido um olhar mais rigoroso também para a rede suplementar e particular. Por quê? É preciso que sejam feitas auditorias nesses estabelecimentos. Existem instituições de grande excelência, sem dúvida, mas há aquelas que oferecem tratamentos de qualidade ruim. Não importa se é SUS, particular ou suplementar. Muda apenas a fonte pagadora, mas o cliente é o paciente.

Não ter informações sobre o sistema de saúde como um todo é um problema histórico no Brasil. Como superá-lo? Os dados são dispersos. É preciso povoar o ministério com técnicos capacitados em todas as áreas, incluindo gente que entenda de inteligência artificial para que tenhamos não somente o levantamento de informações, mas sua interpretação correta. No dia em que recebi o convite para assumir o Ministério da Saúde, só veio na minha cabeça uma coisa: apenas aceitaria se pudesse levar também as melhores pessoas de áreas como epidemiologia e estatística.

A senhora foi uma das primeiras pessoas a assinar a Carta aos Brasileiros, documento em favor da democracia e do estado democrático de direito. Isso pode prejudicar sua relação com pacientes que discordam do movimento? Não enxergo assim. Estamos vivendo uma crise

“Tenho certeza de que meu caminho foi mais difícil por ser mulher. Sofri agressões verbais. Colegas me diziam: ‘Mas você é mulher e vai se candidatar a este cargo? A posição sempre foi de homens’ ”

moral e social com impacto direto na saúde, educação e cultura. Temos de entender o poder da sociedade civil para mudar isso. Quantas ditaduras caíram por causa dessa força? A carta não tem nada a ver com discurso eleitoral. Ela fala sobre a manutenção da democracia. Deverei estar presente no dia 11 de agosto no ato de sua leitura. É a oportunidade de gritarmos que estamos lá para defender a democracia, a lisura do processo eleitoral e o estado de direito.

Recentemente, o Brasil ficou chocado com o episódio do anestesista Giovanni Bezerra, que estuprou uma paciente dentro do centro cirúrgico. O que explica casos assim? É preciso melhorar a proteção do paciente. Em instituições sérias e auditadas, um dos focos é garantir sua segurança. No centro cirúrgico, o médico nunca pode ficar sozinho com o paciente, por exemplo. No caso do anestesista, a vítima foi uma parturiente. Mas ela tinha direito a um acompanhante, como determina a lei, pouco conhecida. E mesmo que a gestante ou o acompanhante peçam para que alguém fique junto antes, durante e depois do nascimento da criança, há lugares que lhes negam esse direito. Fica valendo a superioridade do médico, dizendo que ali não pode. O médico não é Deus. Estamos ali para trabalhar e cumprir o que determina a legislação.

O que é possível fazer para melhorar a segurança do paciente? Defendo a instalação de câmeras nos centros cirúr-

gicos. A Coreia do Sul fez isso e está dando certo. Por aqui, o tópico é controverso. Existem argumentações de que isso exporia o paciente. Porém, ele pode saber que está sendo filmado e, assim como o profissional que o assiste, assinar um termo autorizando a gravação. Em caso de suspeita ou denúncia, está tudo registrado. Além disso, só saber que está sendo filmado já funciona como um freio.

A violência contra a mulher tem hoje mais atenção por parte dos conselhos regionais de medicina? Sim. Eles estão dando mais importância ao tema. Quando houve a divulgação do caso do anestesista, discuti com conselheiros da regional de São Paulo a questão das câmeras.

Então os conselhos regionais estão menos corporativistas? Eles têm de mudar. Há uma mobilização dentro dos CRMs para punir os responsáveis e implementar políticas de prevenção de situações do gênero.

Já sofreu algum tipo de assédio? Não. E se tivesse passado por isso, teria denunciado.

E discriminação por ser mulher, considerando que a medicina, e a cardiologia, especialmente, eram redutos predominantemente masculinos? Tenho certeza de que meu caminho foi mais difícil por ser mulher. Sofri agressões verbais ao longo da minha carreira.

De que tipo? Colegas homens que me diziam: “Mas você é mulher e vai se candidatar a este cargo? A posição sempre foi de homens e você terá de ser muito forte para alcançá-la”. Frases assim eram pronunciadas como algo normal. Mas elas denunciam diferenças que alguns ainda fazem em relação às mulheres. No meu caso, elas me tornaram mais forte. ■

IMAGEM DA SEMANA

É HORA DE CONTAR QUEM SOMOS

COM UM VIGOROSO empurrão do Superior Tribunal Federal (STF), o governo finalmente deu início ao Censo 2022 após dois anos de adiamentos causados pela pandemia e por supostos problemas orçamentários. Pressionadas pela Justiça, as autoridades federais foram

MARCELINO LUIS/FOTOARENA

obrigadas a destinar 2,3 bilhões de reais para uma operação que, entre outros benefícios, permite conhecer melhor o país sob diversos ângulos e estruturar de forma eficiente políticas públicas. A despeito do desdém do Planalto pela iniciativa, **o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) levou para as ruas 183 000 recenseadores.** Os agentes estarão uniformizados com o colete azul do instituto, boné do Censo e crachá de identificação. Seu objetivo: percorrer rigorosamente todos os 5 570 municípios brasileiros. Para isso, os craques da pesquisa visitarão 89 milhões de endereços, sendo 75 milhões de domicílios.

Na nova edição do Censo, haverá menos perguntas nos questionários, em mudança prevista desde 2020.

Informações sobre os moradores, identificação étnico-racial, registro civil, educação, rendimento do responsável pelo domicílio e mortalidade estão entre os temas abordados. Na versão ampliada entram ainda trabalho, rendimento, religião, deficiência e autismo.
A seleção da amostra é aleatória e feita automaticamente no dispositivo móvel do pesquisador. A expectativa é que nos próximos meses sejam contabilizados para efeito de estudo cerca de 215 milhões de pessoas.
Sem dúvida, trata-se de uma ferramenta civilizatória. ■

Alessandro Giannini

REDETV

MOTIVAÇÃO Uchôa: críticas a Bolsonaro e preocupação com a violência eleitoral

"POLÍTICA NÃO É ALGO RUIM"

Após trabalhar por 38 anos na TV Globo, onde se tornou um rosto conhecido por cobrir dez Olimpíadas e oito Copas do Mundo, o jornalista enfrenta seu maior desafio: ser eleito deputado pelo Rio

Por que resolveu entrar para a política? Quando eu saí da Globo, recebi uns quinze convites de coisas bem interessantes, mas queria algo diferente. Cheguei a pensar em ajudar uma ONG, mas nenhuma ONG é maior que a política. Era a chance de dar uma contribuição em um momento particularmente delicado no Brasil. Se não fosse Bolsonaro, se fosse um outro presidente e em outra situação, eu não sei se estaria entrando para a política. Bolsonaro piorou tanto a conversa e o clima na sociedade que todo mundo que puder deveria participar.

Como tem sido a reação do público? As pessoas ficaram muito felizes, falam "cara, que legal, que coragem, que bom". Mas também dizem "não entra, você vai se queimar, esse negócio é pesado, tem muita sujeira". Essa reação reflete o que construímos, que é uma certa desmoralização da política. É uma coisa meio louca porque a política somos nós todos e o mundo que a gente quer viver. Então como achar ruim entrar para a política?

É atacado por ter sido da Globo? Na rua, não. Tem gente que fala "adoro seu trabalho, mas acho que você não deveria entrar na política". Só isso, e, mesmo assim, muito pouco. Mas nas redes sociais tem gente falando mal, xingando. É do jogo. Eu só me preocupo muito com a violência. A morte do petista por um bolsonarista em Foz do Iguaçu mostra que as pessoas estão completamente loucas em relação ao que é pensar diferente.

Por que o PSB e o apoio a Lula? Os pais do meu pai fugiram do Recife por causa de perseguição política. Meu pai foi exilado, saiu em 1964 e voltou na anistia, em 1980. Lá fora é muito nítido o que a corrupção do Rio significou para o Brasil. Cinco governadores foram presos, um sofreu impeachment. Eu pensei: quem tem a melhor chance de quebrar essa sequência? É o Marcelo Freixo (PSB), porque o Cláudio Castro (PL) é mais do mesmo. Cobri viagens do Lula, FHC, Dilma. Vi o respeito que o Brasil tinha lá fora. O Bolsonaro jogou tudo no chão. Lula é hoje quem tem mais chances de derrotá-lo.

O jornalismo profissional, alvo constante de Bolsonaro,

tem cumprido bem o seu papel? Há três episódios recentes em que não foi bem: nas manifestações de 2013, no que eu chamo de golpe da Dilma e durante a Lava-Jato. A grande mídia, e isso inclui a TV Globo, ficou um pouco satisfeita de ficar como observadora, e pouco crítica em relação ao que estava acontecendo. ■

Victoria Bechara

MUITO ALÉM DAS QUADRAS

ÍDOLO Russell, que jogava pelo Boston Celtics: uma das primeiras grandes estrelas da NBA

DICK RAPHAEL/GETTY IMAGES

Antes de Michael Jordan e do Chicago Bulls. Antes mesmo de Pelé e da seleção canarinho, houve um outro multicampeão que fascinou o mundo em disputas coletivas: o pivô **Bill Russell,** dono de onze títulos em treze temporadas da NBA pelo Boston Celtics, a partir de 1956. Ao lado de Wilt Chamberlain, ele foi uma das primeiras grandes estrelas da modalidade. Desde 2009, o troféu de MVP — o melhor jogador — das finais da NBA leva o nome de Russell. Em sua carreira fez uma média de espetaculares 15 pontos por partida, mas se destacou realmente na defesa, com média de 22 rebotes. Seu tipo de jogo mudou para sempre os fundamentos na retaguarda no basquete, com atenção permanente na trajetória da bola, mais do que no movimento dos atletas.

Russell foi grande dentro e fora das quadras — como o pugilista Muhammad Ali, sempre se postou contra o racismo nos Estados Unidos. Em 1966, depois de pendurar os tênis, começou a trabalhar como treinador — o primeiro negro na NBA. Deu esse passo em um momento turbulento da sociedade. Na primeira entrevista para a imprensa, um dos jornalistas fez a pergunta que todos esperavam: "Consegue treinar brancos sem preconceito?". A resposta, esclarecedora como um panfleto, ecoaria anos depois: "Não lembro de ninguém ter perguntado a um técnico branco se ele poderia treinar negros sem preconceito". Russell morreu em 31 de julho, aos 88 anos, em Mercer Island, no estado de Washington, de causas não reveladas pela família

O AMOR PELO ESPORTE

O empresário **João Paulo Diniz,** filho de Abilio Diniz, tinha especial fascínio pelo esporte, especialmente as provas de resistência, a exemplo das maratonas e ultramaratonas. Foi um dos idealizadores da Maratona de Revezamento Pão de Açúcar, marco histórico desse tipo de corrida no Brasil. Era ele quem incentivava o grupo da família a colocar dinheiro em modalidades olímpicas. No fim dos anos 1990, contudo, ele foi diagnosticado com uma hipertrofia do miocárdio, doença congênita no coração que costuma acometer atletas. Diminuiu a toada, mas nunca abandonou totalmente as pistas e academias. João Paulo morreu no domingo, 31, aos 58, depois de sofrer um mal súbito em sua casa no condomínio de Laranjeiras, próximo a Paraty, no Rio de Janeiro. Em 2001, ele sobrevivera a uma queda de helicóptero na praia de Maresias, no Litoral Norte de São Paulo. Na tragédia, morreram sua então namorada, a modelo Fernanda Vogel, e o piloto. João Paulo e o copiloto sobreviveram ao nadar 2 quilômetros do ponto do acidente até a praia.

FERNANDO MORAES

ESTILO DE VIDA João Paulo Diniz: o empresário, filho de Abilio Diniz, era fascinado por resistência física

MUITAS
Maria Fernanda: papéis diferentes e atuação política

REDE GLOBO

RAINHA DA VERSATILIDADE

Filha da poetisa Cecília Meireles, **Maria Fernanda** brilhou nos palcos de teatro e nas telas de televisão e cinema com inigualável variedade de personagens. Foi a Ofélia de *Hamlet* e a Blanche DuBois de *Um Bonde Chamado Desejo*. Trabalhou nas novelas *Gabriela* e *Pai Herói*. No longa *Carlota Joaquina, Princesa do Brazil,* interpretou a rainha Dona Maria, a Louca. Durante a ditadura militar, ele se destacou por liderar os artistas contra a censura e chegou a ser presa. Morreu aos 96 anos, em 30 de julho, no Rio, de infecção bacteriana no pulmão. ■

FERNANDO SCHÜLER

A BANALIZAÇÃO DA DEMOCRACIA

VIRAMOS O PAÍS dos manifestos. De um lado, a "carta pela democracia"; de outro, o "manifesto pelas liberdades". De um lado, desconfia-se de que qualquer crítica às urnas eletrônicas seja, na prática, um ataque à democracia; de outro, que a "defesa da democracia" não vá muito além de uma jogada eleitoral. Um colega sarcástico resumiu tudo de um jeito simples: "Quem não gosta do Bolsonaro assina uma, quem gosta assina outra". E completou: "Leva o troféu da democracia quem fizer mais barulho na internet". Talvez ele tenha razão, mas prefiro ver nisso tudo um sintoma. A democracia entrou no debate eleitoral. Deveríamos estar discutindo sobre como fazer o país crescer e erradicar a pobreza, mas parece que voltamos à adolescência dos anos 80, 34 anos depois da Constituição.

As responsabilidades por esse estado de coisas começam com Bolsonaro. Ele poderia ter optado por ser um conservador litúrgico, mas seguiu a trilha do populismo eletrônico. Desde o início, pautou-se por uma fraseologia dúbia no tema democrático. Frases do tipo "Ou eleições limpas,

ou não teremos eleições" foram jogando desconfiança no debate público. Um graduado do governo me diz que é só discurso, que o presidente é apenas "autêntico". Respondi que as palavras contam na democracia. Foi com palavras que Trump atiçou os "cabeças de bisão" na invasão do Capitólio. E, cá entre nós, não foram apenas palavras. Houve processos do governo contra cidadãos, usando a finada Lei de Segurança Nacional. Um deles foi contra o Guilherme Boulos, por um tuíte falando de Luís XIV e da guilhotina. Obviamente não deu em nada. O Executivo é um tigre sem dentes nessas coisas, mas deu o sinal que ajudou a colocar lenha na fogueira que vai queimando por estes dias.

O Supremo e o TSE são tigres de verdade e foram bem

além da retórica. Além do discurso oposicionista e nada litúrgico por parte de alguns ministros, um dos quais comparando o país à Alemanha dos anos 30, criou-se em Brasília um ensaio de Estado policial. O inquérito das *fake news* reinstalou a censura prévia no país. Jornalistas foram presos sob acusações vagas de "ameaça às instituições"; blogueiros foram censurados por mentir sobre as urnas eletrônicas; criou-se o "crime de inverdade", à revelia da Constituição, e ao menos um partido, o PCO, foi censurado sob acusação de "ameaçar a democracia". Tudo sob o aplauso da oposição e parte relevante da imprensa.

A oposição desde sempre apostou na lógica do "inominável". "Bolsonaro só é legítimo formalmente", escutei em um debate. No mais, é uma "doença a ser extirpada". O que disser,

SENSATEZ? Nervosos e apaixonados de lado a lado: um grito de isenção

é *fake;* o que fizer, é uma "ameaça". E qualquer dado positivo, na economia, é obra do acaso. No Brasil, confundimos fazer oposição com um tipo de guerra de extermínio, e isso não vale apenas para a atual oposição. A lógica do "risco democrático" é infalível. Mesmo que não exista golpe nenhum, quem dirá que não há um risco? Quem dirá que não devemos estar "vigilantes", como escutei de um bom interlocutor. Tudo devidamente embalado pela tese vaporosa das "democracias que morrem por dentro", que permite, no limite, qualquer argu-

SEAN GLADWELL/MOMENT/GETTY IMAGES

“É preciso saber criticar o gesto autoritário, venha ele de onde vier”

mento impressionista. Um tuíte esquisito do general Heleno? Uma recusa de investigação por parte da PGR? As rachadinhas? Aquela frase sobre o “nosso Exército” no Maracanãzinho? Não seriam sinais? É nessa toada que passamos os últi-

mos anos. O “golpe da fumacinha”, naquele desfile de tanques, em Brasília; o “golpe do general Braga Netto”, que teria ameaçado o presidente da Câmara para aprovar o voto impresso; o “golpe do Sete de Setembro”, quando aconteceria, segundo editoriais, a “invasão do Congresso”. Tudo isso pode soar um tanto ridículo, mas foi pauta da espuma política brasileira nos últimos anos.

Fiz um teste. Conversei sobre os manifestos com um ilustre opositor e um ilustre apoiador do governo. O primeiro me disse: então vamos silenciar diante das “ameaças” de Bolsonaro? O segundo inverteu o problema: então vamos silenciar diante das “agressões” do STF? De certo modo, ambos tinham razão. Seu problema era o olhar caolho. A polarização extrema é um dilema do prisioneiro em que ambos

os lados jogam “trair”. E a solução possível é observar o jogo a certa distância. Saber criticar a palavra e o gesto autoritário, venha ele de onde vier. É pífia a posição que se esquece do uso da Lei de Segurança Nacional, feito pelo governo, tanto quanto é o “faz de conta que não viu” de muita gente sobre a volta da censura prévia no país. É apenas com alguma isenção que se pode encarar essas coisas. Eles deixam nervosos os apaixonados, de lado a lado, mas o fato é que de passionalidade estamos cheios no Brasil atual.

O Brasil soube fazer reformas cruciais nos últimos anos. Isso nos permite hoje ter um Banco Central independente, tomando medidas duras contra a inflação; um diretor da Anvisa capaz de peitar o presidente da República, porque fizemos a lei

das agências reguladoras; uma transferência de renda robusta, que exige agora formas de inserir as pessoas no mercado; e o melhor ambiente para parcerias público-privadas da América Latina, segundo o BID, porque temos o PPI e modernizamos legislações, como o novo marco do saneamento. O que o país deveria discutir, independentemente de quem vai assumir o comando em janeiro, é como fazer tudo andar para a frente, e não para trás.

Por estes dias me lembrei de uma frase de Obama, nas comemorações dos cinquenta anos de Selma. “Se não temos a consciência do quanto avançamos”, disse ele, “terminamos por perder nosso sentido de urgência.” Ele se referia aos direitos civis, e sob certo aspecto é disso que tratamos no Brasil. Nosso pacto democrático, que jamais deveria ser ba-

nalizado. Valores que há muito decidimos que não estariam mais em jogo. O fim da censura prévia, a transição pacífica de poder; a responsabilidade fiscal e as poucas reformas econômicas que fizemos, e que hoje nos permitem gerar empregos e ter alguma perspectiva de crescimento. Em especial, jamais deveríamos ceder à tentação de usar a democracia como arma política. Nem governo nem oposição. A democracia não tem dono, é um patrimônio comum. Reconheço que esse raciocínio vai na contramão da atual excitação política, mas quem sabe logo ali adiante ele será o pão de cada dia de nossa vida republicana. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

SOBE

CARTA EM DEFESA DA DEMOCRACIA

Desdenhada por Jair Bolsonaro, a "cartinha" de juristas e professores da Faculdade de Direito da USP contabilizou mais de 700 000 assinaturas em poucos dias.

FERRARI

A mítica montadora registrou no segundo trimestre um lucro líquido recorde de 251 milhões de euros, alta de 22% em relação ao mesmo período do ano passado.

FUTEBOL FEMININO

Ao bater a Colômbia na final, a seleção brasileira conquistou de forma invicta pela oitava vez a Copa América.

DESCE

JOSÉ ROBERTO ARRUDA

A Justiça restabeleceu duas condenações por improbidade do ex-governador do DF e ele está de novo fora das eleições.

CVC

A empresa de turismo foi multada em 363 000 reais por vender passagens da Avianca em 2020 sem informar os consumidores sobre o risco de cancelamento dos voos. A companhia aérea estava em processo de falência.

BATGIRL

O filme de 90 milhões de dólares estrelado por uma atriz latina ficou tão ruim que teve seu lançamento cancelado pela DC.

VINCENZO PINTO/AFP

"Eu não acredito que vou poder continuar fazendo viagens com o mesmo ritmo de antes. Acredito que, com a minha idade e com esta limitação, tenho de me preservar um pouco para poder servir à Igreja ou para me afastar. Então, todo este tempo, com toda a honestidade, não é uma catástrofe. O papa pode mudar. Não há problemas com isso."

FRANCISCO, ao admitir pela primeira vez a possibilidade de seguir o caminho de Bento XVI

“Meu comportamento foi inaceitável e estou aqui para quando você estiver pronto para falar.”

WILL SMITH, ao pedir desculpas, pela primeira vez, pelo tapa que deu no rosto do humorista Chris Rock, na cerimônia de entrega do Oscar no início do ano

“Quem diz que as palavras ferem nunca levou um soco.”

CHRIS ROCK, ao responder a Smith

“Felizmente, nossa democracia conta com um dos sistemas eleitorais mais eficientes, confiáveis e modernos de todo o mundo, (...) uma Justiça Eleitoral transparente, compreensível e aberta a todos aqueles que desejam contribuir positivamente para a lisura do prélio eleitoral.”

LUIZ FUX, presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ao abrir os trabalhos do segundo semestre, em constatação óbvia, mas necessária, que nem mereceria chamar a atenção da sociedade brasileira em ano de eleições

“Não tem nada de racista em querer ter fronteiras seguras que funcionem. As pessoas estão cansadas.”

RISHI SUNAK, um dos candidatos a ocupar o cargo de Boris Johnson como primeiro-ministro do Reino Unido

“Não vejo uma onda de esquerda, vejo uma onda opositora. O governo argentino, por exemplo, não é de esquerda, apesar da retórica. O que temos é uma grande fragilidade das instituições clássicas da democracia, uma grande e perigosa fragilidade dos partidos, e tudo isso gera mudanças.”

JULIO MARÍA SANGUINETTI, presidente do Uruguai em dois períodos (1985-1990 e 1995-2000), ao tratar do enfraquecimento dos partidos políticos e da ascensão do populismo na América Latina

“A política de deportação para Ruanda é correta. Estou determinada também a buscar outros países para parceria semelhante.”

LIZ TRUSS, oponente de Sunak

“Era um casal que passou quinze anos fazendo amor o dia inteiro.”

MICHAEL SULLIVAN, compositor, sobre a parceria com Paulo Massadas

“Eu nunca aceitei nenhum tipo de preconceito ou de limitação. Tantas vezes fui questionada sobre esse tema, na verdade, em todas as fases da minha existência.”

BRUNA LOMBARDI, atriz e poeta, que acaba de completar 70 anos

"Eu querendo viver um romance, mas ninguém chega em mim quando eu saio? Galera, pode chegar."

YASMIN BRUNET, modelo, ex-mulher do surfista Gabriel Medina, solteira desde janeiro

INSTAGRAM @YASMINBRUNET

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Laísa Dall'Agnol e Lucas Vettorazzo

O efeito facada

Jair Bolsonaro definiu onde começará oficialmente sua busca pela reeleição. No primeiro dia de campanha, o presidente voltará ao local da facada, em 2018, em Juiz de Fora (MG), numa espécie de reedição do evento público que marcou sua vida. Depois, deve participar de um ato religioso.

A palavra de Deus

As escolhas do presidente por "um lugar aberto" e pelo tom religioso da agenda buscam resgatar o discurso

A ORIGEM Jair Bolsonaro: o primeiro dia da campanha será em Juiz de Fora

RAYSA LEITE/AFP

de "escolhido de Deus" para governar o Brasil depois de sobreviver ao ataque.

Quer me derrubar

Bolsonaro detonou Roberto Jefferson nesta semana numa conversa. A candidatura de Jefferson ao Planalto tira dele valioso tempo de TV do PTB e libera diretórios da sigla a ignorar o projeto bolsonarista em diferentes estados.

Na mesma vibração

Duda Lima, Sergio Lima e Fabio Wajngarten formam hoje o núcleo duro da campanha bolsonarista com Walter Braga Netto. Estão 100% alinhados.

Uma longa batalha

De um importante conselheiro de Lula sobre as pesquisas desta semana: "Lula nunca acreditou que venceria no primeiro turno. Esse discurso acabou".

Rasteira desnecessária

Marcelo Freixo se filiou ao PSB por orientação de Lula, numa clássica barriga de aluguel. A ameaça de desembarque do PT agora deixará feridas.

Ato de desespero

Na quarta, numa dura reunião, o PT exigiu a queda de Alessandro Molon do comando do PSB no Rio — e quase levou. Carlos Siqueira segurou.

Desavença no palácio

No domingo, Bolsonaro e Gilmar Mendes tiveram uma dura conversa no Alvorada. O presidente rejeitou Ney Bello no STJ e ouviu uma avaliação sem ro-

deios do decano. “O senhor cometeu um profundo erro com o Ney”.

Requintes de crueldade

Na quinta, o Planalto chegou a confirmar a aliados de Bello que ele seria indicado. O desembargador “dormiu ministro”, depois de receber inúmeros telefonemas com congratulações.

Troca de farpas

Um “alerta” de que Bello seria alvo de uma “grave denúncia” fez o Planalto segurar a indicação ao STJ. A partir daí a coisa ficou tão feia que levou Nunes Marques e Gilmar Mendes a brigarem por telefone no fim de semana.

Foi ele

No fim, Bolsonaro ligou para Ney Bello para se desculpar: “Sei que prometi, mas o Kassio não queria”.

Terá volta

Os aliados de Ney Bello no mundo político vão tentar tumultuar a sabatina dos escolhidos por Bolsonaro ao STJ.

Boa notícia

Os atos bolsonaristas de 31 de julho, anunciados como “ensaio dos ataques ao STF”, revelaram-se um profundo fracasso de organização. Ainda bem.

Ameaça velada

A PGR fez circular nesta semana que os procuradores que assinarem o manifesto pela democracia terão problemas com a corregedoria do órgão.

Contagem regressiva

A grande preocupação no

STF e no meio jurídico de Brasília nestes dias é a chegada de Moraes ao comando do TSE. "O Brasil será outro a partir do dia 16", diz um importante interlocutor do STF sobre a posse do magistrado.

Munição pesada

Moraes, segundo essa fonte, chegará ao TSE com uma lista de decisões a assinar contra as milícias digitais bolsonaristas. Há a previsão de que o ministro cobre a PGR a agir também.

O pacificador

Vice-presidente do TSE e amigo de Moraes, **Ricardo Lewandowski** tem sido procurado para atuar como pacificador na Corte. Se Moraes de fato decidir guerrear com o bolsonarismo, o ministro será uma espécie de "amortecedor" das crises que virão.

NELSON JR./SCO/STF

PAZ E AMOR
Lewandowski: ele deve ser o mediador de crises no TSE

Saída estratégica

Depois de implodir a aproximação de Lula e Michel Temer, Dilma Rousseff tirou uns dias para viajar. Passa os próximos cinco dias na Colômbia.

Razão da minha ausência

Michelle desistiu de ir a um evento da campanha de Bolsonaro nesta semana porque descobriu que a organização do convescote estava vendendo entradas para o encontro.

A sétima arte

O TSE vai virar cenário de filme. Os salões do tribunal serão abertos a oitenta artistas do elenco do filme *As Polacas*.

Batalha nos tribunais

A Embraer trava uma briga judicial com o Google. Motivo: estelionatários usaram e-mails da plataforma para aplicar golpes em ex-funcionários.

Derrapadas verbais

Paulo Guedes disse outro dia que "ninguém aqui *(no governo)* gosta de massacrar o povo brasileiro", numa espécie de admissão da carnificina. Agora, admitiu furar o teto. A campanha está bem preocupada com as falas dele.

Férias animadas

Dados da Cielo mostram que julho foi um mês próspero para o setor de viagens: o faturamento subiu 100,8% no período. Locação de automóveis (+128,1%) e hotéis (+30,8%) estão entre os destaques.

Caridade militar

Bolsonaro pediu autorização do Congresso para doar ao Uruguai uma frota de onze blindados do Exército.

Tricolor de coração

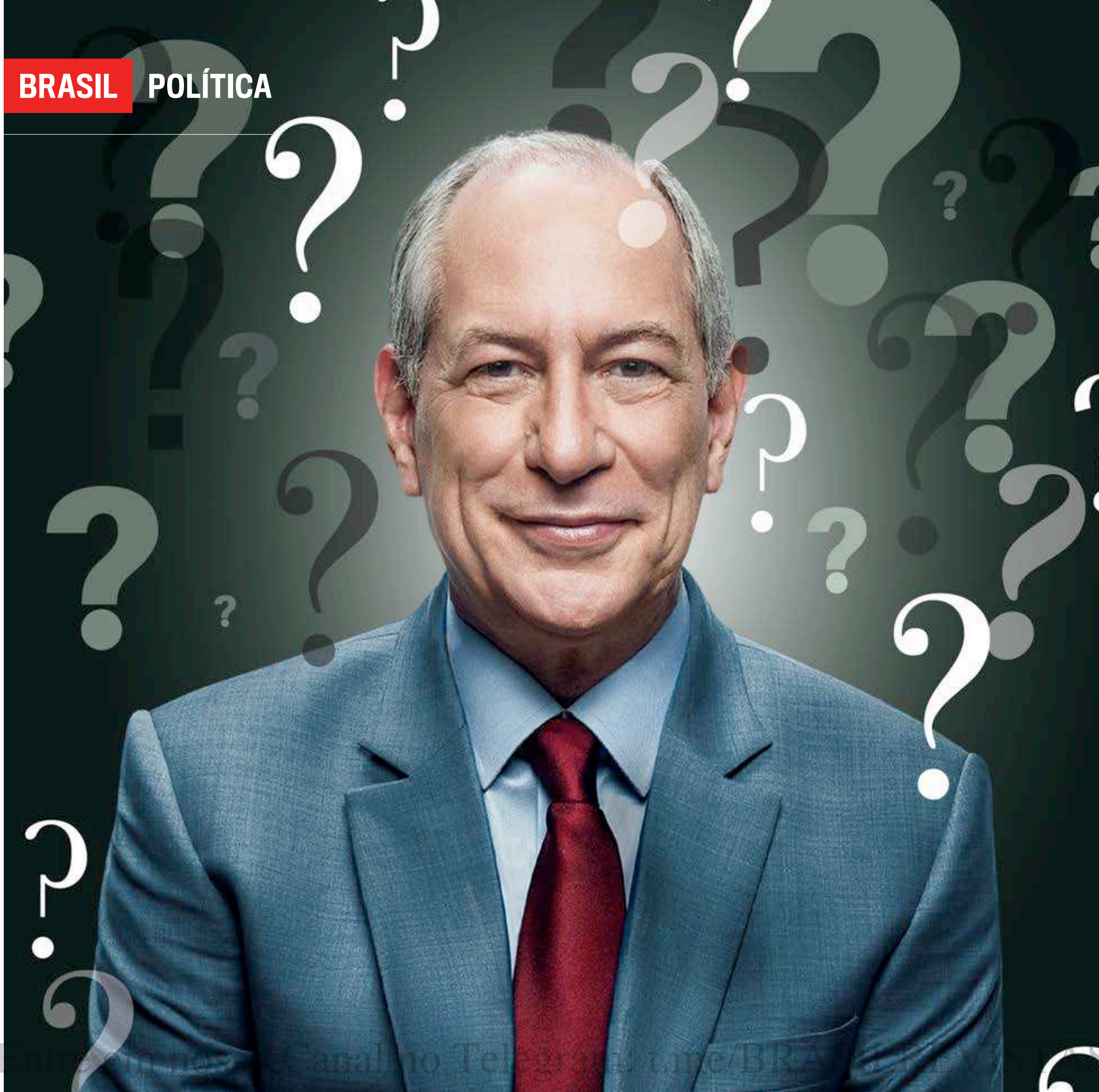
O governo de Cláudio Castro, no Rio, queimou 1,4 milhão de reais em incentivos fiscais da máquina estadual na festa de 120 anos do Fluminense.

Na malha-fina

A PF investiga transferências de 100 milhões de dólares do FPB Bank, de Nelson Pinheiro, a offshores. Seis pessoas foram intimadas a depor recentemente no caso, incluindo Pinheiro.

INJUSTIÇA Juliana: ela perdeu quase meio milhão de reais para um golpista

Era pirâmide

Em 2018, a musa **Juliana Paes** investiu quase 500 000 de reais num comércio de venda de carros. O suposto negócio era administrado por "empresários" que sumiram com o dinheiro. A atriz acionou a Justiça, que, recentemente, livrou o golpista. Que pecado. ■

OLHO NELE Ciro Gomes: mesmo distante dos líderes, o ex-ministro pode ser o fiel da balança desta disputa presidencial

O GRANDE ENIGMA

Em terceiro lugar nas pesquisas, Ciro Gomes aparece até aqui como o único nome com potencial para romper o favoritismo de Lula e Bolsonaro. Ao mesmo tempo, seu eleitorado pode migrar e definir a disputa ainda no primeiro turno. De um jeito ou de outro, a eleição de 2022 passa por ele

LETÍCIA CASADO

CAPA: MONTAGEM COM FOTO DE TWITTER @CIROGOMES

Cada eleição presidencial tem uma história diferente, com fatos e personagens específicos que se tornam determinantes para o resultado final. Em 2002, ano da primeira campanha vitoriosa de Lula, a maioria do eleitorado queria mudança, mas uma parcela significativa se mostrava preocupada com a política econômica que seria adotada pelo PT em caso de vitória do partido. Lula, então, lançou a estratégica Carta ao Povo Brasileiro, com a qual assumiu compromissos caros a empresários e banqueiros e consolidou seu favoritismo no páreo. Em 2018, Jair Bolsonaro já figurava em primeiro lugar nas pesquisas quando foi vítima de uma facada. O atentado quase lhe custou a vida, mas, em termos meramente eleitorais, serviu de impulso para que o então deputado de baixo clero conquistasse o Palácio do Planalto. Em 2022, o enredo ainda está sendo escrito. Até aqui, Lula e Bolsonaro despontam como favoritos, e há consenso de que a pauta principal do debate será a economia, mas uma série de variáveis torna o desfecho da disputa indefinido. Entre elas, destaca-se a candidatura do ex-ministro Ciro Gomes (PDT), que pode ser o fiel da balança na próxima corrida presidencial.

Em sua quarta tentativa de conquistar a Presidência, Ciro Gomes quer romper a polarização, consolidar-se como alternativa viável aos dois favoritos e chegar ao segundo turno. Hoje, esse cenário é considerado improvável, já que não alcança a casa dos dois dígitos nas pesquisas, nas quais aparece em terceiro lugar. Os votos prometidos a ele são insufi-

EVANDRO LEAL/AGENCIA ENQUADRAR/FOLHAPRESS

ELES, NÃO Ciro Gomes em campanha: estratégia do candidato do PDT é bater em Lula e Bolsonaro sem dó nem piedade

cientes para o seu projeto pessoal, mas, se mudarem de mãos, podem decidir a eleição já no primeiro turno. É justamente esse o sonho de Lula e, ao mesmo tempo, o pesadelo de Bolsonaro: ver os eleitores de Ciro optarem pelo voto útil e o apoio ao petista, que, assim, poderia liquidar a fatura já no dia 2 de outubro. De acordo com a mais recente pesquisa Datafolha, Lula tem 47% das intenções de voto, enquanto Bolsonaro e Ciro marcam, respectivamente, 29% e 8%. Nessa simulação, o ex-presidente alcança 52% dos votos válidos, o que lhe daria a vitória no primeiro turno, ainda que por uma margem muito apertada. Caso os votos de Ciro migrem de

RICARDO STUCKERT

CONTRA-ATAQUE Lula: ordem para avançar sobre eleitorado do pedetista

forma majoritária para Lula, uma decisão em turno único a favor do petista passaria da condição de possível para a de bastante provável. "Muita gente faz voto útil. Se o Ciro sofrer derretimento na reta final, a possibilidade de uma eleição resolvida no primeiro turno aumenta muito", afirma o cientista político Cláudio Couto, da Fundação Getulio Vargas.

Num primeiro momento, o desafio do ex-ministro é evitar o tal derretimento. Segundo o Datafolha, 66% de seus eleitores admitem mudar de voto. Do total, 36% dizem que apoiariam Lula e só 17% votariam em Bolsonaro. Por isso, a campanha do PT está jogando pesado para desidratar a can-

didatura de Ciro. Uma das estratégias adotadas é fechar alianças entre Lula e candidatos a governos estaduais do PDT que estão dispostos a abrir o palanque e pedir votos para o ex-presidente. É o caso do senador Weverton Rocha, que lidera as pesquisas para o governo do Maranhão. Rocha afirma que fará campanha para o colega de partido, mas deixa claro que apostará também na parceria com o petista: "Nos momentos difíceis de Lula, eu estive com ele, inclusive quando foi preso. Lula vindo, se me convidar, estarei junto. Tenho relação e proximidade com ele". Outra estratégia do PT é, para enfraquecer ainda mais a campanha de Ciro, isolar os candidatos do PDT nos estados, inclusive rompendo alianças firmadas entre as duas siglas. É o que ocorreu recentemente no Ceará, base eleitoral do ex-ministro.

O plano inicial era que as duas legendas lançassem ao governo cearense um candidato único, filiado ao PDT, para enfrentar o nome de Bolsonaro na disputa, Capitão Wagner (União Brasil). Os petistas defendiam a escolha da governadora Izolda Cela, mas Ciro Gomes bateu o pé pelo ex-prefeito de Fortaleza Roberto Cláudio, contrariando até mesmo seu irmão Cid Gomes, que é senador. Dentro do PDT, Cláudio ganhou o direito de ser candidato ao bater Izolda por 55 votos a 29 votos. Em reação, o PT rompeu a aliança e lançou para o governo o deputado estadual Elmano Freitas, avalizado por Lula. "Lamentavelmente, o PT vem se manifestando de uma forma extremamente hegemonista, como é a característica dele. Aqui no Ceará, rompeu uma

aliança de dezesseis anos porque queria que a candidata do PDT fosse quem eles determinassem. Se o PT não calçar as sandálias da humildade, isso pode atrapalhar os encaminhamentos de aliança entre os partidos no segundo turno *(da sucessão presidencial)”*, diz o líder do PDT na Câmara, deputado André Figueiredo.

A campanha de Lula não parece preocupada com esse tipo de alerta. Em Santa Catarina, o PT também desfez uma aliança com o partido de Ciro, isolando o candidato pedetista local. A ordem é sufocar o oponente até tornar a sua postulação inviável, mesmo que a candidatura presidencial seja mantida formalmente. Os petistas têm dito que o voto do eleitor de Ciro migrará naturalmente para Lula conforme a

polarização aumentar e se cristalizar a sensação de que apenas os dois líderes das pesquisas têm chances reais de vitória. Nesse contexto, alegam os petistas, haveria um movi-

A QUARTA TENTATIVA

Ciro Gomes já foi filiado a sete partidos — do PDS, que representava a ditadura militar, ao PPS (ex-partido comunista) — pelos quais já disputou oito eleições, ganhou cinco e perdeu três, sendo estas à Presidência da República

mento natural em defesa do voto útil em Lula entre os eleitores de esquerda e centro-esquerda — tudo para evitar a reeleição de Bolsonaro. Um exemplo frequentemente citado é a campanha de 2020 para a prefeitura de São Paulo, quando o eleitor de Jilmar Tatto (PT) migrou para Guilherme Boulos (PSOL), que tinha mais chances de ir ao segundo turno contra Bruno Covas (PSDB). Outros casos lembrados são as manifestações recentes das cantoras Vanessa da Mata e Anitta, que declararam voto em Lula. "Eu ia votar no Ciro, mas vou votar no povo. O povo está pedindo Lula, voto no Lula", disse Vanessa num show em julho.

Não é novidade para Ciro Gomes ser alvo do assédio do PT. Em 2010, quando ele estava filiado ao PSB, foi obrigado

a desistir da disputa presidencial por pressão de Lula e companhia, que apostaram as fichas em Dilma Rousseff. Abriu-se ali uma ferida que não cicatrizou com o tempo. O ex-mi-

1982

Deputado estadual
pelo PDS e pelo PMDB por dois mandatos

1988

Prefeito de Fortaleza pelo PMDB

nistro até participou da coordenação da campanha de Dilma no segundo turno e, em 2014, apoiou sua reeleição. Com tais préstimos, esperava uma retribuição no futuro. Em 2018, com a prisão e a inelegibilidade de Lula, considerava-se o candidato natural da esquerda ao Planalto. Mais uma vez, foi preterido. Lula lançou Fernando Haddad, que curiosamente havia defendido, antes de ser ungido, o apoio do PT a Ciro. Haddad chegou ao segundo turno contra Bolsonaro. Perto da votação, Ciro viajou a Paris e, desde então, é acusado de ter se omitido e contribuído para a vitória do ex-capitão. "Essa história de que eu não voltei para o Brasil para votar em 2018 é mentira. O que eu não fiz foi ir para palanque", declarou recentemente.

As investidas petistas têm, de fato, atrapalhado a performance do ex-ministro. Ciro Gomes foi anunciado candidato a presidente pela legenda em 20 de julho, no primeiro dia de

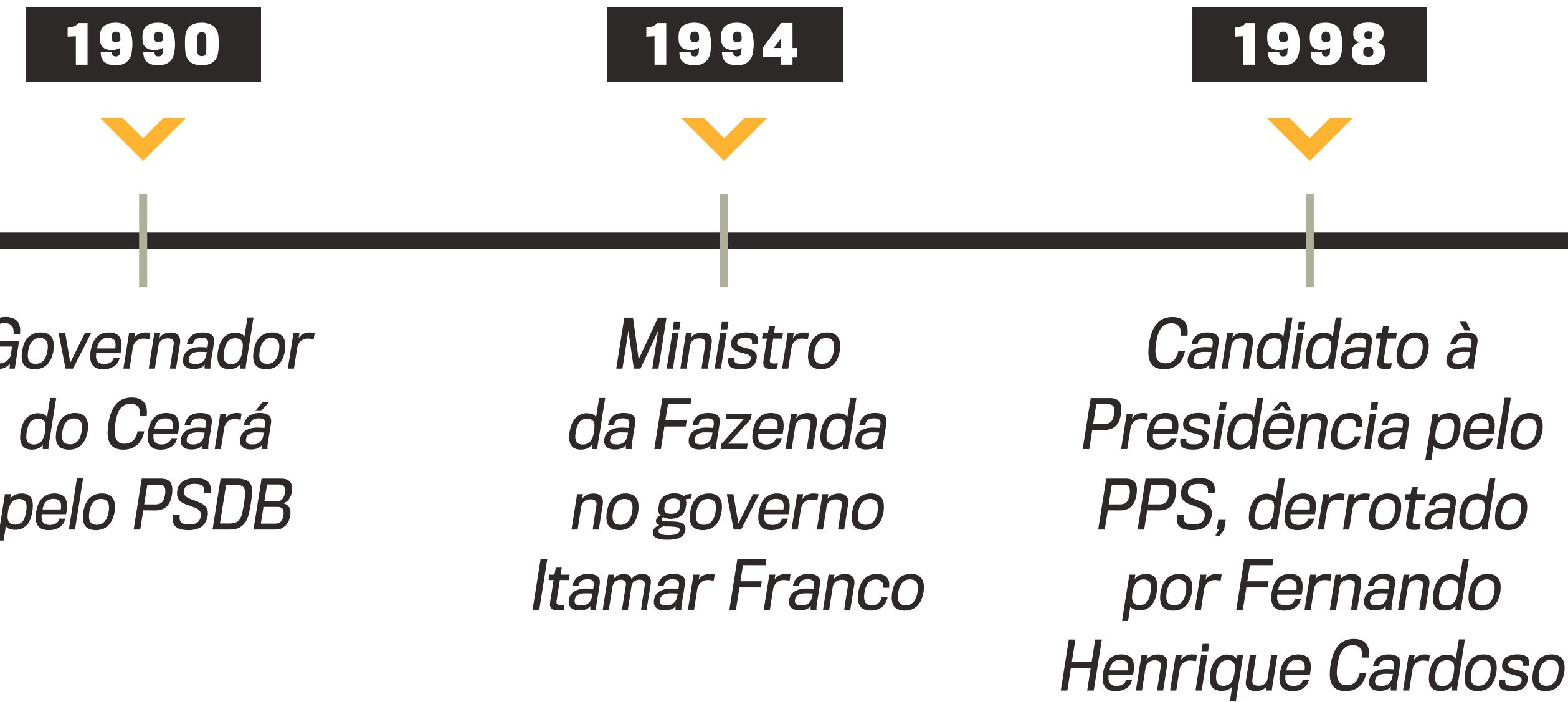
1990

Governador do Ceará pelo PSDB

1994

Ministro da Fazenda no governo Itamar Franco

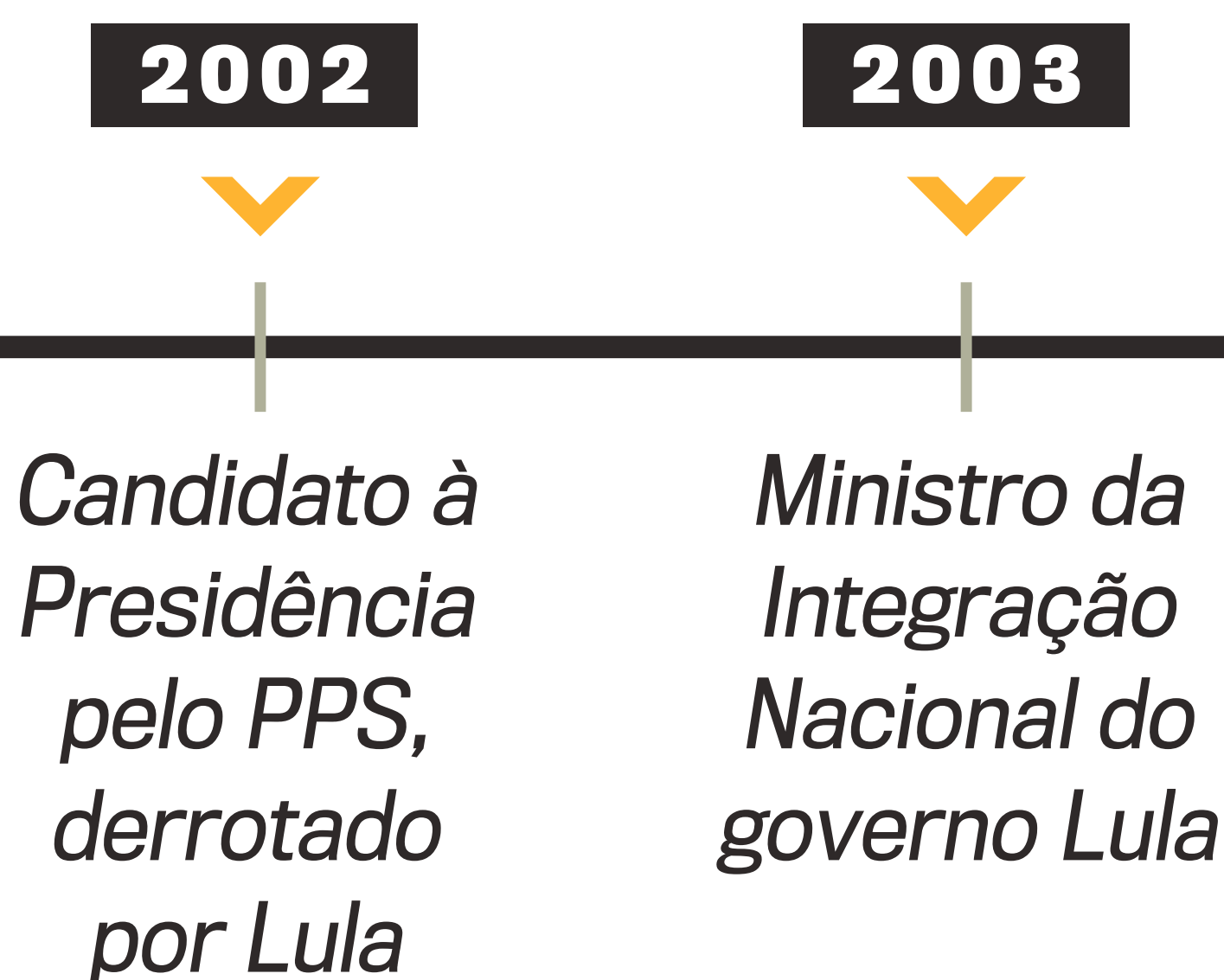
1998

Candidato à Presidência pelo PPS, derrotado por Fernando Henrique Cardoso

prazo para as convenções partidárias. Até agora, no entanto, não tem candidato a vice nem alianças fechadas com outros partidos. A VEJA, o presidente do PDT, Carlos Lupi, disse que estava conversando com o União Brasil, que lançou a senadora Soraya Thronicke ao Planalto, e com o PSD, "apesar de Gilberto Kassab preferir não ter candidato". Há um esforço da cúpula partidária — que sempre teve relações amistosas com Lula — em manter a aparência de apoio incondicional a Ciro. Nos bastidores, porém, é explícito um certo mal-estar com a falta de diálogo. A questão é que nada disso afeta o posicionamento político dele. Aos interlocutores mais próximos, o ex-ministro jura que não desistirá da disputa. Sua meta inicial é tirar Bolsonaro do segundo turno, quando enfrentaria — e, conforme seu prognóstico, derrotaria — Lula. De acordo com o Datafolha, o ex-presidente bateria Ciro por 52% a 33% em eventual segundo turno.

2002

Candidato à Presidência pelo PPS, derrotado por Lula

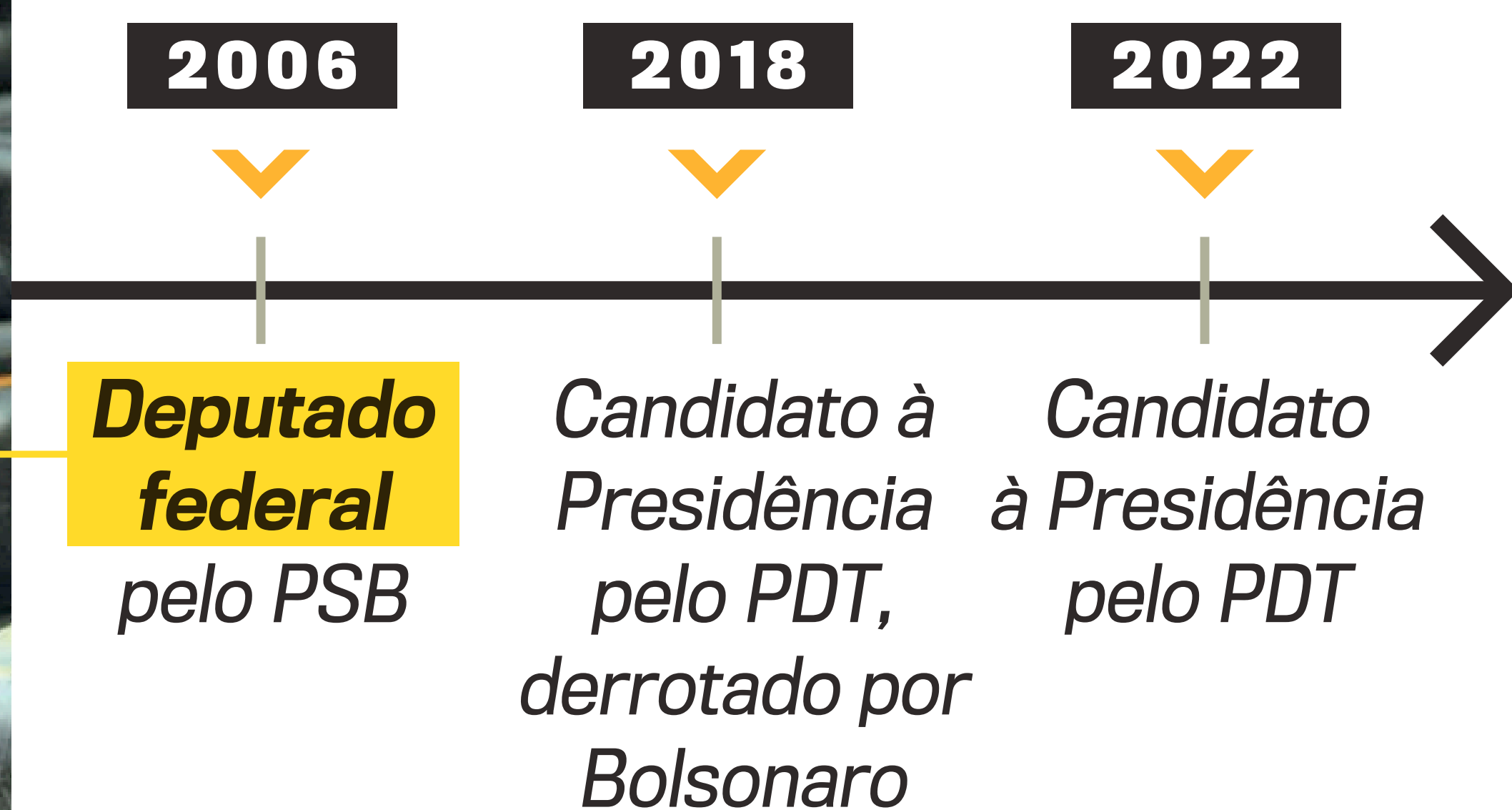
2003

Ministro da Integração Nacional do governo Lula

Para alcançar a façanha de passar para a reta final da votação, o ex-ministro tem batido sem dó nos dois líderes das pesquisas *(veja o quadro na pág. ao lado).* “Bolsonaro tem imensa culpa em tudo que está acontecendo, mas ele não é apenas causa. Ele é também efeito. Ele é efeito de um modelo econômico e de uma escola corrupta de governar que encaminharam o país, com pouquíssimos altos e muitíssimos baixos, para uma tragédia anunciada. Em catorze anos, o lulismo pariu Bolsonaro”, afirmou durante o discurso de lançamento de sua candidatura. “Por seus erros, Lula parece ter saído da prisão para aprisionar o Brasil em uma camisa de força. Por sua má índole, Bolsonaro, que chegou ao poder pelo voto, quer usar o voto para destruir as eleições e a própria democracia”, acrescentou na ocasião. No comando desse tiroteio está um experiente estrategista. Para tentar ganhar populari-

2006
Deputado federal *pelo PSB*

2018
Candidato à Presidência pelo PDT, derrotado por Bolsonaro

2022
Candidato à Presidência pelo PDT

CRISTIANO MARIZ/AGÊNCIA O GLOBO

CONVENIENTE Bolsonaro: o presidente, apesar dos petardos que recebe, torce para que Ciro mantenha a candidatura

dade e superar a casa dos dois dígitos, o PDT contratou para trabalhar com Ciro Gomes o marqueteiro João Santana, que fez campanhas vitoriosas de Lula e Dilma à Presidência antes de ser preso pela Operação Lava-Jato. "A inteligência da campanha é feita por ele, que é o grande coordenador da criatividade da marca, com um programa de governo simplificado e linguagem popular", diz Carlos Lupi, sem revelar quanto será investido pelo partido na corrida presidencial.

Foi de João Santana a ideia de transmitir vídeos estrelados por Ciro Gomes, nas noites de terça-feira, nos quais o

FLICKR @SIMONETEBETMS

NA MESMA RAIA Tebet: a candidata do MDB também busca o eleitor indeciso

candidato interage com influenciadores digitais e representantes da sociedade civil. O formato e o conteúdo são voltados para atingir o público jovem, faixa do eleitorado que seria mais propensa a optar por candidatos de esquerda e na qual o ex-ministro teria melhor desempenho nas pesquisas. Os vídeos contam com a participação de Giselle Bezerra, esposa de Ciro, que cumpre o papel simbólico de acenar às mulheres em nome da campanha do marido. Não será fácil. De temperamento mercurial e conhecido por atirar no próprio pé com suas falas iracundas, Ciro perdeu competitividade na eleição presidencial de 2002,

quando, ao ser perguntado sobre qual era a importância na campanha de sua mulher à época, a atriz Patricia Pillar, respondeu: "Dormir comigo". Não são raros os casos em que agride verbalmente eleitores ou reage a provocações. O ex-ministro não faz política construindo pontes. Pelo contrário, muitas vezes deixa-se levar pelo fígado. Em sua carreira, transitou por diferentes partidos, da esquerda à direita, tendo como prioridade as suas conveniências e convicções pessoais. Até por isso, suas candidaturas presidenciais sempre sofreram com a falta de alianças.

Em 2022, o isolamento do agora pedetista não é fruto apenas do poder de atração que os favoritos Lula e Bolsonaro exercem sobre o mundo político. Com bem menos in-

tenções de voto do que Ciro, a senadora Simone Tebet (MDB) conseguiu fechar uma aliança com o Cidadania e o PSDB, que indicou a também senadora Mara Gabrilli como vice na chapa. Em condições normais, Ciro comporia com o PT no segundo turno. Suas declarações recentes, no entanto, tornam praticamente inviável uma aproximação entre os antigos aliados. Diante dos ataques desferidos pelo pedetista, o PT não conta mais com a possibilidade de um apoio formal de Ciro, sequer num eventual segundo turno. Para Lula, o importante agora é conquistar os votos hoje prometidos ao ex-ministro, que parecem pouco isoladamente, mas, se incluídos no balaio do ex-presidente, podem lhe garantir a vitória sobre Bolsonaro no primeiro turno. "A gente não quer convencer o eleitor de outro can-

O CORRUPTO E O BELZEBU

Para se posicionar como alternativa a Lula e Bolsonaro, Ciro Gomes, em entrevistas e declarações, não tem poupado os dois adversários de ataques virulentos e acusações graves

SOBRE LULA

"Será que o país ficará com Lula quando for lembrado da corrupção? Quando for lembrado que foi Lula que produziu desastre econômico generalizado no país?"

SOBRE BOLSONARO

"Por sua má índole, Bolsonaro, que chegou ao poder pelo voto, quer usar o voto para destruir as eleições e a própria democracia"

didato que nosso candidato é melhor do que o dele. Queremos mostrar que o presidente Lula é o único que pode derrotar Bolsonaro sem a necessidade de dois turnos", reforça o deputado petista Alexandre Padilha. São muitas as hipóteses e os cenários possíveis neste início de campanha. Em

SOBRE LULA E BOLSONARO

“O Lula é um grande enganador e o Bolsonaro é um Belzebu ignorante. São dois demagogos muito perigosos para o Brasil”

“Vão acabar com a corrupção convidando os mesmos corruptos para que continuem, para que fiquem onde estão, como faz Bolsonaro? Ou chamando aqueles velhos e manjados corruptos de volta, como Lula está fazendo?”

“Eu jamais seria ministro do Bolsonaro e fui ministro do Lula, tendo sido candidato contra ele três vezes. Vi de perto o Lula se corrompendo, não falo isso com o menor prazer. E cansei de avisar pra ele a merda que ele estava fazendo. Mas não quis ouvir”

sua quarta tentativa de chegar ao Planalto, o irascível Ciro Gomes corre sério risco de fracassar novamente. Mas é recomendável que se preste muita atenção nele. O resultado desta eleição — direta ou indiretamente — vai depender bastante de seu desempenho e de seu eleitorado. ■

CAPITAL DE RISCO

Ainda visto com desconfiança pelo empresariado, Lula lança ofensiva para atrair esse segmento que segue firme ao lado de Bolsonaro **DIOGO MAGRI, JOÃO PEDROSO DE CAMPOS** E **VICTOR IRAJÁ**

AMBIVALÊNCIA O ex-presidente: discursos radicais para a base e conversas pragmáticas com líderes do mercado

EVARISTO SA/AFP

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA lidera a corrida ao Palácio do Planalto na grande maioria dos segmentos do eleitorado, mas em um deles está em franca desvantagem em relação a Jair Bolsonaro: entre os empresários, o presidente alcança 55% das intenções de voto contra 26% do petista, de acordo com a pesquisa Datafolha de julho. É a maior diferença a favor do capitão, quase o triplo da margem que consegue com evan-

A DÚVIDA O petista fala na Confederação Nacional do Transporte: receio de que ele repita os erros de Dilma Rousseff

RICARDO STUCKERT

gélicos (43% a 33%). Uma série de razões explica a preferência de grande parte do PIB pelo projeto de reeleição. Apesar da atual crise econômica e do fato de boa parte da agenda liberal prometida por Bolsonaro não ter saído do papel, algumas medidas tomadas nos últimos anos agradaram à classe empresarial, como a reforma da Previdência, a autonomia do Banco Central e o marco legal do saneamento, além da venda da Eletrobras e da concessão de serviços essenciais de infraestrutura. Do outro lado, em discursos e entrevistas, volta e meia Lula deixa o mercado de cabelo em pé defendendo medidas como rever privatizações, acabar com o teto de gastos e revogar as reformas aprovadas no ciclo pós-PT.

Na atual fase da campanha, no entanto, a fim de tentar

equilibrar o apoio entre o empresariado (um segmento com poder de influência inversamente proporcional ao seu tamanho no bolo do eleitorado), o ex-presidente vem dando sinais de que vai investir pesado no pragmatismo — aliás, uma das marcas registradas de sua trajetória política. Enquanto o candidato radicaliza no palanque para agradar aos tradicionais apoiadores do PT, a campanha coloca em curso o plano para reverter a desvantagem junto ao PIB em encontros reservados. Uma das prioridades dessa agenda são eventos com os pesos-pesados do setor financeiro e do empresariado, no circuito que vai da Avenida Paulista à Faria Lima. Nos últimos meses, Lula esteve com banqueiros como Pedro Moreira Salles (Itaú), Luiz Carlos Trabuco (Bradesco), Sergio Rial (Santander) e Guilherme Benchimol (XP Investimentos), e empre-

sários como Luiza Trajano (Magazine Luiza), Beto Sicupira (3G Capital) e Pedro Passos (Natura). Na maior parte dessas ocasiões, o ex-presidente é acompanhado pelo vice, o ex-tucano Geraldo Alckmin, o ex-prefeito Fernando Haddad, o economista e ex-banqueiro Gabriel Galípolo, o deputado Alexandre Padilha (SP) e Aloizio Mercadante, presidente da Fundação Perseu Abramo e coordenador do plano de governo.

Nos encontros, o *petit comité* de Lula tenta dissipar os temores que povoam o mercado. Um deles é sobre o futuro do teto de gastos e as dúvidas sobre qual seria a política fiscal em um novo governo petista. As piores lembranças remetem ao governo Dilma Rousseff. O pacote de respostas inclui dizer que Lula sempre teve responsabilidade fiscal no governo e que

foi Bolsonaro quem desmoralizou o teto de gastos. Os integrantes da campanha dizem, ainda, que haverá algum tipo de âncora, mas que é impossível apresentar algo mais delineado agora. "O tamanho das irresponsabilidades com a economia do país é tão imprevisível até o fim do ano que é impossível detalhar uma nova regra fiscal antes disso", diz Padilha. O deputado afirma que, diante dos efeitos da pandemia, com a volta da fome e a defasagem nos investimentos em educação e meio ambiente, os petistas têm externado a ideia de antecipar para 2023 a revisão da lei do teto de gastos, prevista para 2026.

Nas conversas reservadas há também uma boa dose de recuos em relação à pregação pública do início da pré-campanha. Sai a "revogação" da reforma trabalhista, entra a "revisão" pontual. Também fica claro que será mantida a indepen-

REDUTO BOLSONARISTA

Intenção de votos no presidente entre os empresários é quase o dobro se comparada com a do eleitorado geral

INTENÇÃO DE VOTOS

(em quem você votaria no primeiro turno)

NO ELEITORADO TOTAL

LULA (PT) **47%**

JAIR BOLSONARO (PL) **29%**

ENTRE EMPRESÁRIOS

LULA **26%**

BOLSONARO **55%**

82%

dos empresários dizem que já estão totalmente decididos sobre o voto

REJEIÇÃO

(em quem você não votaria de jeito nenhum no primeiro turno)

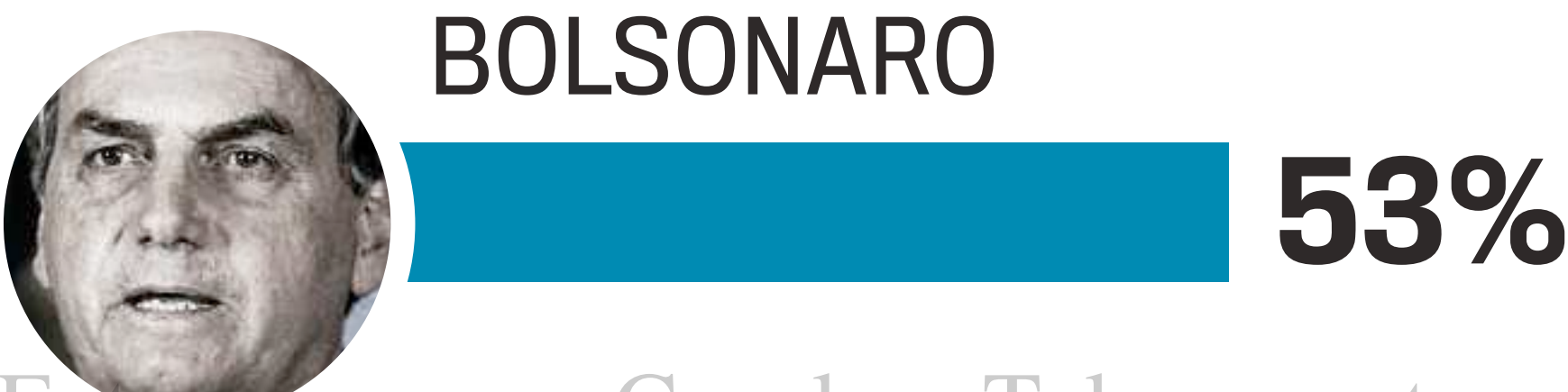
NO ELEITORADO TOTAL

LULA 36%

BOLSONARO 53%

ENTRE EMPRESÁRIOS

LULA 67%

BOLSONARO 33%

Fonte: *Datafolha, julho de 2022*

dência do Banco Central. Segundo um empresário presente a um encontro com Haddad e Galípolo em julho, os lulistas indicam ainda que a privatização da Eletrobras não deve ser revertida, que o BNDES deve retomar o protagonismo de outros tempos e que não se descarta aumentar a carga tributária para alguns setores, o que não chega a causar discordâncias.

Outros dois pontos têm despertado o interesse da elite empresarial. Um deles é saber qual será o espírito de Lula em caso de vitória. Muitos se mostravam ressabiados com um eventual sentimento de "revanche" — percepção que Lula faz questão de dissipar prometendo "paz e amor". Naturalmente, as conversas incluem sondagens sobre quem vai conduzir a Economia. A inclinação de Lula de colocar um político à frente da pasta tem sido bem recebida. Muitos dizem que um dos principais problemas de Paulo Guedes é exatamente a falta de traquejo político, que inviabilizou a condução de pautas importantes do atual governo. Para o posto em eventual vitória petista, já foram especulados Haddad e Padilha. Mais recentemente, um outro "ministeriável" entrou com força para essa lista: Geraldo Alckmin. "Se Lula anunciar o nome dele *(Alckmin)* para a Economia, o dólar cai na hora", afirma um representante graúdo do PIB.

Essa percepção não ocorre por acaso. A possível escolha do ex-tucano para esse posto seria um tremendo passo adiante dentro da mesma lógica que o colocou na chapa presidencial petista. "Essa era uma aliança improvável, imprescindível e complementar", defende Mercadante. De posições modera-

ALAN SANTOS/PR

O PREFERIDO Jair Bolsonaro na CNI: ele conta com forte apoio de donos de pequenos e médios negócios

das e traquejo político nas negociações, Alckmin foi escolhido para aproximar a campanha do centro e, desde então, tem se dedicado com afinco a essa missão. Botou o pé na estrada com Lula e vem articulando encontros importantes com empresários e gente do mercado. A sua atuação é exaltada especialmente em relação ao agronegócio, outra frente da articulação de Lula junto aos donos do capital. Um aliado do ex-presidente conta que chamou a atenção no entorno do petista a presença da presidente da centenária Sociedade Rural Brasileira, Teresa Vendramini, em um jantar do ex-presidente e seu vice com empresários em São Paulo, em junho. O petista

já cravou a sua estrela em Mato Grosso, onde costurou aliança com nomes do agronegócio como Blairo Maggi, Carlos Augustin e o senador Carlos Fávaro, ex-presidente da associação de produtores de soja local. Lula vai apoiar ao Senado Neri Geller (PP), ex-ministro da Agricultura de Dilma e relator de leis que flexibilizam o licenciamento ambiental. "Eles estão nos ouvindo, isso me deixa motivado", afirma Geller.

Enquanto Lula tenta avançar sobre o empresariado, Bolsonaro parece empenhado em afastar esse apoio (apesar de todos os apelos de sua tropa mais equilibrada). Na quarta-feira 3, cancelou a ida a um encontro na Fiesp e a um jantar com empresários do grupo Esfera Brasil previsto para 11 de agosto, a mesma data em que haverá o lançamento de uma carta

em defesa da democracia, com o apoio de banqueiros, intelectuais e gente da sociedade civil. O manifesto foi articulado após ataques tresloucados de Bolsonaro ao sistema eleitoral, algo que lhe tira mais votos do que traz. Um dos articuladores do documento, aliás, é o presidente da Fiesp, Josué Gomes, filho de José Alencar, empresário que foi vice de Lula.

Tem um pedaço dessa turma, porém, que nem com essas patacoadas se afasta dele. A parcela do mercado que permanece fiel a Bolsonaro é formada por donos de pequenos negócios, que perderam renda à época da pandemia e se identificam com a narrativa de que a política do "fique em casa" prejudicou o Brasil. Outro ponto a favor da sedimentação desse eleitorado foi a atuação do seu governo em prol de empresários pequenos e médios. "Sobretudo com a

ANDRE BORGES/NURPHOTO/GETTY IMAGES

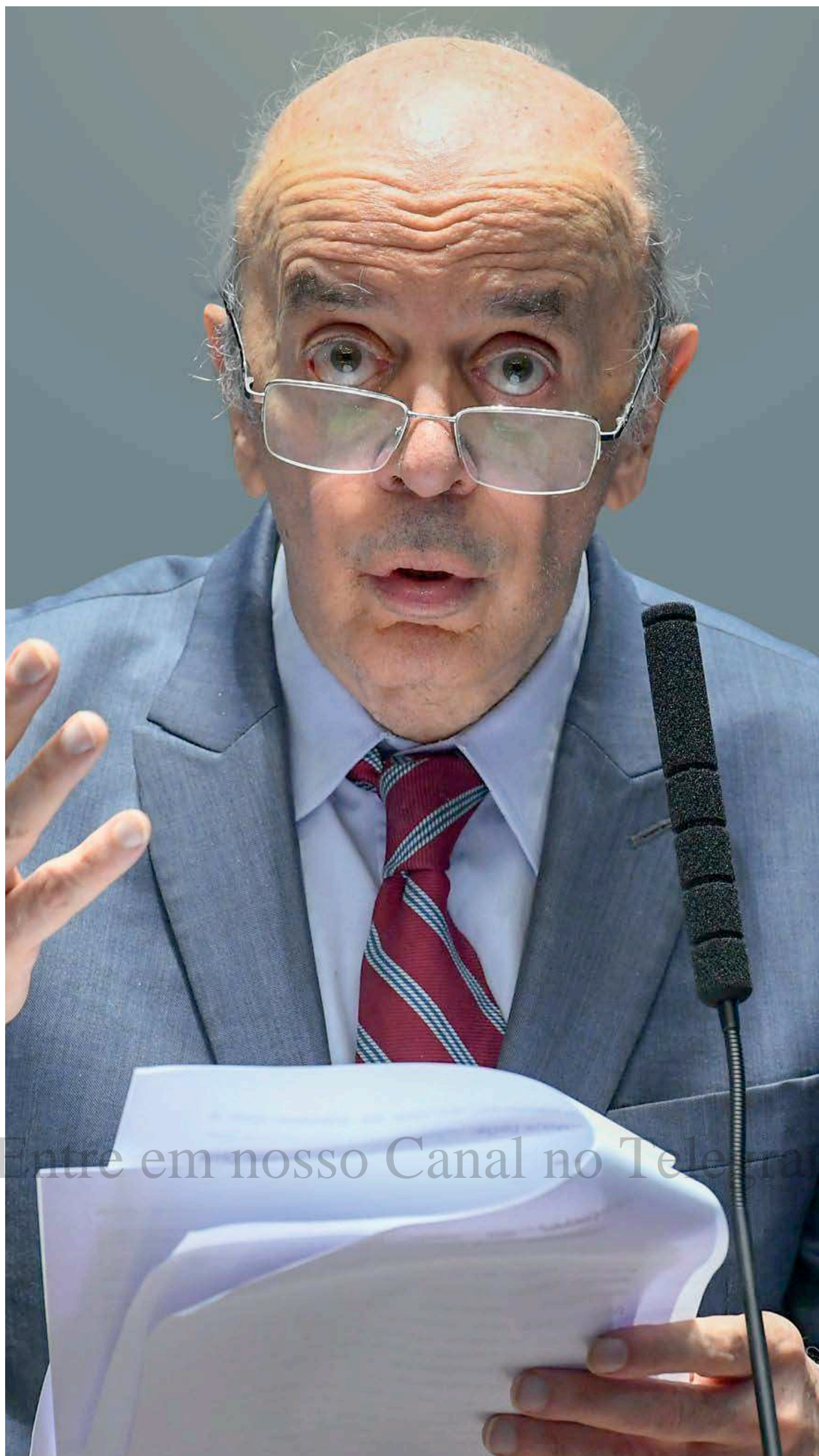
MINISTERIÁVEL Alckmin: o ex-tucano virou opção para comandar a Economia

desintermediação bancária, que cortou custos, e a MP da liberdade econômica", cita o empresário bolsonarista Otávio Fakhoury, presidente do PTB-SP.

Como mostram todas as pesquisas de opinião, é evidente que a economia terá um peso decisivo no resultado da eleição. Na entrevista que deu recentemente ao programa *Amarelas On Air,* de VEJA, o ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira, reforçou essa confiança. "As pessoas vão votar com a razão — não com raiva e emoção", disse. Dentro desse raciocínio, o governo aposta que a melhora de indicadores como PIB, inflação e desemprego pode aumentar ainda mais o apoio do setor pro-

dutivo (e também da população). Além disso, o discurso liberal e iniciativas para quebrar monopólios encontram ótima ressonância entre empresários e pequenos empreendedores. "Essas medidas empoderam a iniciativa privada e tornam a predileção por Bolsonaro e Guedes algo natural", pontua André Perfeito, economista-chefe da corretora Necton.

Pesa ainda a aversão histórica ao petismo, que atinge diretamente Lula. O início da relação dele com o empresariado foi bastante tumultuado. Em 1989, ficou célebre a frase do então presidente da Fiesp, Mário Amato, ao dizer que 800 000 empresários deixariam o país em caso de vitória do metalúrgico. Depois de três derrotas nas urnas, Lula escreveu em 2002 a Carta ao Povo Brasileiro, na qual buscou

acalmar os ânimos. O texto, aliado à indicação de José Alencar a vice, mostrou-se fundamental. Mesmo assim, a perspectiva de sua vitória levou pânico ao mercado financeiro — a bolsa caiu e o dólar disparou às vésperas da eleição. No governo, no entanto, Lula, o pragmático, mostrou respeito ao ambiente de negócios e responsabilidade fiscal. Na campanha atual, aliás, sempre que pode, procura lembrar esse comportamento aos representantes do PIB. O desafio agora é o de renovar a confiança que obteve em outros momentos, mas em ambiente de maior radicalização política — dois em cada três empresários dizem que não votariam no petista de jeito nenhum, segundo o Datafolha. Embora saiba agradar a qualquer tipo de interlocutor, não será fácil para Lula obter sucesso nesse investimento político. ■

O NEGÓCIO DA POLÍTICA

Os puxadores de votos ajudam os partidos a ampliar suas bancadas, já garantiram a eleição de candidatos com poucos votos e agora são fundamentais para o caixa das campanhas

HUGO MARQUES E **LEONARDO CALDAS**

FOTOS AGÊNCIA SENADO; GUILHERME PUPO; FOTOARENA

AS APOSTAS José Serra, Rosangela Moro, Guilherme Boulos e Mauricio Souza: nomes fortes do PSDB, do União, do PSOL e do PL para as eleições parlamentares de outubro

EDUARDO BOLSONARO (PL-SP), o filho Zero Três do presidente da República, foi o deputado federal mais votado nas últimas eleições. Em 2018, ele teve mais de 1,8 milhão de votos, batendo um recorde que até então pertencia ao médico Enéas Carneiro, um político que ficou famoso no fim da década de 80 pelo bordão "Meu nome é Éneas". Eduardo

e Enéas são estrelas de uma categoria cada vez mais cobiçada pelos partidos: os puxadores de voto. Enéas foi uma espécie de precursor. Em 2002, após se candidatar ao Planalto três vezes, ele decidiu disputar uma vaga na Câmara dos Deputados por São Paulo. Recebeu 1,5 milhão de votos. Pelo princípio da proporcionalidade, o resultado garantiu ao partido dele, o Prona, uma legenda microscópica que não tinha sequer representante no Congresso, eleger mais cinco filiados — um deles ganhou o mandato de quatro anos em Brasília tendo obtido menos de 300 votos nas urnas. Vinte anos depois, o que já foi visto como uma anomalia do sistema hoje faz parte da estratégia de praticamente todos os partidos.

Enéas Carneiro morreu em 2007. Eduardo Bolsonaro,

que elegeu cinco deputados no rastro de sua votação, pretende repetir a façanha em outubro. Não será fácil, até porque há outras agremiações com o mesmo objetivo. O PSDB, por exemplo, vive um processo de encolhimento. Para tentar ampliar a bancada, o partido escalou José Serra como candidato a uma cadeira na Câmara dos Deputados. Os tucanos acreditam que o atual senador, pela sua história, pode romper facilmente a barreira de 1 milhão de votos e, com isso, eleger pelo menos mais seis companheiros de chapa. “Eu tenho uma visão otimista, mas não quero ser pretensioso. O que sinto aqui em São Paulo é que as pessoas gostam de mim”, despista Serra. O PSOL, que hoje tem apenas oito deputados, vai investir em Guilherme Boulos para alavancar a legenda. O psolista não esconde que desistiu de disputar o governo estadual para

ZANONE FRAISSAT/FOLHAPRESS

INVESTIMENTO Eduardo Bolsonaro e Joice: campeões de voto em 2018, os dois deputados geraram um quarto de toda a receita do PSL

assumir o papel de puxador de voto da esquerda. “Tomei a decisão de ser candidato a deputado por uma razão: ajudar a construir uma grande bancada no Congresso. Hoje o Centrão governa o Brasil”, justificou Boulos.

Desde o sucesso nas urnas do humorista Tiririca, eleito em 2010, com mais de 1,3 milhão de votos, o Centrão, que Boulos tanto teme, tem ao menos um grande puxador nos principais colégios eleitorais do país. O União Brasil, por

exemplo, deposita em Rosangela Moro a expectativa de ampliar sua influência em São Paulo. Antes de formalizar a candidatura da advogada, o partido encomendou uma pesquisa para saber se a popularidade da Operação Lava-Jato poderia se converter em votos para a esposa do ex-juiz Sergio Moro. As projeções mostraram que, especialmente por causa do sobrenome, Rosangela poderá, sim, estrear na política superando a marca do milhão de votos. "Claro que o União Brasil vê em mim uma possibilidade de aumento de votos. Mas sou uma opção para os que querem ser bem representados na Câmara", diz ela, que transferiu seu domicílio eleitoral do Paraná, onde o marido vai disputar uma vaga no Senado, para São Paulo.

O PL, partido de Jair Bolsonaro e do folclórico Tiririca, optou em alguns estados por reeditar candidaturas de celebridades que podem exercer a função de puxadores de voto, inclusive para a chapa presidencial. Na Bahia, estado onde o mandatário está em grande desvantagem eleitoral em relação ao seu principal adversário, o cantor de axé Netinho é uma das estrelas. Em Minas Gerais, tido como o colégio que pode definir o vencedor da disputa presidencial, o partido lançou o ex-jogador de vôlei Mauricio Souza, medalhista olímpico e protagonista de uma barulhenta polêmica depois que ele postou mensagens consideradas homofóbicas, problema, ao que parece, devidamente superado. "Não sabia que era um puxador de votos, mas sou midiático e, como o próprio presidente Bolsonaro me cha-

GUSTAVO MIRANDA/AG. O GLOBO

PIONEIRO Enéas: há vinte anos, o deputado foi responsável pela eleição de um colega com menos de 300 votos

mou e me incentivou a entrar na política, me fez acreditar no propósito de ser eleito", disse o ex-atleta, que, desde a confusão, arregimentou mais de 3 milhões de seguidores em suas redes sociais.

A eleição proporcional envolve uma equação às vezes de difícil compreensão. Pensado para garantir a representação de diversos segmentos da sociedade, e não apenas candidatos extremamente conhecidos ou endinheirados, o sistema define patamares mínimos de votos a partir do qual os candidatos são declarados eleitos. Em São Paulo,

ANDRÉ COELHO/AG. O GLOBO

PIADA BRASILEIRA O ex-humorista Tiririca: ainda um puxador de votos para o partido de Bolsonaro

por exemplo, exige-se um piso de 300 000. Dessa maneira, um candidato que consegue 1,2 milhão de votos gera um excedente de 900 000, suficientes, em princípio, para eleger mais três candidatos de seu partido. A fórmula atrai para a política celebridades, atores, jogadores e outras personalidades, mas também garante um lugar no Parlamento para bons políticos, incluindo aqueles não tão populares. Dos 513 deputados federais empossados em 2018, apenas 27 tiveram votos suficientes para se eleger independentemente do coeficiente eleitoral. Mais do que uma sim-

ples métrica eleitoral, o desempenho dos puxadores de voto também reflete diretamente na saúde financeira das legendas, transformado num senhor ativo desde que as doações empresariais a campanhas políticas foram proibidas pelo Supremo Tribunal Federal (STF), em 2015.

Como os recursos do fundo partidário, responsáveis por bancar a estrutura e o dia a dia das legendas, são calculados com base no tamanho das bancadas, quanto mais parlamentares uma mesma agremiação eleger, maior será a verba destinada à sigla. Em 2018, apenas os dois deputados mais votados do país, Eduardo Bolsonaro e Joice Hasselmann, elegeram outros sete deputados, gerando o equivalente a um quarto de tudo que o antigo PSL recebeu do fundo partidá-

rio. Levantamento do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap) feito a pedido de VEJA mostra que, se as previsões dos partidos se confirmarem e Serra, Boulos, Eduardo Bolsonaro e Rosangela Moro, por exemplo, obtiverem mais de 1 milhão de votos cada, isso resultaria em uma receita anual a partir de 2023 de 30 milhões de reais para cada uma das legendas (PSDB, PSOL, PL e União) ou 120 milhões ao final da legislatura. “O puxador de votos se transformou no coração financeiro dos partidos”, constata o analista Antonio Augusto Queiroz, diretor do Diap. Para piorar, além do fundo partidário, o tamanho da bancada também é critério para definir o volume de recursos que as legendas recebem na eleição, os fundos eleitorais. Ou seja: a política no Brasil virou um grande negócio. ■

MURILLO DE ARAGÃO

AS LIÇÕES DO FRACASSO ARGENTINO

É recomendável prestar atenção nos erros do nosso vizinho

HÁ DÉCADAS a Argentina nos mostra, de maneira clara e inequívoca, como se destrói um país rico, educado e com valores culturais significativos. Quase diariamente sinais de profunda decadência nos chegam de lá, na forma de notícias ruins. E não são poucas. Por que um país com tanto potencial teima em fracassar? Não é fácil responder. Um dos dilemas históricos mais importantes da Argentina é tentar ajustar um modelo de desenvolvimento impulsionado pelo agronegócio, que se beneficia de preços internacionais, a um país protecionista, clientelista e fortemente burocratizado. Trata-se de fórmulas antagônicas que não fecham a conta e não estancam a degradação. Sem um plano de reforma econômica e de estabilização, como ocorreu no Brasil em 1994, com o Plano Real, e sem modernizar o Estado, é improvável que os argentinos recuperem a credibilidade de sua moeda. E, em consequência, continuarão apostando no dólar para vencer a inflação. Curiosamente, sabe-se quais são os problemas do país. Mas nem os políticos nem os setores mais relevantes da sociedade querem pagar o custo de resolvê-los.

Certa vez, no fim dos anos 80, um argentino abastado me disse não haver a menor possibilidade de o país dar certo nas décadas seguintes. Para ele, existiam na política componentes suicidas que resultariam em ciclos periódicos de desvalorização cambial, hiperinflação, saques, calote na dívida, protestos e paralisia econômica. Achei-o muito pessimista, mas o tempo lhe deu toda a razão. De lá para cá, as crises se sucederam com regularidade e tudo o que a Argentina conseguiu construir em termos de progresso econômico e social está ruindo. Nem mesmo os periódicos acordos com o FMI servem para acertar o rumo do país. Parece que as lideranças desejam que a Argentina se transforme em uma nova Venezuela.

A classe média, esteio da estabilidade econômica do passado, vem sendo arrasada. Mais de 42% dos argentinos são pobres e mais de 10% vivem em situação de indigência.

“A classe média vem sendo arrasada, 42% dos argentinos são pobres e mais de 10% vivem em situação de indigência”

A pobreza *puerta adentro* das casas chega espalhafatosamente às ruas. Políticas fiscalmente irresponsáveis golpearam a confiança que empresários, trabalhadores e a população em geral tinham na moeda. O desmonte da Argentina resulta de equívocos históricos que incluem populismo, falta de previsibilidade nas regras, burocracia, péssimo ambiente de negócios, gastos excessivos, corporativismo exacerbado, entre outros defeitos. Mas, sobretudo, ausência de lideranças que pensem no futuro do país.

A questão central — que, aliás, nos diferencia do país vizinho de modo absoluto — é a falta de confiança nas próprias instituições e na própria moeda. Os brasileiros acreditam no Brasil a ponto de financiar, sem maiores problemas, a sua dívida interna. Já no país vizinho, abastados vivem no dólar, enquanto para os pobres sobram o peso desvalorizado e a hiperinflação. Como somos um país egocêntrico, não damos a devida atenção às tragédias que se desenrolam ao nosso redor. Não demos a devida atenção à Venezuela e não damos a devida atenção à agonia sem fim da Argentina. Devemos observar a Argentina para tirar uma grande lição: a de não cometer seus erros. O que antes era uma decadência com elegância está se transformando em um salve-se quem puder. ■

O “PREFEITO” BOLSONARO

Chefe de gabinete, irmão do presidente é quem manda na prática em Miracatu e atrai enxurrada de verbas federais para o pequeno município do interior paulista

SÉRGIO QUINTELLA E **VICTORIA BECHARA**

ALIADOS O assessor Mosart Aragão, Bolsonaro e o irmão: campanha para eleger o amigo do presidente como deputado

INSTAGRAM @TENENTEMOSART

LOCALIZADA no Vale do Ribeira, a região mais pobre do estado de São Paulo, Miracatu é uma cidade com cerca de 20 000 habitantes marcada pela vida modesta e bucólica e quase nenhuma relevância política ou econômica. Produtor de banana e palmito, o município tem a sua economia voltada majoritariamente para o comércio à beira da Rodovia Régis Bittencourt, que liga São Paulo ao Sul do país, e para o turismo — encravada no Parque Estadual do Jurupará, tem 53 cachoeiras e corredeiras.

Nos últimos anos, no entanto, Miracatu tem chamado a atenção por um outro motivo: a cascata de recursos federais que transformaram a localidade em um grande canteiro de obras. Entre 2020 e 2022, a cidade recebeu nada me-

nos que 72,1 milhões de reais da União para reformas, obras viárias e de infraestrutura e compra de máquinas e equipamentos. Mais 12,6 milhões de reais chegaram via emendas do chamado orçamento secreto. O total somado supera as receitas anuais regulares da prefeitura (81 milhões de reais). E a prosperidade por meio da influência política tem nome e, principalmente, sobrenome: Renato Antonio Bolsonaro.

O empresário, de 58 anos, é o segundo mais novo dos cinco irmãos de Jair Bolsonaro, três deles morando no Vale do Ribeira, onde fica Eldorado, a cidade onde o presidente viveu até a juventude. A exemplo do irmão mais velho, fez carreira militar (é capitão reformado do Exército), torce para o Palmeiras, defende o armamento da popula-

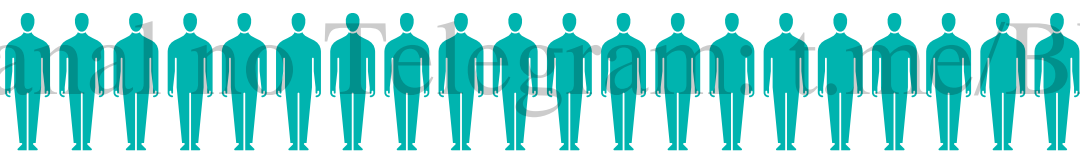
COFRES ABERTOS

Miracatu recebeu em verbas federais mais que o dobro da maior cidade da região*

84,7
MILHÕES DE REAIS

foram destinados à cidade de **Miracatu** (SP), de **20 000 habitantes,**

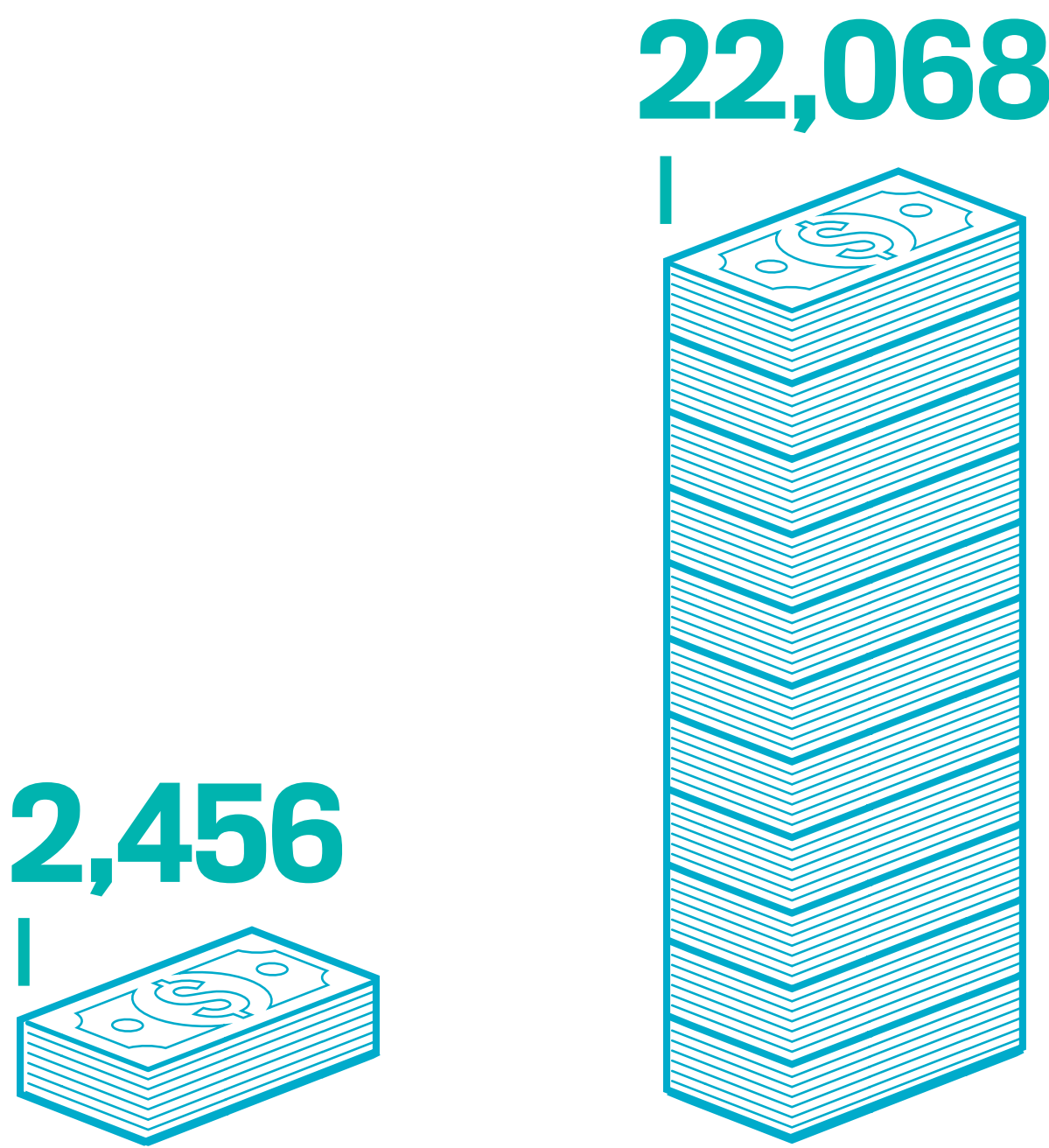
entre 2020 e 2022*

38
MILHÕES DE REAIS

foram destinados no mesmo período a **Registro,** de **56 000 habitantes,**

a maior cidade da região

A ESCALADA DO DINHEIRO

Convênios celebrados com a União
(em milhões de reais)

2015-2018	2019-2022
Governos Dilma e Temer	Governo Bolsonaro
2,456	22,068

PRINCIPAIS OBRAS CONTRATADAS

9,5
MILHÕES DE REAIS
Reforma e construção de dois ginásios de esportes

12,8
MILHÕES DE REAIS
Recuperação de estradas vicinais

*O valor não inclui as transferências constitucionais obrigatórias. Dados até junho de 2022

Fonte: *Portal da Transparência*

ção e promoveu o uso da cloroquina contra a Covid-19. Renato também se orgulha do seu trabalho como uma espécie de “prefeito informal” da cidade: promove *lives* para mostrar os resultados da sua atuação como chefe de gabinete da prefeitura de Miracatu, onde recebe um salário de 7 000 reais.

Dono de lojas de móveis e uma dúzia de imóveis, ele de fato tem grande influência na cidade. Pessoas que participam de reuniões na prefeitura dizem ser comum Renato sentar-se à cabeceira da mesa, local habitualmente destinado ao chefe do Executivo. Mas é fora da sede administrativa de Miracatu que o irmão do mandatário da República joga as suas cartas. Em 2022, esteve em Brasí-

lia pelo menos duas vezes, fora os encontros com o irmão nas férias, feriados e eventos como a Marcha para Jesus, em 9 de julho, em São Paulo. Em uma das vezes que foi ao Palácio do Planalto, em 10 de junho, encontrou-se com o ministro da Educação, Victor Godoy, e conseguiu autorização para um câmpus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, a um custo de 10 milhões de reais. Na vizinha Registro, a “capital” da região, com 56 000 habitantes, uma unidade semelhante sofre com a falta de verbas. “Nosso instituto está caindo aos pedaços, sem merenda e até sem papel higiênico”, diz a vereadora Sandra Kennedy (PT). “Enquanto isso vão construir outro a menos de 50 quilômetros daqui. Isso é um escândalo.”

O dinheiro que chega de Brasília pode ser visto por toda a cidade. Há sessenta recapeamentos de ruas e pavimentação de estradas vicinais em andamento ou contratados, que consumirão 12,8 milhões de reais. Também há dinheiro para um ginásio de esportes (3,8 milhões de reais) e um complexo esportivo (5,7 milhões de reais). Por enquanto, não há nenhuma investigação ou evidência de mau uso.

Mas nem só de atuar como "prefeito" e "embaixador" de Miracatu vive o irmão famoso. Renato Bolsonaro trabalha agora com afinco para eleger como deputado federal um amigo seu e do presidente: Mosart Aragão (PL), assessor do Palácio do Planalto e ativo militante nas redes sociais — tem 129 500 seguidores no Twitter, onde dispara contra Lula e o PT e defende Bolsonaro e suas teses. Para apoiar o queridinho do pre-

O MESMO DNA
Renato: defensor das armas, da cloroquina e do Palmeiras

sidente, também militar reformado do Exército (tenente), Renato até falta ao trabalho. Em julho, esteve com Aragão em ao menos cinco cidades na hora do expediente. No dia 12, percorreu 303 quilômetros de carro até Itararé, na divisa com o Paraná. No dia seguinte, a dupla esteve em Ribeirão Branco. No fim do mês, os dois foram a Bertioga, Ubatuba e Caraguatatuba, sempre em dias úteis e com muitas fotos nas redes sociais.

O irmão do presidente, a propósito, já teve sucesso antes como cabo eleitoral. Em 2020, ajudou a eleger Vinicius do Iraque (PL) para a prefeitura de Miracatu. A ideia original era que Renato encabeçasse a chapa, mas a lei impede a candidatura de parentes até segundo grau de chefes do Executivo. Em Eldorado, atuou para a vitória de Dinoel Rocha (PL) a prefeito. Ironicamente, essa habilidade não se mostrou eficaz quando tentou ser usada em proveito próprio: até agora, ele disputou seis eleições, para os cargos de prefeito (Miracatu, em 2012 e 2016), vereador (Miracatu e Praia Grande) e deputado federal, sem sucesso. Sua maior votação foi em 1998, quando obteve 17 000 votos na tentativa de chegar à Câmara dos Deputados. Apesar de a parte mais conhecida da família ter se tornado um fenômeno nas urnas (os filhos do presidente são o maior exemplo disso), o caso do “prefeito” Bolsonaro demonstra que não é sempre que o sobrenome é garantia de vitória. ■

TRAGÉDIA SEM FIM

Dois meses após as mortes de Dom Phillips e Bruno Pereira, o Vale do Javari continua palco da ação de criminosos, de ameaças a indígenas e da inação do governo **TULIO KRUSE**

RESPOSTA TÍMIDA Soldados em Atalaia do Norte (AM): o Exército fez só uma ação pontual contra garimpeiros

JOÃO LAET/AFP

O LÍDER INDÍGENA Paulo Marubo só pode conversar sobre as invasões frequentes nas terras de sua aldeia quando está fora de casa, em lugar seguro. É que o local onde dorme o coordenador-geral da União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univaja) está cercado de criminosos — entre eles companheiros dos homens que assassinaram a tiros o indigenista brasileiro Bruno Pereira e o jornalista inglês Dom Phillips, em 5 de junho. O representante jurídico da Univaja, Eliésio Marubo, já não divulga mais seu paradeiro desde o crime e anda acompanhado de seguranças, mas jura que não vai diminuir o tom das críticas à violação do seu território e à inação dos órgãos do governo. Passados dois meses do duplo homicídio que provocou enorme comoção aqui e

no exterior, seguido por promessas de que a tragédia não seria em vão, o clima de terror no Javari só fez aumentar, como demonstram os casos dos líderes da Univaja. Assim como os indígenas, servidores federais relatam uma situação de insegurança permanente.

Em consequência direta disso, há pouco mais de uma semana o principal coordenador da Funai na área, Leandro Ribeiro do Amaral, pediu demissão — foi o sexto a ocupar o cargo em três anos e meio de governo Jair Bolsonaro (PL). O problema central para quem representa o Estado na região é que as invasões e ameaças de caçadores, pescadores ilegais, garimpeiros, madeireiros e traficantes de drogas são constantes, sem que os indigenistas tenham qualquer proteção: a maior base da Funai, onde fica a Frente de Proteção Et-

STEPHANIE LECOCQ/EPA/EFE

PRESSÃO Ativistas em Bruxelas: os assassinatos geraram comoção internacional

noambiental, que era coordenada por Amaral, foi atacada a tiros oito vezes desde 2018. O coordenador ocupava o cargo como substituto, a mesma condição da maioria de seus antecessores, o que demonstra a instabilidade com que exercem as suas funções. A Funai não preenche os postos vagos em sua estrutura — 1043 em todo o país, quase o mesmo número de servidores trabalhando (1480).

Mesmo com toda a pressão decorrente dos assassinatos de Dom e Bruno, as ações do governo federal continuam

longe de estarem à altura do desafio. Na mais recente intervenção, o Exército fez uma operação de combate à mineração ilegal no Rio Jandiatuba após servidores da Funai terem sido abordados por garimpeiros, que foram até a base e perguntaram quantos homens atuavam no local. Apesar de ter apreendido materiais de trabalho, o Exército não destruiu maquinários e a ação não resultou em prisão. Com a operação encerrada, paira o temor entre os servidores de que os criminosos voltem, agora irritados com a operação.

No combate a essas ilegalidades, o governo federal peca em insistir em ações pontuais e por demorar a agir frente a denúncias. Poucos dias após o desaparecimento de Bruno e Dom, por exemplo, servidores solicitaram o envio ime-

diato de uma força-tarefa de segurança em apoio aos funcionários e à população na Terra Indígena do Vale do Javari. A direção da Funai demorou cerca de um mês para pedir ajuda da Força Nacional de Segurança Pública. O socorro só chegou à região nas últimas semanas (inicialmente um efetivo de sete agentes, depois um reforço de treze homens), mas não têm sequer meio de transporte para trabalhar por lá. "É uma incompreensão e incompetência gigantescas", critica Eliésio Marubo.

A despeito da importância do Vale do Javari como a maior concentração de povos indígenas isolados no mundo, a Funai tem falhado seguidamente na responsabilidade de emitir portarias que proíbam o acesso a essas áreas. A gestão do atual presidente do órgão, Marcelo Xavier, deixou de

renovar essas proibições e passou a publicar portarias que valem por apenas seis meses, contribuindo para aumentar o buraco negro da fiscalização. Na região de Mamoré-Grande, no sul do Amazonas, o mais recente povo isolado identificado está desprotegido há onze meses, sem que o órgão tome providências para fechar a área. "Na prática, Xavier realmente obstaculizou qualquer tipo de reconhecimento de terra indígena", afirma Fernando Vianna, presidente da organização Indigenistas Associados (INA). Há duas semanas, Xavier experimentou na pele uma reação forte a essa política: ele teve de abandonar um evento sobre a questão indígena em Madri após ser hostilizado por um ex-servidor da Funai, que protestou contra as mortes de Dom e Bruno e o chamou de "bandido" e "miliciano".

JORGE WILLIAM/AG. O GLOBO

ALVO Marcelo Xavier: o presidente da Funai tem a gestão criticada e chegou a ser hostilizado em evento em Madri

Com quatro suspeitos presos pelo duplo homicídio, a Polícia Federal ainda trabalha para identificar eventuais mandantes e cúmplices. Para quem mora na área, porém, há

uma impressão de que tudo continua muito igual ao cenário que levou aos crimes. A pesca ilegal, atividade que motivou os assassinatos, permanece a todo o vapor. As cargas ilegais de tracajás, o quelônio típico da região, continuam chegando normalmente ao mercado municipal de Atalaia do Norte, a cidade mais próxima do local dos crimes, onde são vendidos por mais de 100 reais por animal. Todos ali sabem que eles são pescados dentro de terra indígena, pois a atividade predatória já fez com que eles sejam raros fora dela. E todos temem novas mortes como as de Dom e Bruno. Se isso ocorrer, serão tragédias mais do que anunciadas. ■

ALÍVIO IMEDIATO

Em alta no resto do mundo, a inflação desacelera no Brasil (uma ótima notícia). Mas algumas medidas utilizadas pelo governo podem ser apenas temporárias e resultar em efeitos colaterais no futuro

LARISSA QUINTINO E **CARLOS EDUARDO VALIM**

VOLTA AO CONSUMO Shopping center em São Paulo: o Brasil tem inflação acima dos 10% desde setembro do ano passado

CESAR CONVENTI/FOTOARENA

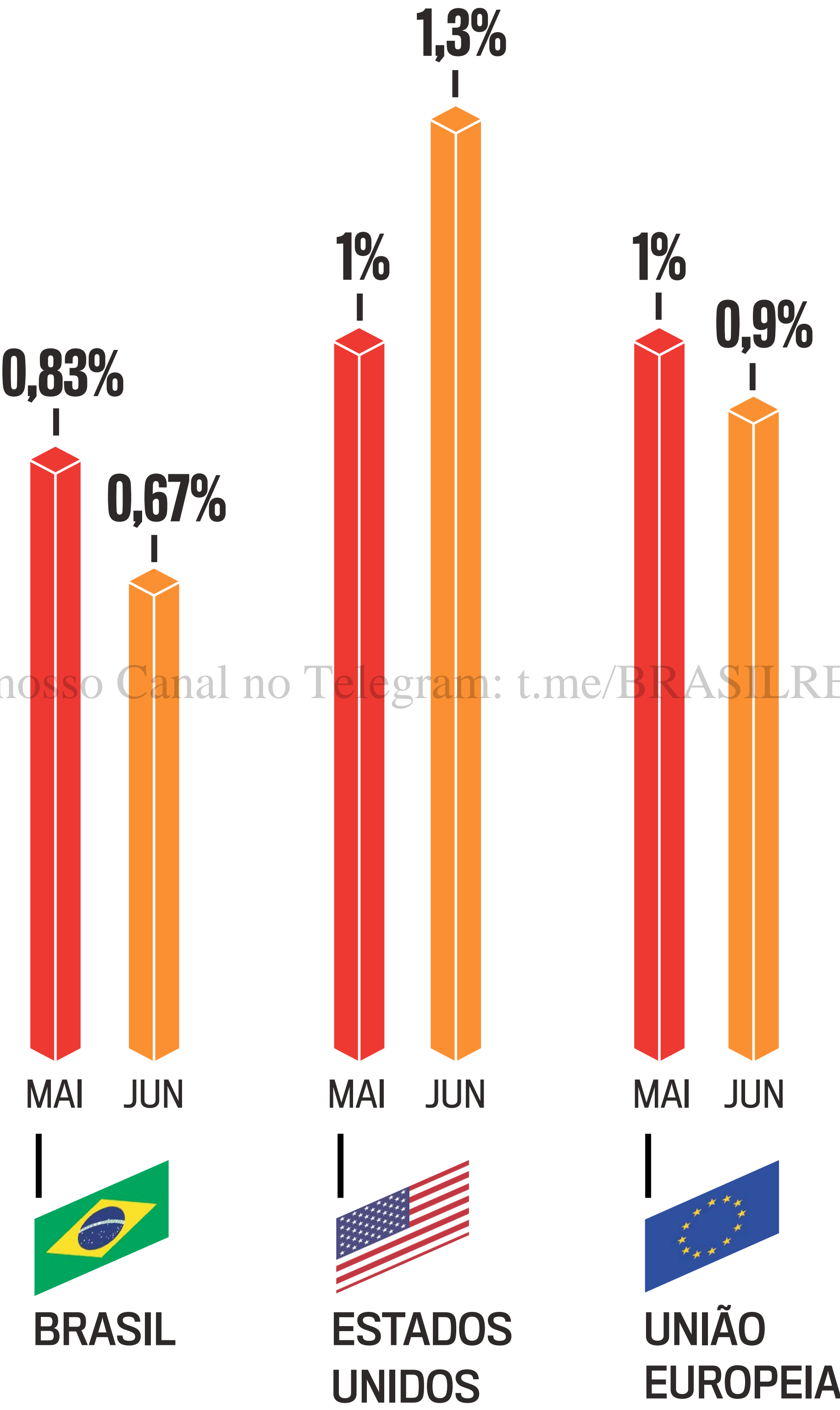
Grande vilã do passado econômico brasileiro, a inflação era tida como um mal debelado até dar sinais de ressurreição no ano passado. Desde setembro, num revival tenebroso, o país passou a conviver com um índice acima dos 10%, no acumulado em doze meses. Motivo de imensa preocupação do presidente Jair Bolsonaro (e também de milhões de brasileiros), o descontrole nos preços e a deterioração da situação econômica no país foram alvo de uma colossal ofensiva do governo e sua base de apoio político. Sob pressão do desempenho insatisfatório nas pesquisas de intenção de voto, Bolsonaro protagonizou uma guerra aberta contra a Petrobras e a sua política de preços baseada no mercado internacional

e engendrou ainda um multibilionário pacote de medidas para garantir um aumento de programas de transferência de renda até o fim do ano. Também não se furtou de travar uma dura queda de braço com os governadores, para que baixassem impostos no setor de energia. O resultado da empreitada, apoiada pelo Congresso, começa a aparecer nos dados de inflação do último mês, e deve se estender até agosto, dando sinais de respiro aos índices.

Há cerca de dois meses, o IPCA, indicador oficial de inflação, vem desacelerando e a prévia de julho foi a menor para um mês desde 2020. Além dos bem-vindos efeitos da fixação de um teto de ICMS para os combustíveis, o processo de desinflação tem como ator principal o Banco Central (BC) e a elevação nas taxas de juros. A grande dúvida é se

PRESSÃO GLOBAL

Taxa mensal de inflação

	MAI	JUN
BRASIL	0,83%	0,67%
ESTADOS UNIDOS	1%	1,3%
UNIÃO EUROPEIA	1%	0,9%

Fontes: *IBGE, Eurostat e Departamento de Estatísticas do Trabalho dos Estados Unidos*

ANNA MONEYMAKER/GETTY IMAGES/AFP

SEM APOIO O presidente Biden: as ideias de controle de preços não avançaram

haverá sustentabilidade nessa estratégia, que, se bem-sucedida, poderá preservar o grande legado do Plano Real à economia brasileira, ou se, passado o período eleitoral, os efeitos negativos, tanto da pressão inflacionária quanto das contas públicas afetadas pelas benesses ofertadas, se farão mais presentes. "Subsídios de impostos para energia são pouco mais do que um truque, um artifício. Não têm nada a ver com combater a inflação, o que é feito com uma política monetária competente e correta", defende Steve Hanke, professor de economia aplicada da Universidade Johns Hopkins, em Baltimore, e um dos mais reconhecidos especialistas em hiperinflação do mundo. "O desempenho do Brasil em sua luta contra a inflação é resultado da política do Banco Central em relação aos juros", avalia.

Dentro desse raciocínio, na quarta-feira 3 o BC promo-

MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

À FRENTE Campos Neto: o Brasil começou a subir os juros antes dos EUA e da Europa

veu mais uma alta — a 12ª consecutiva — da taxa básica Selic, em 0,5 ponto porcentual. No início de 2021, a Selic estava em 2% ao ano, a taxa mais baixa da história, uma realidade completamente diversa dos atuais 13,75%. Especialistas na área e o mercado avaliam que o movimento de alta está chegando ao fim, mas o BC, presidido por Roberto Campos Neto, sinaliza que pode ser necessário ainda mais um ajuste. Para justificar a sua mais recente decisão, a autoridade monetária destacou que “as projeções de inflação para os anos de 2022 e 2023 estavam sujeitas a impactos elevados” e “é apropriado que o ciclo de aperto monetário continue avançando”. Juros altos são um remédio amargo que pode ter impacto direto sobre a atividade econômica futura. Mantido o aperto, os juros chegarão ao patamar do governo de Dilma Rousseff, quando atingiram 14,25% e acabaram

contribuindo para criar uma das maiores e mais persistentes crises econômicas da história brasileira.

Assim como acontece no Brasil, nos países desenvolvidos a inflação tornou-se motivo de severa preocupação. No Hemisfério Norte, porém, a política de aperto nos juros é muito mais recente. A União Europeia, por exemplo, iniciou o movimento de elevação de taxas há apenas duas semanas. "Os europeus não sabiam o que era inflação havia muito tempo, os americanos também não. Então, tiveram uma reação mais lenta no que diz respeito ao aumento dos juros", avalia o CEO da gestora de investimentos Mauá Capital e ex-diretor do BC, Luiz Fernando Figueiredo. "Faz quarenta anos que eles não lidam com isso, muita gente nunca tinha visto nada semelhan-

te. Aqui, feliz ou infelizmente, sabemos lidar com a inflação."

Tal histórico explica as derrapadas internacionais na tentativa de debelar os aumentos de preços. Na zona do euro, pacotes de redução de impostos sobre eletricidade foram adotados no início do ano em países como Alemanha, Bélgica, Itália, Portugal e Espanha sem surtir o efeito esperado. Além da demanda aquecida pós-pandemia, a Europa tem sentido mais fortemente os riscos na oferta de energia devido ao conflito entre a Rússia e a Ucrânia no Leste Europeu. Na França, o governo de Emmanuel Macron propôs no mês passado comprar os 15,9% das ações da EDF que pertencem à iniciativa privada, para controlar integralmente a estatal de energia. Assim, poderia manipular preços sem irritar os acionistas e fazer mais investimentos em energia nuclear, como

MÁRCIO ARRUDA/FOLHAPRESS

LEGADO PRESERVADO Presidente Itamar Franco, no anúncio do Plano Real em 1994: risco de hiperinflação afastado

alternativa ao gás russo. Do outro lado do Atlântico, o presi-

dente americano Joe Biden atacou o lucro das refinarias e tentou aprovar no Congresso projetos de cortes de tributos. Sem maioria legislativa, não teve apoio político e enfrentou forte resistência dos economistas ortodoxos, uma vez que o custo dessas ações para o Estado pode ser muito alto.

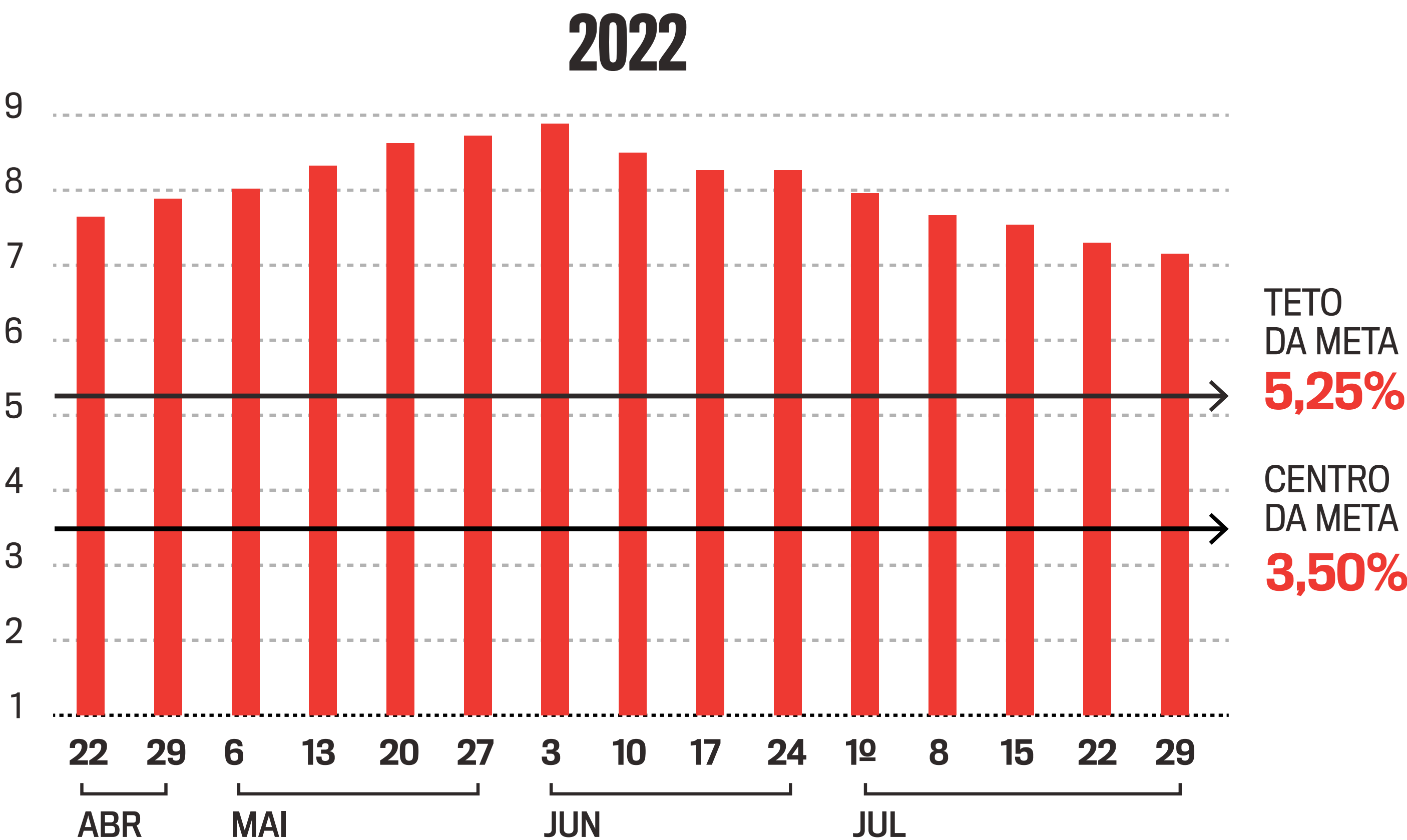
A instabilidade global criou efeitos surpreendentes, como o da inflação brasileira ficar muito próximo da registrada nas economias avançadas. Em junho, o índice acumulado em doze meses estava em 11,9%, contra 9,1% nos Estados Unidos e 8,9% na região do euro, trazendo curiosas consequências em nações marcadas pela estabilidade mas absolutamente banais por aqui. Nos Estados Unidos, a maior inflação em quatro décadas levou as tradicionais lojas com produtos a 1 dólar agora a vender a 1,25 ou 1,50. No Reino Uni-

do, o cheeseburger do McDonald's subiu pela primeira vez em catorze anos, passando de 99 pence para 1,19 libra.

Em julho e agosto, a paridade da inflação no Brasil com a dos países desenvolvidos será ainda maior, uma vez que a expectativa de alguns economistas é que ocorra até uma deflação no país nesses meses. Isso não significa que se trata de um problema menor. O IPCA previsto pelo mercado para o fim deste ano, de 7,15%, ainda fica acima do dobro da meta de inflação do BC, de 3,5%. E, mesmo que a alta esteja arrefecendo, as projeções para o próximo ano têm piorado semana a semana *(veja o quadro)* e já superam os 5%. O gran-

GANGORRA DE EXPECTATIVAS

Projeções semanais do mercado financeiro para o IPCA ao fim deste e do próximo ano (em %)

2022

de problema é que a estratégia combinada de combater a inflação a curto prazo pode causar problemas no futuro. “Além da ação do BC, os principais fatores de queda, como os cortes de impostos, têm efeitos que podem gerar deflação em agosto, mas são de impacto único. Apesar de ajudar, depois passa”, afirma o sócio da consultoria Tendências e ex-presidente do BC Gustavo Loyola.

Muito do choque positivo do momento vem dos preços que são administrados pelo governo — como são os de energia, planos de saúde e medicamentos —, enquanto a inflação dos preços de livre mercado ainda sobe com força, como a dos ali-

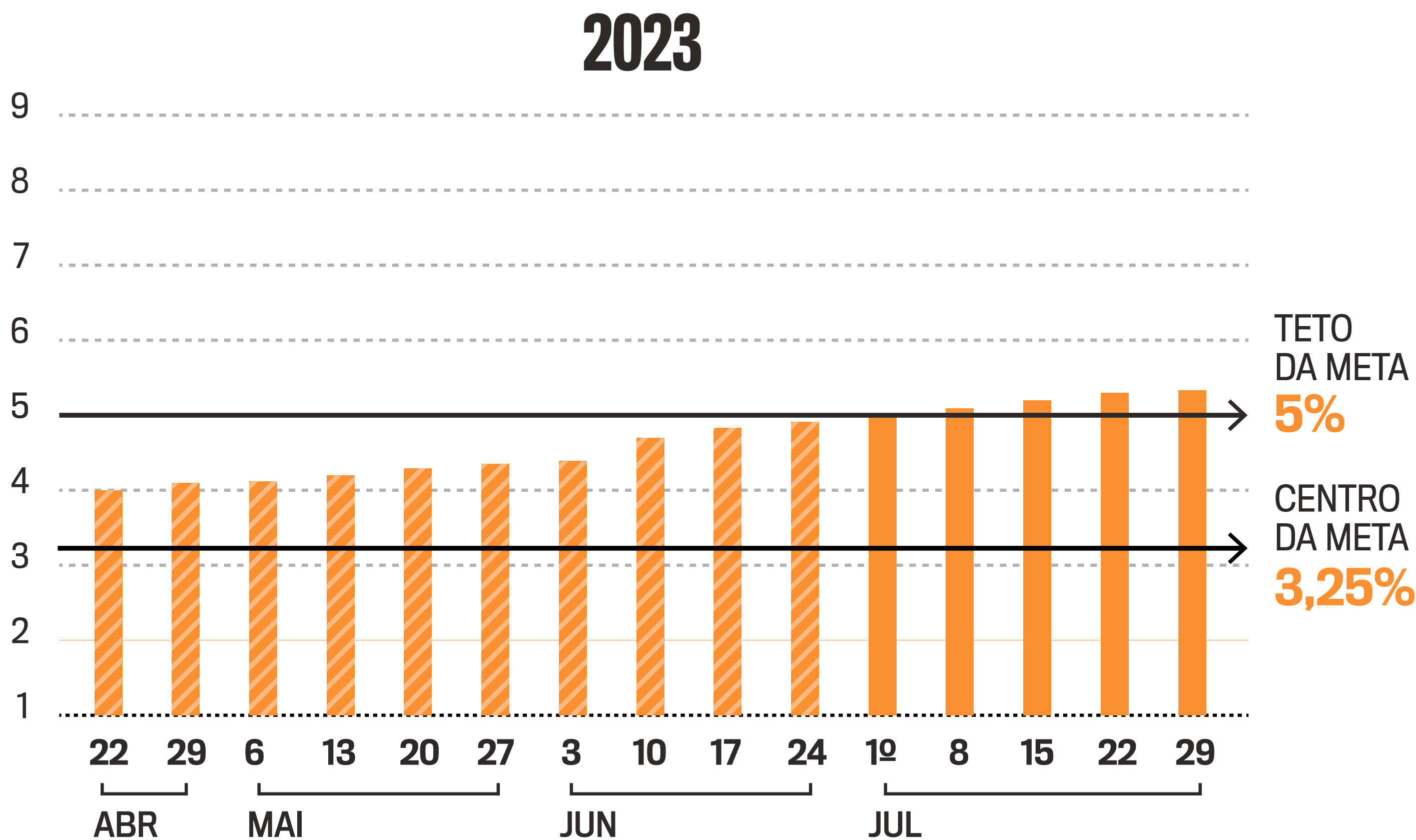
2023

9
8
7
6
5
4
3
2
1

TETO DA META **5%**

CENTRO DA META **3,25%**

22 29 6 13 20 27 3 10 17 24 1º 8 15 22 29

ABR MAI JUN JUL

Fonte: *Banco Central do Brasil*

mentos. Nas projeções do mercado financeiro, os preços administrados tendem a registrar deflação na casa do 0,75% neste ano, a primeira queda desde o Plano Real. Como contrapartida, a estimativa de aumento para 2023 já passa dos 7%, uma vez que o represamento dos repasses deve acabar. A desoneração de impostos federais sobre os combustíveis vai só até o fim do ano (deveria continuar), bem como a redução do IPI para a indústria e os reajustes de tarifas de pedágios e de ônibus urbanos, congeladas em diversos municípios e estados. Se o governo eleito em 2023 não revir os reajustes ou os investidores sentirem que os benefícios concedidos às vésperas da eleição não serão compensados por meio de corte de custos na máquina pública, o dólar pode subir, encarecendo as importações.

O passado recente traz exemplos preocupantes envolvendo o controle da inflação em período eleitoral. Em 2014, em busca da reeleição, a presidente Dilma Rousseff segurou firme a alta dos preços administrados em 5,3%. Em 2015, depois de reeleita, liberou um ajuste que os catapultou em 18,1%. Com essa estratégia e outras similares, como manter reduções no IPI e subsidiar os combustíveis por meio da Petrobras, Dilma criou um ambiente ilusório de boas condições econômicas, ao mesmo tempo que causava grandes problemas às contas públicas, os quais ficariam explícitos pouco tempo depois. Em 2023, a história pode se repetir se as medidas se transformarem em uma herança maldita, com novas pressões inflacionárias e juros ainda mais altos. Fica a torcida para que nada disso aconteça. ■

GARRAS AFIADAS

A China quer dominar Taiwan. Os Estados Unidos se intitulam guardiões da democracia taiwanesa. A visita da presidente da Câmara americana à ilha pôs lenha na fogueira

CAIO SAAD

TEIMOSIA Pelosi *(de terninho rosa)* chega a Taipei: visita desnecessária

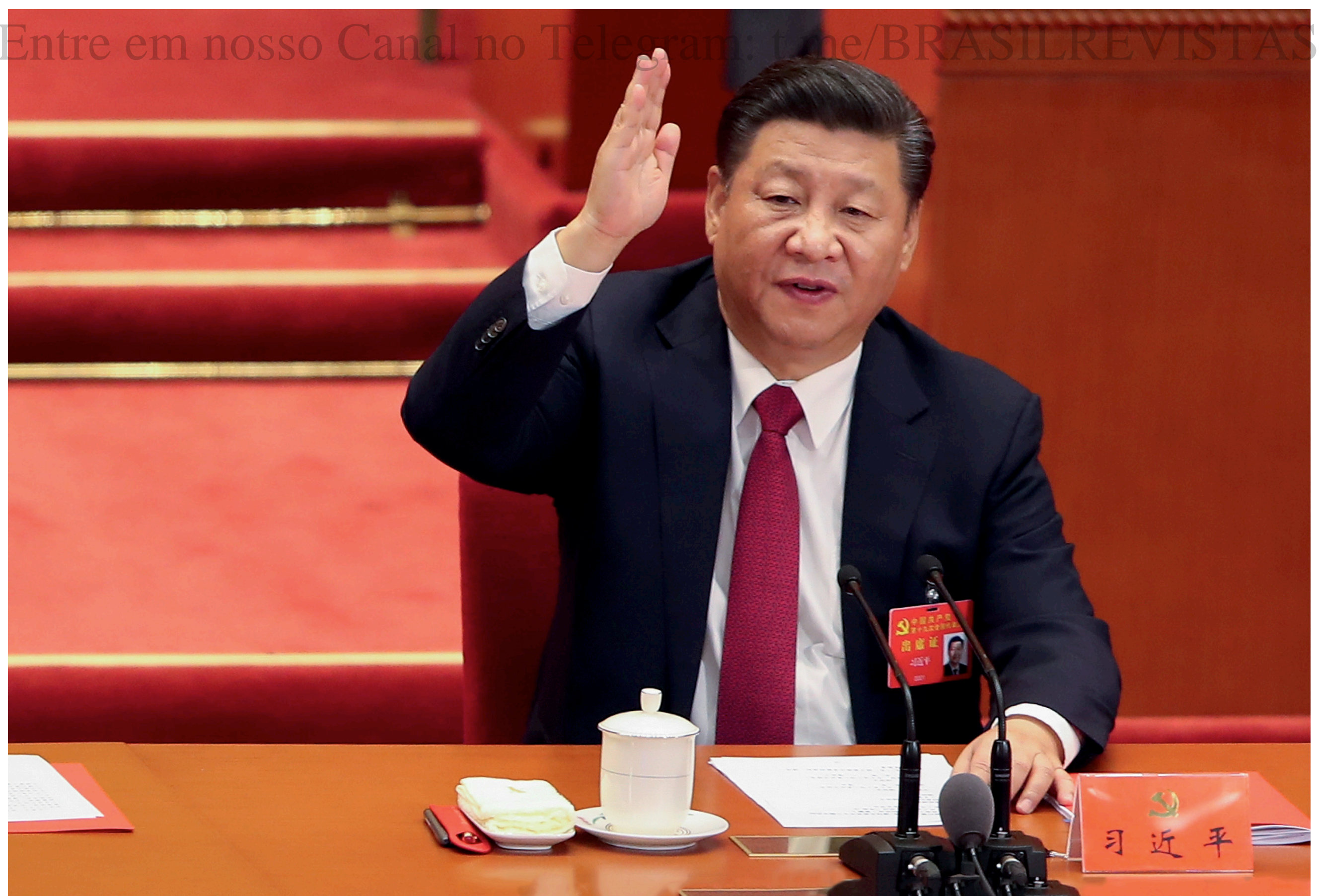
TAIWAN'S MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS/AFP

Veterana política instalada há 35 anos seguidos em um gabinete na Câmara dos Deputados dos Estados Unidos, Nancy Pelosi, 82, presidente da Casa, fez carreira cutucando com vara curta o governo da China comunista em todas as ocasiões possíveis. No início, era um agrado a seu eleitorado: eleita e seguidamente reeleita pela Califórnia, tem na vasta comunidade de expatriados chineses da cidade sua maior base de apoio. Depois, virou uma espécie de marca registrada, repisada a cada eleição, o que só aprofundou a antipatia entre as duas partes. A três meses de uma votação difícil para renovar a Câmara e parte do Senado, Pelosi, de terninho rosa, máscara e cabeça erguida, desafiou alertas da China e de-

sembarcou de um avião da Força Aérea, à frente de uma delegação de seis deputados, para uma visita oficial a Taiwan, ilha rebelde que os EUA apadrinham e que Pequim quer debaixo de seu domínio.

Ela não foi a primeira autoridade americana a prestigiar o governo eleito de Taiwan, mas há 25 anos que ninguém com seu cacife — é a segunda na linha de sucessão de Joe Biden, atrás apenas da vice Kamala Harris — pisava na ilha, e justamente em um momento de alta tensão entre China e Estados Unidos. Antes da viagem, o presidente Xi Jinping, em telefonema a Biden e sem mencionar Pelosi, avisou que "quem brinca com fogo pode ser consumido por ele". A Casa Branca contra-argumentou que não tem jurisdição sobre a agenda de Pelosi e deixou vazar que preferia que ela evitasse a provoca-

ção. Impávida, a deputada seguiu em frente com uma visita de menos de 24 horas à capital, Taipei. Foi recebida como celebridade, com mensagens luminosas no prédio mais alto da cidade, e posou com a presidente Tsai Ing-wen. “A determinação dos Estados Unidos de preservar a democracia, aqui em Taiwan e no mundo todo, permanece inquebrantável”, declarou, em claro recado a Pequim. Antes, em artigo na imprensa, afirmou: “Não podemos ficar assistindo enquanto a China ameaça Taiwan — e a própria democracia”.

O governo chinês, previsivelmente, retrucou com mais ameaças. “Diante do desprezo irresponsável dos Estados Unidos a argumentos sérios e insistentes, qualquer contra-

INTAO ZHANG/GETTY IMAGES

JOGO DURO Xi Jinping: ameaça contra quem “brinca com fogo”

PEQUENA NOTÁVEL

Com apenas 23,5 milhões de habitantes e território de 36 197 quilômetros quadrados, Taiwan tem renda per capita de 33 000 dólares, **três vezes mais que a China**

partida chinesa será necessária e justificada", disse Hua Chunying, porta-voz do Ministério das Relações Exteriores. Aviões de combate sobrevoaram o disputado Estreito de Taiwan, que separa a ilha do continente, e o comando militar anunciou quatro dias de exercícios militares com munição real em cinco pontos ao redor da ilha, o que, na prática, instala um bloqueio naval temporário em uma das rotas comerciais mais movimentadas do planeta.

Taiwan, conhecida antigamente por Formosa, nunca fez parte formal da China comunista. O derrotado presidente Chiang Kai-shek fugiu para lá depois de perder a guerra civil, em 1949, e montou um governo próprio, sustentado até hoje por Washington, inclusive por meio de mecanismos legais

aprovados pelo Congresso americano. Por pressão da China, a maior parte dos países não reconhece Taiwan como nação soberana, entre eles os próprios Estados Unidos, que inventaram para a relação entre as duas partes o termo "ambiguidade estratégica" — a Casa Branca admite que a ilha faz parte da China, mas se compromete a garantir sua democracia. Depois do reconhecimento diplomático americano de Pequim, em 1978, alinhavado em um histórico encontro entre o presidente Richard Nixon e Mao Tsé-tung seis anos antes, Taipei acomodou-se em uma política de não confronto, enquanto se firmava como potência econômica regional. A subida ao poder de Xi, que tem na anexação de Taiwan — inclusive pela força — um ponto de honra de seu governo, complicou e inflamou as contendas entre os dois lados.

SAM YEH/AFP

TENSÃO Fragata taiwanesa lança míssil em exercício naval: as manobras militares se intensificaram em torno da ilha

Além de promover manobras militares cada vez mais ameaçadoras em volta da ilha — às quais os militares taiwaneses respondem com seus próprios exercícios —, Pequim tomou a iniciativa de declarar soberania integral sobre o Estreito de Taiwan, que Taipei considera uma via navegável internacional. A decisão chinesa, se posta em prática à risca, é um baque tanto para a economia da ilha como para a indústria eletrônica internacional. Taiwan é, sozinha, fornecedora de boa parte dos chips que movem todos os equipamentos essenciais à vida cotidiana, de celulares a computadores e videogames. Uma única empresa taiwanesa, a Tai-

GETTY IMAGES

TRÉGUA Nixon e Mao Tsé, em 1972: retomada de relações

wan Semiconductor Manufacturing Company (TSMC), supre metade do mercado mundial, tendo faturado quase 100 bilhões de dólares em 2021. Com esse trunfo na mão, a economia taiwanesa cresceu na pandemia ao ritmo mais acelerado em dez anos, o que contribuiu para sua renda per capita ser três vezes mais alta do que no continente.

Em 1997, outro presidente da Câmara americana, Newt Gingrich, visitou Taiwan e irritou Pequim, mas se tratava de um republicano sem associação com o então presidente democrata Bill Clinton. “Pelosi é do mesmo partido que Biden, o que abre espaço para a China assumir que ela tem a bênção

do presidente", analisa Meredith Oyen, professora de história e estudos asiáticos da Universidade de Maryland. Apesar dos protestos em contrário, Biden, caso se empenhasse de verdade — e fosse um líder forte —, poderia ter convencido a deputada a mudar de ideia. No contexto atual, porém, uma chacoalhada vigorosa que fique um ponto aquém do conflito aberto está no rol das ferramentas diplomáticas americanas — o próprio Biden declarou há dois meses, e depois desdisse, que poderia apoiar militarmente Taiwan diante de uma ameaça de invasão chinesa. A subida de tom é resultado direto de uma lição aprendida na guerra da Ucrânia: a de que levar dirigentes autocratas em banho-maria, como foi feito durante décadas com o russo Vladimir Putin, pode desaguar

em surpresas extremamente desagradáveis.

Decidido a tirar dos Estados Unidos a condição de maior potência do planeta, Xi tem se dedicado a ampliar sua influência nos organismos internacionais e a financiar projetos milionários mundo afora, ao mesmo tempo que fortalece suas Forças Armadas. Nessa cruzada geopolítica, as relações entre Taipei e Pequim atravessam seu pior momento em quatro décadas, um abismo que a decisão de Putin de invadir a Ucrânia sem nenhuma justificativa decente só fez aprofundar. A desavença, evidentemente, intensifica o já altamente volátil clima de tensão entre chineses e americanos, aliados incondicionais de Taiwan. "As relações entre China e Estados Unidos passam por um período de profunda fluidez. Embora existam no horizonte poucos indicadores de

uma redução das tensões, a situação não chegou a um ponto tão ruim que não possa piorar”, resume Jude Blanchette, pesquisador de assuntos chineses no Center for Strategic and International Studies (CSIS), em Washington.

Apesar das declarações incendiárias de parte a parte, os especialistas veem pouca probabilidade de um conflito armado envolvendo China e Taiwan a curto prazo. Pequim tem hoje mais de 2 milhões de soldados à disposição (e um contingente ainda maior caso precisasse), contra 160 000 taiwaneses, mas a geografia dificulta uma invasão. “A pequena costa de Taiwan, com apenas 400 quilômetros, tem poucos pontos favoráveis ao desembarque de tropas. Esse fato e a tecnologia de monitoramento disponibilizada pelos

Estados Unidos dificultam um ataque”, explica Zeno Leoni, professor do Departamento de Estudos de Defesa do King’s College, em Londres. Mas com Xi se preparando para obter um inédito terceiro mandato no congresso do Partido Comunista nos próximos meses e Biden — e Pelosi — fazendo de tudo para reverter as projeções de que o Partido Republicano conseguirá maioria na Câmara e no Senado em novembro, a pequena ilha de 23 milhões de habitantes deve seguir ainda por um bom tempo na pauta das provocações mútuas das duas potências. ■

VILMA GRYZINSKI

NEM SANTA NEM AQUELA OUTRA COISA

Evita é um mito que condena a Argentina a repetir os mesmos erros

---

EVA PERÓN tinha 33 anos e pesava 37 quilos quando apareceu em público pela última vez, desfilando em carro aberto na segunda posse do marido. Usava um casaco de vison com um de seus fabulosos colares com pedras preciosas em

formato de sol, o símbolo argentino. Por baixo da roupa, um colete feito especialmente para mantê-la de pé: o câncer de útero já havia se espalhado pelos ossos, provocando dores só suportadas com morfina. Teve uma vida extraordinária, e uma morte tão ou mais espantosa, que não seria necessário acrescentar nada para pô-la no alto do panteão de personagens argentinos alucinantes, do Che a Diego, de Gardel a Borges, todos dignos de ser chamados por um nome só, gravitando num universo no qual, dependendo de nossas paixões, cada um deles já justificaria a existência da Argentina.

Seus descamisados a tratavam como Santa Evita, o título do insuperável romance de Tomás Eloy Martínez e da minissérie baseada nele, e seus inimigos usavam o brutal feminino de cavalo para classificar uma ex-atriz do ramo do en-

tretenimento noturno que usava vestidos Dior para se pavonear diante dos inimigos de classe — e o fornecimento de papel de imprensa para controlar os jornais que não bailavam conforme a música peronista. Não foi uma coisa nem outra, mas desde que Madonna a ressuscitou para o mundo, numa tendência retomada agora com os setenta anos de sua morte, vem tendo seu papel histórico distorcido para pintá-la como feminista que confrontava o marido. Historiadores sérios, ao contrário, retratam a deferência com que ela se colocava diante de um “Juan” que entendia o valor político da esposa e a havia convencido da importância da aprovação do voto feminino.

O historiador italiano Loris Zanatta, talvez o melhor es-

tudioso da obsessão caudilhesca da América Latina, tem uma visão crítica do fenômeno Evita e dos embates que ela continua a provocar. “Creio que em Eva e no evitismo estão

“Os inimigos usavam o brutal feminino de cavalo para classificar a ex-atriz de casas noturnas”

as raízes culturais mais profundas da decadência argentina, inclusive mais do que em Perón", escreveu ele. Explicação: enquanto Perón e seu movimento tiveram flexibilidade para se adaptar aos momentos históricos, gerando figuras pragmáticas ou simplesmente malandras, Eva foi messiânica, fanática e "pobrista".

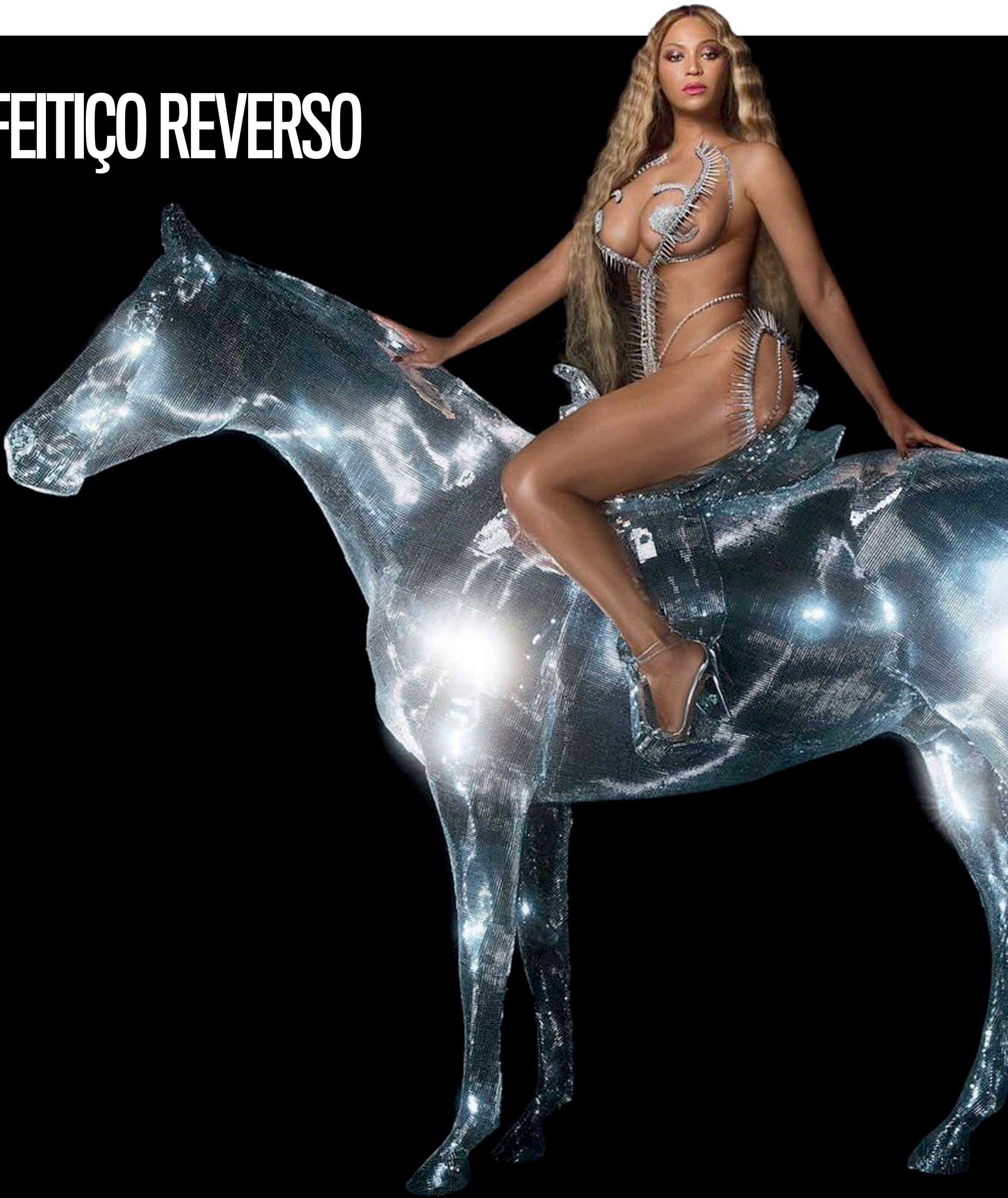
"Nada na mentalidade econômica evitista promove a autonomia pessoal, a mobilidade social, a iniciativa individual, tudo fomenta a dependência, o oportunismo, o clientelismo; nada é orientado a crescer e produzir, tudo a 'ajudar' e distribuir." Dificilmente haveria definição melhor da praga populista que mantém apertadas as amarras das quais a Argentina, e a América Latina em geral, não conseguem se livrar.

"Essa mulher é minha", dizia o coronel Carlos Eugenio de Moori Koenig, enlouquecido pelo cadáver perfeitamente embalsamado de Evita que havia sequestrado e mantinha em posição vertical, inclusive para a prática de atos "anticristãos", segundo seus próprios companheiros de Exército. Na verdade, Evita pertence ao mundo dos mitos. Nem a impressão de seu rosto nas notas de 100 pesos, lançadas em 2012, conseguiu acabar com ela — embora o governo argentino tenha dado o seu melhor para fazê-lo. Hoje, são necessárias quase duas "evitas" para comprar 1 dólar. ■

VALMIR MORATELLI

FEITIÇO REVERSO

INSTAGRAM @BEYONCE

Ent

Acostumada a comprar brigas por igualdade racial, feminismo e direitos das minorias, **BEYONCÉ,** 40 anos, foi de pedra a vidraça ao derrapar no politicamente correto em seu recente — e elogiado — álbum *Renaissance.* Na faixa *Heated,* ela usa a expressão *spazz,* que no inglês americano quer dizer algo como vibração, mas no britânico é um termo pejorativo para pessoas com paralisia cerebral. Para piorar, a cantora Lizzo havia sido desancada pelo mesmíssimo motivo poucas semanas atrás. "A palavra não tinha intenção ofensiva e será substituída", apressou-se em informar a equipe da diva.

IQUE ESTEVES PHOTOGRAPHY

EMOÇÃO NO SET

Por pouco os bastidores da gravação de *O Palestrante*, estrelado por **DANI CALABRESA,** 40 anos, e **FABIO PORCHAT,** 39, não serviram de material para outro filme. A atriz sofreu uma intoxicação alimentar e precisou correr para o pronto-socorro. Teve alta, mas não parava de vomitar. “Sujei todo o figurino. Porchat precisou me emprestar uma calça de moletom”, relata. O jeito foi voltar para o hospital, mas no caminho o motorista teve uma crise de diabetes e problemas de visão. “Ele entrou na contramão e quase bateu num canteiro”, relata Dani. A crise passou, o drama da vida real teve final feliz e a filmagem da comédia seguiu adiante.

INSTAGRAM @GIOEWBANK

PÁGINA VIRADA

Foi com justificado incômodo e fúria que e **GIOVANNA EWBANK,** 35, **BRUNO GAGLIASSO,** 40, reagiram ao racismo explícito de que foram alvo, em um restaurante em Portugal, seus dois filhos adotivos. Agora, passado o lamentável incidente — condenado inclusive pelo presidente português Marcelo Rebelo de Sousa —, os dois baixaram uma ordem geral para a prole: aproveitar ao máximo os vinte dias de férias que ainda restam, com muitos banhos de mar e passeios de barco com **TITI,** 8, **BLESS,** 6, nascidos no Malawi, e **ZYAN,** 2. “Vamos continuar fortalecendo e mostrando quanto são maravilhosos”, diz Gio.

INSTAGRAM @OLENAZELENSKA_OFFICIAL

POSE ENGAJADA

O clima é sério e meio sombrio, as roupas são simples e não se vê um único sorriso. Mesmo assim, a primeira-dama da Ucrânia, **OLENA ZELENSKA,** 44 anos, foi criticadíssima por aparecer na capa de uma edição digital da *Vogue* americana e posar para a celebrada fotógrafa Annie Leibovitz sentada nos degraus do Parlamento em Kiev, no colo do marido Volodymyr Zelensky e ao lado de soldadas em um aeroporto militar. Acusada de explorar a guerra para aparecer, Olena disse que seu alvo era chamar a atenção para a tragédia. “Acho mais importante fazer alguma coisa e ser criticada do que não fazer nada”, rebateu. ■

BANHO DE JUVENTUDE

A medicina avança na compreensão dos processos por trás do envelhecimento e as conclusões animam. É possível frear sua aceleração apenas tendo uma vida saudável

CILENE PEREIRA

VIGOR Atividade física: além do impacto no coração, pode ajudar no equilíbrio da flora intestinal

TETRA IMAGES/GETTY IMAGES

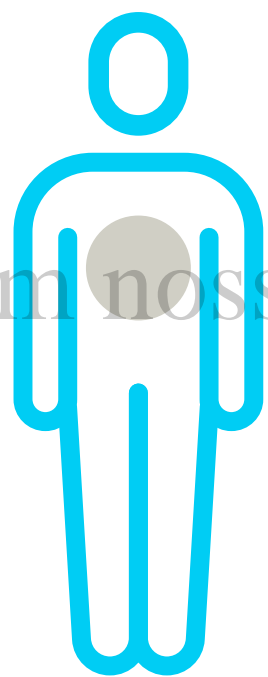
Alexandre, o Grande, o mítico general que lançou as bases da cultura helênica ao expandir os territórios da Macedônia e da Grécia ao Egito e parte da Índia, no século IV a.C., é considerado um dos maiores estrategistas militares de todos os tempos. Foi o responsável por mudar o curso da civilização ao permitir a integração da cultura da terra do filósofo Aristóteles, de quem foi pupilo, com os saberes orientais. Tal biografia lhe conferiu status de imortalidade histórica, e ele sabia disso. Contudo, o conquistador sonhou com a vida eterna também do corpo. Em sua jornada rumo ao Oriente, ele teria tentado localizar a tal fonte da juventude sobre a qual se falava nas conversas em que a mitologia pautava a realidade. Alexandre morreu aos 32 anos, cedo até para aqueles tempos. Seguiram-se a ele outros aventureiros, embalados pela ambição de encontrar o lugar de onde jorraria o líquido da mocidade. A dádiva, como se sabe, não existe. E quem a promete ainda hoje não merece confiança. Contudo, o que deve ser acompanhado com entusiasmo é a evolução da ciência na busca da vida mais longeva e plena.

Há um esforço sem precedentes nessa direção. Nos últimos anos, multiplicaram-se as pesquisas dedicadas ao entendimento do processo de envelhecer, resultando em achados fascinantes. Já se sabe que ele acontece em nível celular. Para se ter uma ideia, as células da pele de um recém-nascido se dividem até noventa vezes. As de pessoas mais velhas, vinte. É parte de um mecanismo biológico natural. O que

RELÓGIO DO TEMPO

Conhecer a idade biológica, mais do que a cronológica, é essencial para aplicação de terapias antienvelhecimento

O QUE É

Avaliação do desgaste de células, tecidos e órgãos

IMPACTO

Cada 5 a 8 anos de aceleração da idade biológica está associado a 20% a 32% de chances menores de viver além dos 90 anos com mobilidade e capacidade cognitiva preservadas

não era esperado é que elementos externos como poluição, estresse e má alimentação ganhassem tamanha relevância na vida moderna a ponto de conseguirem interferir diretamente no material genético, provocando alterações que aceleram o desgaste estrutural do organismo. Por isso, grande parte dos estudos em andamento tem como objetivo criar meios de prevenir, detectar e tratar as transformações ocor-

COMO MEDIR

- *Há poucos métodos disponíveis. Um deles é o PhotoAgeClock*

- *O dispositivo usa inteligência artificial para determinar a idade biológica a partir da análise das imagens obtidas da pele ao redor dos olhos*

- *A margem de erro é de* ***2 a 3 anos*** *para menos ou para mais*

Fontes: *Universidade da Califórnia, Estados Unidos, Haut.AI e Insilico Medicine*

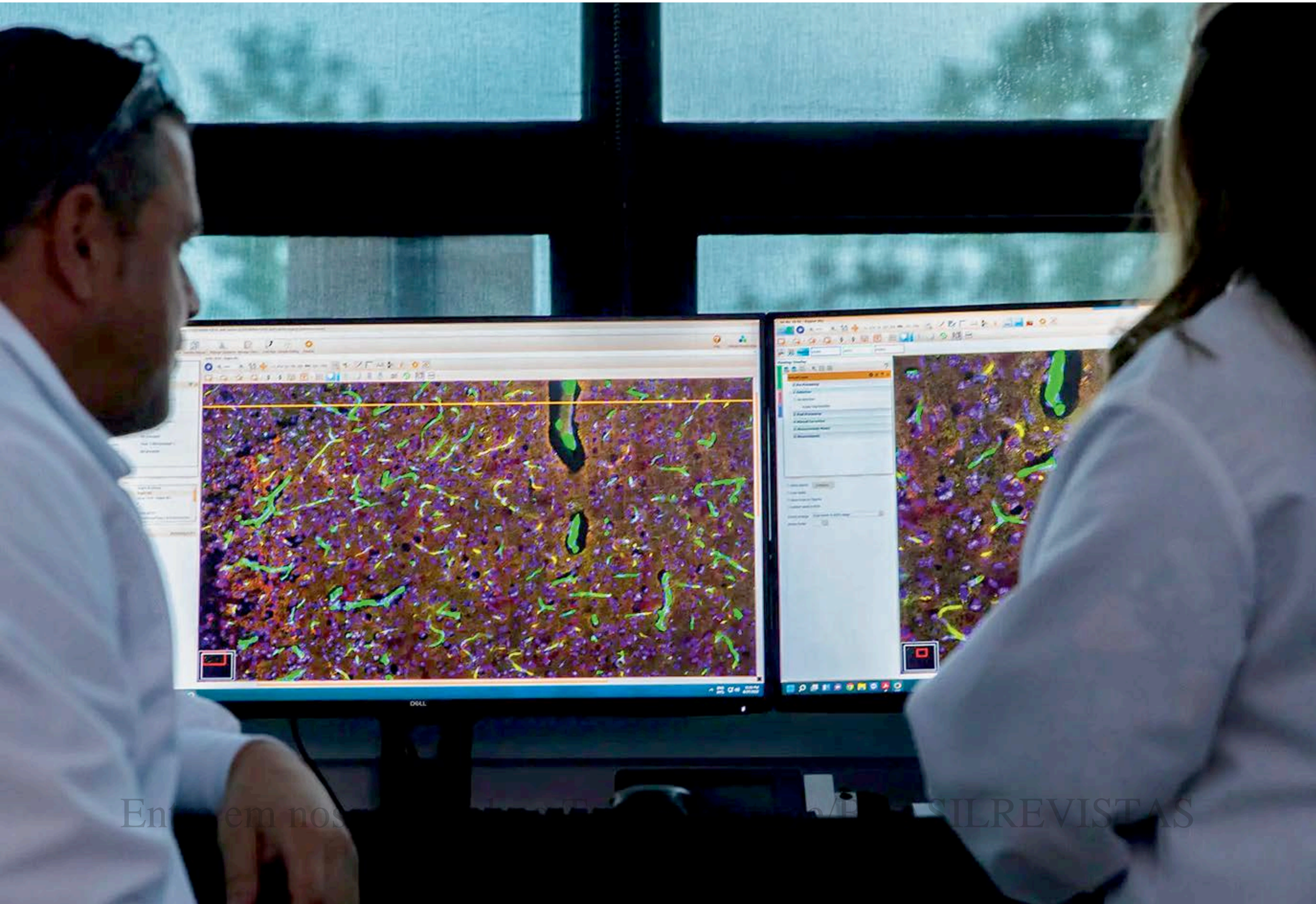
ridas dentro do maquinário celular e do DNA para interromper não o envelhecimento, mas a sua aceleração.

Duas das promessas mais recentes apareceram nos Estados Unidos e no Brasil. Lá, a empresa Elevian se prepara para iniciar no próximo ano estudos em humanos com uma proteína que, em animais, mostrou boa eficácia na restauração de estruturas danificadas. O primeiro trabalho envol-

NASA

ALÔ, TERRA Astronautas: estudo deu novas informações sobre perda óssea nas viagens espaciais

vendo a GDF11, nome do composto, teve conclusão impressionante. Na Universidade Harvard, os cientistas queriam ver o que aconteceria no tecido cardíaco se o sangue de uma cobaia jovem fosse transferido para um animal velho. O coração acabou rejuvenescido e os pesquisadores, estarrecidos. Estudos posteriores revelaram que o vetor do feito era a proteína, hoje a aposta principal da Elevian, onde se pesquisam eventuais benefícios em órgãos como o cérebro e no sistema musculoesquelético, além do coração.

CODY O'LOUGHLIN/THE NEW YORK TIMES/FOTOARENA

PROMESSA Pesquisa da Elevian: estudo para saber a real eficácia de proteína

Por aqui, a Universidade de São Paulo publicou recentemente no periódico científico *Nutrition* artigo relatando o efeito de uma substância chamada taurina na redução do envelhecimento precoce. O composto auxilia as células a se livrar de moléculas nocivas fabricadas por elas próprias como reação a agressores externos e que podem levá-las ao estado chamado estresse oxidativo, extremamente associado a danos prematuros ao organismo. Depois de separar aleatoriamente 24 voluntárias com idade entre 55 e 70 anos em dois grupos, os cientis-

PRATELEIRA DE PROMESSAS

A ciência investiga o potencial de remédios conhecidos para conter o envelhecimento

RAPAMICINA

Usada para reduzir a resposta do sistema de defesa quando há reação exacerbada, preservaria o bom funcionamento celular

METFORMINA

Indicada no controle do diabetes tipo 2, em baixas doses melhoraria a reciclagem de proteínas, reduzindo o desgaste das células

QUERCETINA

Vendida na forma de suplemento, ajudaria na eliminação de compostos que aceleram o estresse celular

tas brasileiros trataram metade com placebo e metade recebeu suplementos de taurina durante dezesseis semanas. Ao fim do período, as integrantes que tomaram as doses extras apresentaram maiores concentrações de substâncias que, como a taurina, auxiliam o processo de limpeza das células.

A evolução de outros campos de pesquisa também adiciona conhecimento valioso. Um dos mais reconhecidos, até pelo aspecto prático que oferece, é o que investiga o papel da flora intestinal na saúde como um todo. São relativamente recentes, contudo, as indicações de que mudanças ocorridas no microbioma podem estar associadas a um envelhecimento saudável. Sabe-se que o equilíbrio de microrganismos no sistema digestivo é decisivo para o bom funcionamento do

organismo, mas, agora, o que se quer é descobrir se existe e qual seria a relação direta da flora na inibição dos fenômenos que levam a danos celulares precoces.

Um dos fatos que embasam os estudos é a constatação de que o perfil intestinal muda ao longo da vida. Nos três primeiros anos, sofre rápidas transformações. Depois, até a vida adulta, permanece o mesmo e só volta a se modificar na velhice. Estudos iniciais sugerem, porém, que quanto menos alterações nessa fase, melhor. O problema é que o consumo excessivo de alimentos processados e gorduras combinado ao sedentarismo contribui no sentido oposto. Por isso, autores de um dos mais recentes trabalhos sobre o assunto recomendam capricho na ingestão de tudo o que favorece a estabilidade da flora: frutas, grãos integrais, sementes e verduras, além de prática de exercícios.

O VÍRUS QUE ENVELHECE

O HIV, responsável pela aids, acelera o envelhecimento em dois a três anos, segundo pesquisa recente da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos. Havia a indicação de que o vírus e os medicamentos antivirais utilizados para impedir sua replicação estariam associados às doenças cardiovasculares, renais e neurológicas mais comuns depois dos 50 anos de idade.

NIAID

ATAQUE
Célula infectada por HIV: danos ao material genético

Essa é a primeira investigação a demonstrar que o vírus, sozinho, interfere no comportamento dos genes, provocando danos associados ao desgaste prematuro do organismo. "O impacto se dá logo após os primeiros meses e anos de infecção, quando o vírus já entra em ação para adiantar o processo de envelhecimento atuando diretamente sobre o DNA", afirma Elizabeth Crabb Breen, líder da pesquisa.

A descoberta, ainda que soe incômoda e acenda sinal amarelo, tem um aspecto positivo: é atalho para a compreensão mais detalhada dos mecanismos da aids e de que forma, ao tirar a imunidade do organismo, ela abre as portas para outras doenças.

A observação mais inusitada a se juntar à ciência do envelhecimento saudável vem do espaço. Um time internacional de cientistas descobriu que longas estadias nas estações espaciais causam o desgaste precoce de partes do esqueleto estimado em mais de dez anos. A razão é a falta de exercícios físicos durante as viagens. Adaptado às condições na Terra, o trabalho oferece dois benefícios. Primeiro, a informação serve como um alerta sobre o que a inatividade provoca na saúde óssea, sobretudo nas últimas décadas de vida. Além disso, o tomógrafo de última geração usado para examinar os astronautas poderá ser aplicado no diagnóstico das causas das perdas ósseas apresentadas por adultos na meia-idade ou idosos. Hoje, isso é um desafio. "Não fica sempre

claro se o dano é consequência de inflamação ou sedentarismo", diz Anna-Maria Liphardt, uma das autoras do estudo.

A idade cronológica está longe de representar a etapa real da potência do organismo. Dessa forma, ao se falar em processos adequados de envelhecimento, o que deve ser considerado é a idade biológica *(leia o quadro na pág. 55).* Além disso, a ciência não trabalha para encontrar fontes milagrosas de juventude. Elas não existem. "O que se quer é combater o envelhecimento prematuro e as doenças a ele associadas", diz Alexandre Hohl, da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia. Nada mais legítimo, sensato e humano, demasiadamente humano. ■

Colaborou Paula Felix

A FUGA DOS JALECOS

Uma turma de brasileiros da área da saúde tem voado para os Estados Unidos e países da Europa atrás de boas vagas abertas em velocidade sem precedentes no cenário pós-pandemia **CAMILE MELLO**

DÉFICIT Hospital nos Estados Unidos: a previsão é de que 300 000 profissionais se aposentem nos próximos anos

FRANCINE ORR/LOS ANGELES TIMES/GETTY IMAGES

OS ÚLTIMOS TEMPOS foram especialmente penosos para os profissionais da saúde, que engataram em jornadas extenuantes em hospitais abarrotados pela pandemia em todos os cantos do planeta. Exauridos, muitos anteciparam a aposentadoria ou foram em busca de alternativas de carreira, deixando uma lacuna sem precedentes em hospitais que, para completar, estão sendo acionados como nunca antes. Muita gente, afinal, adiou a visita ao médico enquanto as curvas do vírus estavam a toda.

E dá-lhe multidões atrás de exames e cirurgias, fazendo formar filas como a registrada na Inglaterra, onde quase 5 milhões de pessoas aguardam por atendimento em uma unidade do National Health Service (NHS), o sistema público de lá. É nesse contexto de elevada demanda que países como Estados Unidos, Alemanha, Canadá e o próprio Reino Unido estão abrindo as portas para uma multidão de médicos, enfermeiros, fisioterapeutas e dentistas de variadas nacionalidades. Pois os brasileiros descobriram a rota, que percorrem movidos por salários melhores, um horizonte de crescimento e uma reviravolta na vida.

No ranking de pedidos de vistos americanos de trabalho concedidos em 2021, o Brasil figura entre os cinco primeiros, e só cresce, de acordo com o Serviço de Imigração e Cidadania dos Estados Unidos. Detalhe: o pessoal da área médica aparece em peso. Segundo as principais empresas de consultoria especializadas em desenrolar os labirintos burocráticos da papelada exigida no processo, eles representam

40%

DOS BRASILEIROS

que requisitam vistos para trabalhar nos Estados Unidos são da área da saúde

em torno de 40% dos que querem mudar de ares. Entusiasmado integrante da leva, o enfermeiro Marlon Miranda, 39 anos, desembarcou em fevereiro no sul da Califórnia e ali

tem carga horária menos pesada e um salário (em torno de 104 000 dólares anuais) maior do que o que recebia em um hospital do Exército no Rio Grande do Sul. Ele vivia às voltas com altos e baixos no emprego e penava com a escassez de equipamentos. “Mesmo hoje morando em uma região cara, estou muito bem, e ainda sobra dinheiro para enviar ao Brasil”, conta.

Os Estados Unidos registram 16 000 vagas ociosas para médicos e enfermeiros e precisam de 7 000 especialistas no tão demandado segmento da saúde mental — uma bola de neve, já que 300 000 profissionais da saúde vão se aposentar em uma década, como revela uma projeção da Associação Americana de Hospitais. Uma oportunidade e tanto, talvez única, para estrangeiros na área. Na Alemanha, são

aproximadamente 200 000 postos a ser preenchidos, déficit cuja previsão é mais do que dobrar nos próximos anos. O Canadá também sofre, assim como o Reino Unido, onde faltam atualmente 160 000 médicos e enfermeiros. Há um ano, a médica paraense Julie Sanz, 36 anos, exerce a otorrinolaringologia em Bristol, onde tem plano de carreira e já foi surpreendida com um aumento de salário depois de seis meses no batente. “Cada vez mais colegas me procuram atrás de informações sobre o trâmite migratório”, relata ela, bem adaptada à rotina britânica.

Essa não é, porém, uma trilha tão fácil. Para dar certo, há de se ter paciência em meio a um mundaréu de exigências e testes. O candidato precisa, para obter a permissão de trabalho, revalidar o diploma, comprovar experiência e ainda passar em uma prova da língua estrangeira que usará no ofício — esse, aliás, um terreno que envolve um esforço adicional, já que é necessário aprender uma enxurrada de termos técnicos. Ultrapassada essa fase, aí, sim, o interessado pode correr atrás da almejada vaga. No Reino Unido, uma agência ligada ao NHS se encarrega do visto. Nos Estados Unidos, são as empresas que facilitam a obtenção do ambicionado documento. Elas também dão, em geral, uma mãozinha nas despesas iniciais, incluindo a passagem e os primeiros aluguéis. Mas tanto lá quanto em outros países os custos da epopeia burocrática são arcados pelo próprio candidato: eles começam em 6 000 reais, podendo alcançar os 40 000 reais.

Os brasileiros despertam interesse porque costumam demonstrar alta capacidade de adaptação e ter boa formação. "Se estamos conquistando vagas no exterior, é sinal de que nossas universidades estão colocando no mercado mão de obra bastante qualificada", avalia Marcelo Dantas, cônsul-geral do Brasil em Los Angeles. Há um consenso de que, em muitas especialidades, as condições de trabalho em hospitais brasileiros são para lá de precárias e faltam incentivos para que os profissionais deslanchem. Daí tantos tentarem a sorte no exterior. O impulso para a fisioterapeuta Roberta Barbieri, 33 anos, voar para a Flórida, em junho, veio de uma sensação de que sua carreira em São Paulo andava emperrada, aliada à busca por mais qualidade de vida, sobretudo em relação à segurança. Com ainda pouco tempo de estrada na rotina americana, ela espantou-se com o vigor do mercado. "Recebo propostas de emprego quase todo dia", conta. Como se vê, os jalecos *made in Brazil* fazem sucesso. ■

ARQUIVO PESSOAL

HORIZONTE ENSOLARADO
Marlon Miranda, na Califórnia: oportunidades

NA PONTA DO LÁPIS

A crise econômica dos últimos dois anos e o aumento expressivo do valor das mensalidades fizeram com que muitos alunos trocassem a rede privada pela pública

ALESSANDRO GIANNINI

NA SALA DE AULA Efeito Covid: a pandemia trouxe sufoco financeiro para as famílias

CLÓVIS NETO/FOTOARENA

A EDUCAÇÃO está entre os setores mais afetados pela pandemia. Com a queda de renda dos brasileiros, observou-se no país um fenômeno inevitável. Nos últimos dois anos, as escolas particulares perderam quase 1 milhão de alunos, o que representa uma diminuição de cerca de 10% no total de matriculados. Mais do que isso: o movimento pôs fim a uma série histórica de crescimento. A educação infantil, etapa decisiva para a formação das crianças, foi determinante para esses números. Nesse grupo, houve 600 000 cancelamentos de matrículas, das quais 298 000 em creches e 308 000 na pré-escola — quedas de 21% e 25%, respectivamente.

Realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estu-

dos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o Censo da Educação Básica 2021 mostrou que, de 2017 a 2019, houve crescimento de 5,5% nas matrículas da educação infantil no país. De 2019 até o ano passado, no entanto, o ciclo virtuoso foi interrompido por uma queda de 7,3% nas entradas de alunos. A redução foi ocasionada principalmente pela rede privada, que teve queda de 17,7% no ano passado em relação a 2020 (decréscimo de 15,8% na creche e de 19,8% na pré-escola), enquanto a rede pública apresentou pequena redução de 1,5% no mesmo período (queda de 1,8% na creche e de 1,3% na pré-escola).

Duas razões principais explicam o tropeço. A primeira: o aumento das mensalidades das redes privadas associado à diminuição da renda fez com que muitas famílias

desistissem de matricular seus filhos na escola particular para colocá-los na rede pública. Na crise financeira, corta-se de tudo — inclusive, os gastos com educação. Houve ainda um segundo motivo, de peso menor, mas que precisa ser posto na equação: a queda demográfica, ou seja, nascem menos crianças por família e, portanto, cai também a procura pelos bancos escolares.

Está claro que a pandemia de Covid-19 não terminou, gerando temores de que os hospitais possam encher novamente. Um indicador relevante foi dado pela empresa de gestão educacional Layers, que registrou aumento de 44% nos comunicados sobre a doença nas escolas com as quais trabalha desde o início do ano letivo até junho. Por essas

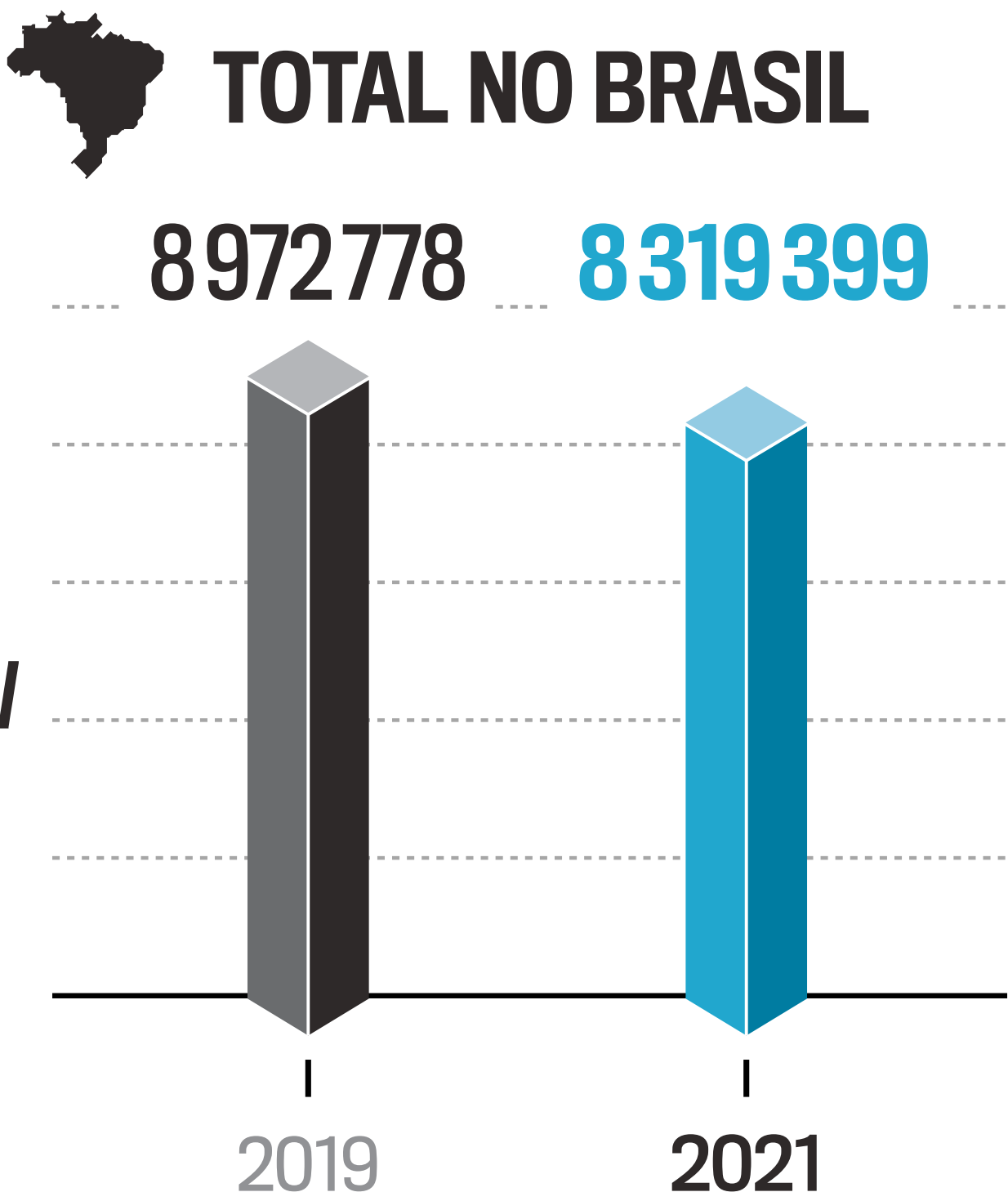
razões, as famílias não definiram se vão fazer com que suas crianças voltem para a rede privada ou se vão mantê-las nas instituições públicas. Se a Covid-19 enveredar para ní-

CICLO INTERROMPIDO

O número de matrículas nas escolas de educação infantil caiu durante a pandemia. A queda foi puxada pelo ensino privado

Fonte: *Inep/MEC*

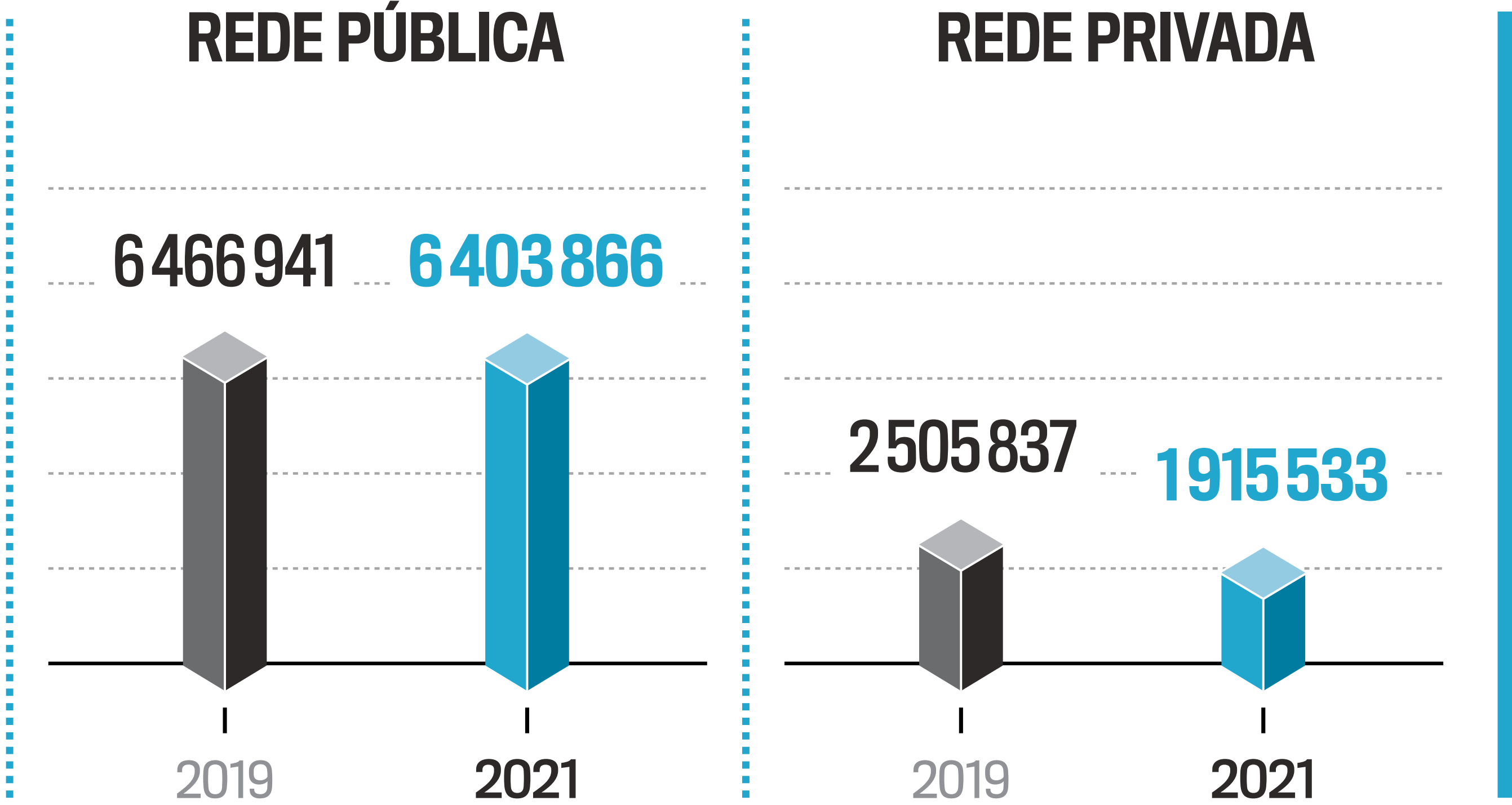
TOTAL NO BRASIL

Ano	Matrículas
2019	8 972 778
2021	8 319 399

veis alarmantes — tudo indica que isso não ocorrerá, felizmente —, é certo que a recuperação econômica será mais lenta, e a retomada de renda igualmente deverá demorar.

Em tese, o fenômeno da transferência da rede privada para a pública não é ruim. “A migração não é um problema grave”, diz Priscila Cruz, presidente da organização não governamental Todos pela Educação. “O mais sério é a criança que não é matriculada, aquela que saiu da escola e, no pós-pandemia, não voltou para nenhuma das redes.”

A escola é um instituto personalíssimo. Tirar um filho das salas de aula é complexo, porque há um entorno que pesa: os amigos, os professores, o bairro e a própria organização familiar. Mas, insista-se, o custo é vital na toma-

da de decisões. As escolas particulares ficaram absurdamente caras nos últimos vinte anos, a ponto de comprometerem até 25% da renda das famílias. “Não há mais es-

	2019	2021
REDE PÚBLICA	6 466 941	6 403 866
REDE PRIVADA	2 505 837	1 915 533

paço para tolerar aumento da mensalidade", diz Danilo Costa, fundador da Educbank, plataforma de financiamento para instituições de ensino.

A educação no Brasil pede cuidados. A percepção de que escolas particulares são parâmetro do ensino em todo o país é uma distorção, denunciada por muitos especialistas. Um indicador é a comparação com nações como o Vietnã, que criou um plano de longo prazo e, a partir de 2010, dirigiu 20% dos gastos públicos ao setor. "As notas dos nossos alunos de escolas privadas — as melhores e mais caras — são piores do que as dos alunos das escolas rurais de lá", diz Priscila, do Todos pela Educação. Há que se rever a atenção e o dinheiro que se destinam ao setor como um todo. É onde reside o futuro do país. ■

FALSO DILEMA

Pouco depois de anunciar uma queda sem precedentes do número de usuários, o Facebook estuda controversa medida para flexibilizar o combate à desinformação

LUIZ FELIPE CASTRO

PRESSÃO
Zuckerberg: o CEO da Meta negou priorizar lucros acima de tudo

JESSICA CHOU/THE NEW YORK TIMES/FOTOARENA

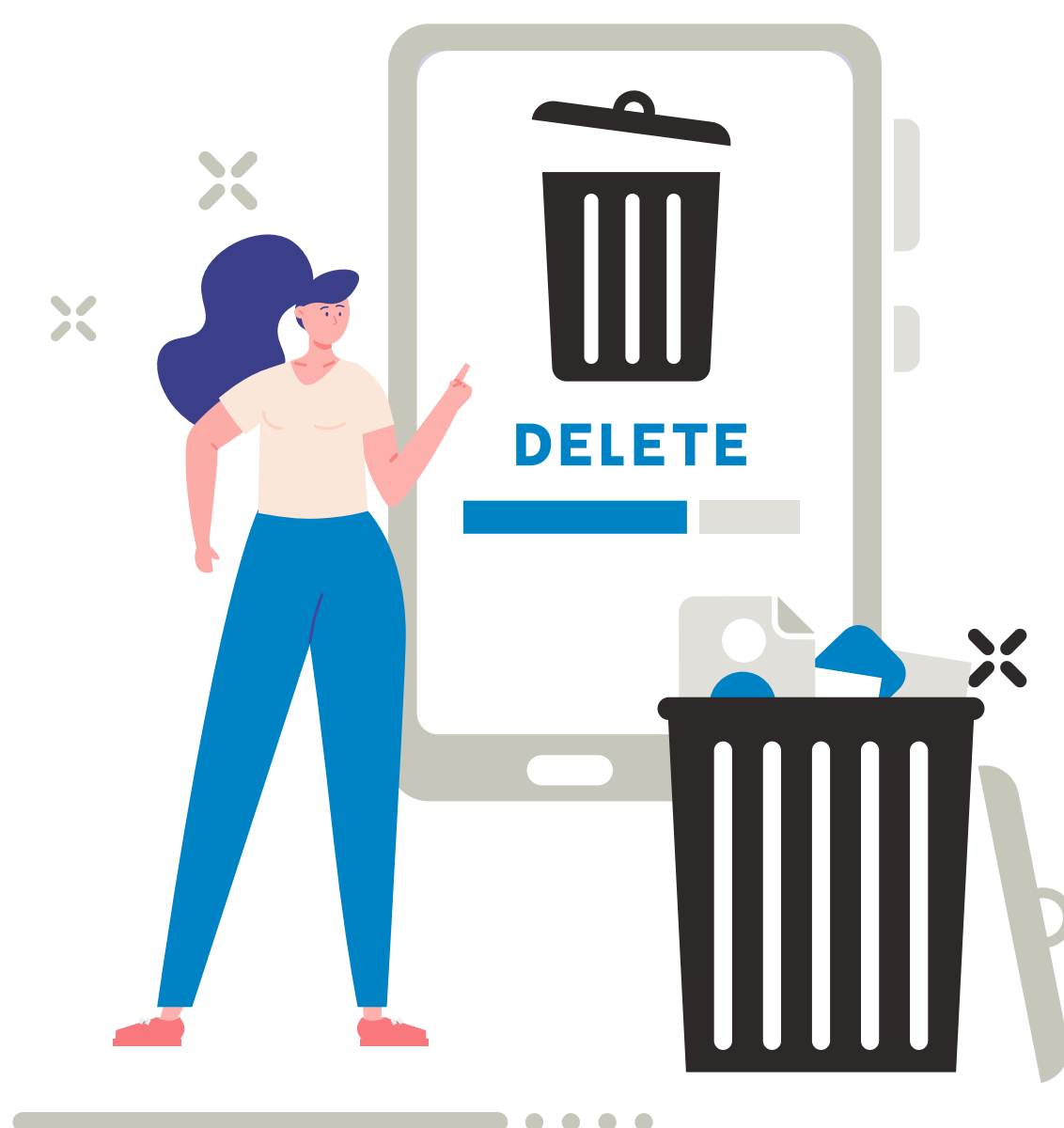
MARK ZUCKERBERG, o bilionário americano fundador do Facebook, anda cada vez mais inquieto. Nos últimos anos, a rede social criada em 2004 esteve no centro de uma série de denúncias envolvendo combate ineficiente a notícias falsas, vazamento de dados para fins eleitorais e algoritmos prejudiciais à saúde dos jovens. O envelhecimento de seu público, o crescimento de concorrentes como o TikTok e uma inédita fuga de usuários puseram o grupo Meta e seus acionistas em alerta. Ter comprado o Instagram e o WhatsApp não bastou. Na esteira dos problemas, a empresa anunciou agora uma medida controversa, para dizer o mínimo. O Facebook solicitou a seu conselho de supervisão, um órgão regulador independente, a revisão

de suas diretrizes sobre publicações que envolvam a Covid-19. Em vez de excluir os conteúdos falsos sobre a doença ou a vacinação, como vem fazendo desde 2020, a rede social quer manter as publicações, rotulando-as de *fake news* ou apenas rebaixando-as na classificação algorítmica. O chefe de assuntos globais da empresa, Nick Clegg, disse que busca "resolver as tensões inerentes entre liberdade de expressão e segurança".

Como não poderia deixar de ser, as inesperadas e sombrias intenções do Facebook foram reprovadas por diversos especialistas. "Notícia falsa já é um paradoxo, pois notícia pressupõe confiabilidade", afirma Felipe Parra, um dos coordenadores do projeto ECA-USP contra as *Fake News,* criado há dois anos. "Mesmo que o post venha com

QUEDA LIVRE

Os números da crise

DELETE

O Facebook perdeu

2 milhões de usuários

mensais no segundo trimestre de 2022 — foi o maior recuo desde 2004, quando foi fundado

O faturamento do grupo **caiu 1%** em relação ao mesmo período do ano passado — foi a primeira queda trimestral registrada pela empresa

um aviso, muita gente não lê, não acredita ou até compartilha sabendo que é falso. Discurso negacionista mata e não deve ser reverberado.” Liberdade de expressão, insista-se, é uma “negociação” que não pode prejudicar outra pessoa ou ser usada como forma de ataque. “Mas a responsabilidade não é exclusiva das plataformas”, explica Luciano Maluly, professor da USP e idealizador do projeto contra as lorotas. “Nossa campanha mira a conscientização do receptor. Ele deve ter discernimento e não compartilhar algo que pareça suspeito, mesmo que aquilo valide suas crenças.”

Embora envelhecido, o Facebook ainda é a maior rede social do planeta: são quase 3 bilhões de usuários e valor

de mercado de 500 bilhões de dólares. A plataforma, contudo, vem sofrendo abalos em sua reputação. Em 2018, o escândalo Cambridge Analytica revelou que o vazamento de dados de 87 milhões de usuários ajudou a direcionar anúncios políticos e influenciou as eleições americanas de 2016 a favor de Donald Trump. No ano passado, a ex-funcionária Frances Haugen levou ao Senado dos EUA documentos internos que denunciavam a “falência moral” da rede. “Os produtos do Facebook prejudicam as crianças, intensificam a divisão e enfraquecem a democracia”, discursou Haugen, citando algoritmos viciantes e afeitos à discórdia. Em sua última mensagem como funcionária, pouco antes de se tornar delatora, ela avisou: “Não odeio o Facebook, eu o amo e quero salvá-lo”.

JABIN BOTSFORD-POOL/GETTY IMAGES/AFP

ESCÂNDALO A delatora Frances Haugen no Senado americano: "Falência moral"

Dos mais de 2 milhões de usuários que o Facebook perdeu em três meses, a maioria veio da Europa. O continente foi justamente quem mais endureceu suas regras relacionadas à internet. Em abril, o Conselho Europeu aprovou uma lei que determina que big techs como Meta, Google e Microsoft combatam conteúdos ilegais para tornar a navegação mais segura. Na ocasião, a vice-presidente da Comissão, Vera Jourova, disse que a guerra da Ucrânia, a pandemia e o Brexit aceleraram a repressão do bloco às notícias falsas. As normas passam a vigorar em 2024 e, caso não sejam cumpridas, podem levar a multas de até 6% da receita global das empresas.

Procurada por VEJA, a Meta listou boas medidas adotadas para combater a desinformação, como a exclusão de conteúdos que ponham em risco a saúde de seus usuários ou que interfiram no funcionamento de processos políticos, além de melhorias em seu sistema de detecção de denúncias. O grupo mantém um elogiado Centro de Operações para Eleições em parceria com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que prevê a remoção de ataques contra o pleito. Recentemente, a delatora Frances Haugen esteve em Brasília para uma audiência na Câmara dos Deputados na qual chegou a elogiar, com ressalvas, o Projeto de Lei 2630, conhecido como "PL das *Fake News*", e disse que o país deve se inspirar na Europa para

regulamentar as redes. O debate é quente e deverá ferver até a eleição de outubro. ■

INVASÃO VERDE-AMARELA

Motivados pelo câmbio vantajoso, brasileiros escolhem a Argentina para passar as férias e batem recorde de presença na terra dos *hermanos*

MATHEUS DECCACHE E **DUDA MONTEIRO DE BARROS**

ENCANTO PRESERVADO

Quase todos os anos **Caroline Castro,** 34, visita a Argentina. Na última ocasião, ela e o marido se deram ao luxo de comer em bons restaurantes todos os dias: "Mesmo em crise, o país mantém seu charme intacto", diz

ARQUIVO PESSOAL

ENTRA GOVERNO, sai governo e a Argentina continua em crise. A mais atual remete a uma briga no coração do populismo peronista entre o presidente Alberto Fernández e sua vice, Cristina Kirchner, em torno dos rumos da combalida economia, que sofre com a maior inflação dos últimos trinta anos. Apesar dos percalços, o país vizinho nunca deixou de atrair a simpatia dos brasileiros, que costumam curtir o frio do inverno nas estações de esqui da Patagônia, ou nos cafés de Buenos Aires. Mas nunca, como agora, se viu tamanha invasão verde-amarela. A valorização do dólar e do euro pesou na hora de decidir onde passar as férias e muitos turistas optaram por um dos poucos destinos internacionais onde a moeda está mais desvalorizada que o real.

No primeiro semestre deste ano, cerca de 550 000 brasileiros cruzaram a fronteira rumo à Argentina. A média mensal supera em 27% a de 2010, ano em que a economia brasileira bombou e quase 900 000 pessoas visitaram o país. “A grande quantidade de viajantes aponta para um novo recorde”, aposta Roberto Haro, presidente da Associação Brasileira das Operadoras de Turismo, contando que as férias do mês de julho, ainda não computadas, devem ajudar a impulsionar o fenômeno.

A empolgação do momento é tanta que a Gol deve dobrar as saídas semanais rumo a Buenos Aires e Mendoza. A Latam pretende abrir outros cinco voos para essas cidades, fazendo o número total das duas companhias pular

OS VALORES DA PECHINCHA

Produtos e serviços que os brasileiros adoram consumir estão mais em conta no país vizinho

RESTAURANTE

UMA REFEIÇÃO COMPLETA SAI POR **100 REAIS** POR PESSOA EM UM RESTAURANTE CONCEITUADO DE BUENOS AIRES

VINHO

UM RÓTULO PREMIADO VALE MENOS DE **200 REAIS** NOS SUPERMERCADOS

TÁXI

A BANDEIRADA CUSTA **2,60 REAIS** NA CAPITAL

de 244 para 418 até o fim do ano. “Em Bariloche, só se ouve português”, diz a psicóloga Helen Pedroso, 46 anos, que acaba de retornar de uma estação de esqui, com a filha Teodora, 9. “Até os guias eram brasileiros.”

A presença massiva tem sido comemorada pelo comércio local. Empolgados com preços que chegam à metade dos praticados no Brasil, os turistas têm feito despesas generosas, até nos pontos mais frequentados por visitantes, onde os valores são, em geral, maiores *(veja no quadro abaixo).* O casal Caroline, 34, e Willer Castro, 36, costuma visitar a Argentina quase todos os anos, mas, pela primeira vez, abriu a carteira sem dó. “Fomos a bons restaurantes todos os dias. Nas outras ocasiões, deixávamos para comer bem apenas uma ou duas vezes”, diz Caroline. “Brasileiros não economizam, não sei se teríamos sobrevivido às sucessivas crises sem eles”, avalia Nestor Santos, dono da parrilla Santos Manjares, uma das churrascarias mais procuradas da capital.

Aproveitar as vantagens do câmbio, porém, exige certa ginástica para fazer o melhor negócio. Com a intenção de evitar a depreciação do peso, o governo mantém a moeda valorizada artificialmente, o que faz o mercado paralelo, chamado de blue, ser quase três vezes mais vantajoso. Para não tomar um susto com a fatura do cartão de crédito, que segue o rito estabelecido pelo Banco Central, muitos recorrem às casas de câmbio informais, conhecidas como *cuevas*, ou aos cambistas locais, chamados de *arbolitos*. Basta

SEM PESO NO BOLSO

A psicóloga **Helen Pedroso,** 46, decidiu levar a filha Teodora, 9, para esquiar em Bariloche pela primeira vez. Os preços e a receptividade com os brasileiros foram gratas surpresas: “Passeios e refeições estão bem baratos e todo mundo aceita real”, conta

ARQUIVO PESSOAL

uma caminhada pela Florida, uma das ruas mais movimentadas do centro de Buenos Aires, para deparar com eles.

Uma opção mais segura é recorrer às empresas especializadas em envio de dinheiro para o exterior, que possibilita a compra de dólares no Brasil e a retirada em peso do outro lado da fronteira, em caixas automáticos. A cotação pode ser até melhor que a do blue, mas é cobrada uma comissão e o IOF. “Temos títulos da dívida argentina, o que nos permite seguir a cotação internacional”, explica Ricardo Amaral, presidente da Western Union, uma das que oferecem o serviço. Muitos estabelecimentos também aceitam reais, mas nem sempre o câmbio vale a pena. Seja como for, a viagem costuma render malas

abarrotadas de alfajores, bons vinhos e, de quebra, a satisfação de ser bem recebido pelo maior rival no futebol. É reconforto sem preço. ■

Com reportagem de Luana Meneghetti

CARGA TOTAL

A chinesa BYD ultrapassa a americana Tesla e lidera as vendas de carros elétricos. A empresa da Ásia quer usar o Brasil como uma de suas principais plataformas

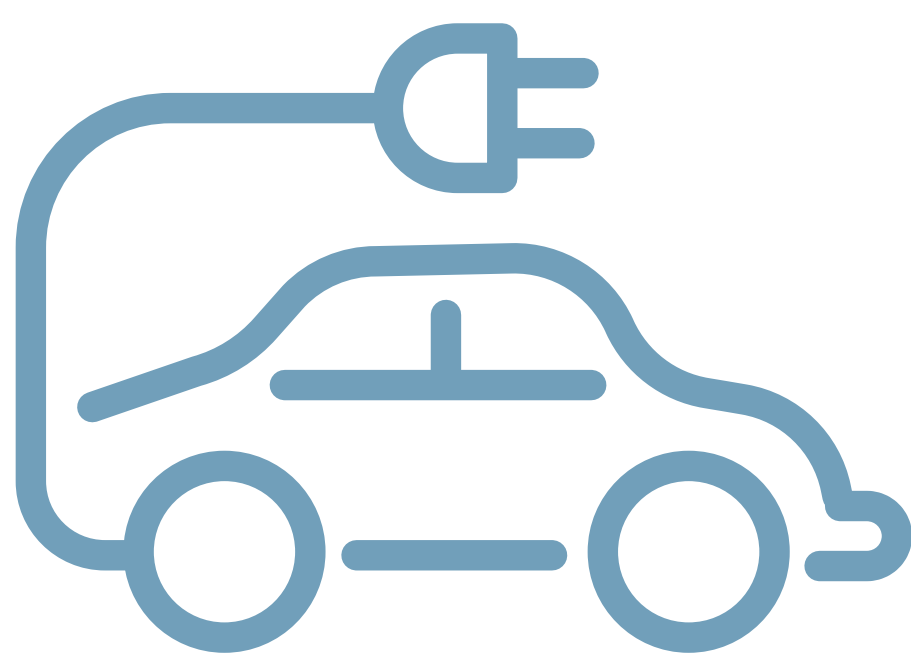
LUIZ FELIPE CASTRO

NOVA ERA Veículo da BYD no Salão Automóvel da China: a marca possui três fábricas em território brasileiro

GETTY IMAGES

NÃO RESTA DÚVIDA que o futuro da mobilidade passa pela eletrificação. Cada vez mais, as montadoras atendem às demandas do planeta pela redução de emissões de dióxido de carbono (CO_2) e desenvolvem tecnologias sustentáveis para substituir veículos poluentes por modelos a bateria ou híbridos, aqueles com um motor elétrico e outro a combustão. Atualmente, há no mercado carros "verdes" tão velozes quanto os tradicionais, com preços semelhantes na faixa premium. A americana Tesla é a pioneira no setor, mas já começa a sofrer pressão dos concorrentes. A ameaça, antes restrita a gigantes europeus, agora vem do Oriente.

A chinesa BYD (lê-se 'bi-uai-di', na pronúncia em inglês) celebrou no primeiro semestre a inédita liderança global nas vendas de carros eletrificados, que incluem elétricos a bateria (BEV) e híbridos plug-in (PHEV). No período, foram emplacadas 641 350 unidades, quase 80 000 a mais do que da Tesla — que, por sua vez, só fabrica 100% elétricos. A companhia sediada em Shenzhen, fundada em 2003 por Chuanfu Wang e financiada pela Berkshire Hathaway, de Warren Buffett, levou vantagem por produzir as próprias baterias e assim lidar melhor com a crise de suprimentos. Por sua vez, a Tesla, do bilionário Elon Musk, sofreu com a paralisação de sua maior fábrica, a Giga Shanghai, justamente em solo chinês.

Apesar de 97% de suas vendas terem ocorrido na China, a BYD tem um plano de expansão audacioso, do qual

BATERIAS CARREGADAS

A briga entre as fabricantes está cada vez mais acirrada

A BYD vendeu 641 350 veículos eletrificados (a bateria e híbridos plug-in) globalmente no primeiro semestre, um salto de 315% em relação ao mesmo período em 2021

O carro mais vendido da marca foi o híbrido **BYD Song,** que chegará ao Brasil ainda neste ano, com preço ao redor de 270 000 reais

Nos seis primeiros meses do ano, a Tesla vendeu 564 743 unidades, com destaque para o **Model 3**

No Brasil, o crescimento de eletrificados foi de 47% no primeiro semestre de 2022, com **20 427 veículos vendidos**

O **Volvo XC40 Recharge,** que custa a partir de 399 000 reais, lidera as vendas no país

o Brasil é protagonista. A marca está estabelecida no país desde 2015 e mantém duas fábricas em Campinas (SP) e uma em Manaus. Além disso, possui projetos de monotrilho em Salvador e em São Paulo. Agora, a meta é crescer com a chegada de modelos híbridos como o BYD Song. "Os veículos corporativos estão no DNA da empresa, mas há quatro anos iniciamos um projeto para ganhar volume e nos posicionarmos como líderes de mercado", diz Henrique Antunes, diretor de vendas da BYD Brasil. Até o fim de setembro, a companhia prevê a abertura de dezoito concessionarias em grandes cidades brasileiras, onde o cliente poderá comprar, além do carro, painéis solares e carregadores da marca.

Em alta velocidade, a China acelera e vai deixando para trás o estigma que a relacionava à produção de produtos falsificados ou de baixa qualidade — os populares e preconceituosos "xing ling". Uma das razões é o investimento prioritário em design. A BYD criou um setor específico e contratou medalhões da indústria, como Wolfgang Egger (ex-Audi) e Michele Paganet (ex-Mercedes-Benz). "Temos hoje carros mais sexy e com padrão internacional de acabamento", diz Henrique Antunes. O sucesso da parceria Caoa Chery e os investimentos de Jac Motors e Great Wall confirmam os bons ventos chineses no país.

Há nesse debate um fator crucial: mais da metade da produção de bateria para carros vem da Ásia. A chinesa

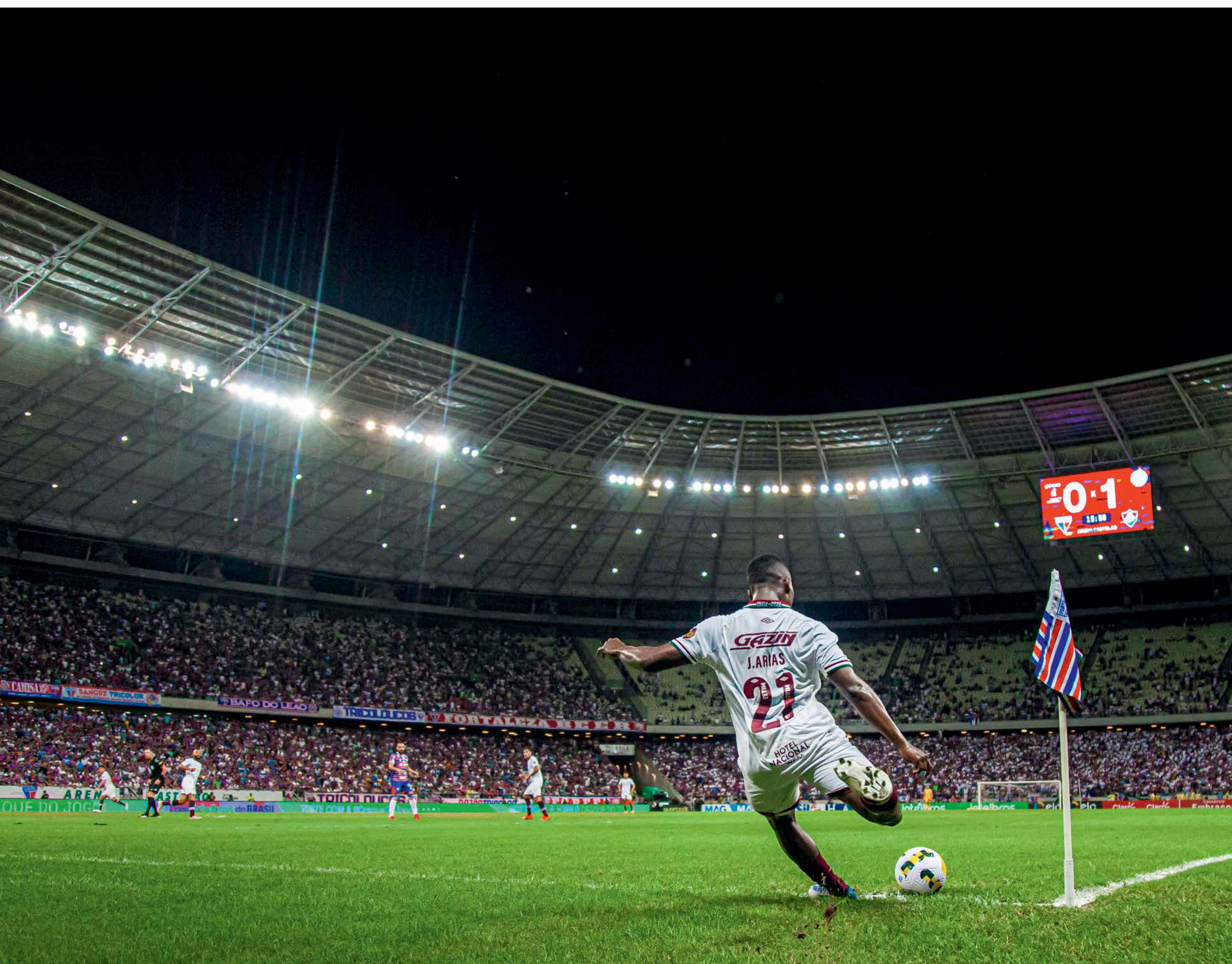
CHRISTIAN MARQUARDT/GETTY IMAGES

ALERTA Elon Musk, o dono da Tesla: a empresa sofre com a falta de semicondutores

CATL é líder, com a sul-coreana LG, a japonesa Panasonic e a própria BYD na disputa. “Os chineses estão comendo pelas beiradas e expandindo sua presença internacional, mas ainda levará um tempo até entrarem nos Estados Unidos, até por questões geopolíticas”, explica Flavio Padovan, sócio da Padovan Consulting. “A Tesla depende dos produtores chineses e no futuro é possível que haja uma grande rivalidade.” A BYD revelou a VEJA que já realiza pesquisas de mercado nos Estados Unidos e que o trabalho desenvolvido no Brasil servirá de base para o futuro sonho americano.

Os eletrificados foram responsáveis por 8% das vendas de automóveis no mundo em 2021, com a Tesla na liderança, seguida pela Volkswagen. A consultoria AlixPartners projeta que o número deverá subir para 33% até 2028 e para 54% até 2035. No Brasil, em razão de problemas de infraestrutura e impostos, a caminhada é mais lenta (na casa dos 2%), mas constante. Foram vendidos cerca de 20 000 eletrificados no primeiro semestre e o país superou a marca de 100 000 máquinas desse tipo em circulação, segundo a Associação Brasileira do Veículo Elétrico (ABVE). A revolução está em curso e a China sabe disso melhor do que ninguém. ■

CHUTE NO BOM SENSO

O uso de expressões complicadas e, muitas vezes, sem sentido para discutir e narrar futebol ganha espaço nas transmissões, mas a estratégia apenas afasta os torcedores **ANDRÉ SOLLITTO**

BOLA FORA Jogo do Brasileirão: linguagem confusa

MARCELO GONÇALVES/FLUMINENSE FC

OS PROFESSORES de português, pelo menos os melhores, sempre afirmaram que a língua é viva, mas os novos narradores e comentaristas de futebol parecem dispostos a sufocá-la com um lero-lero incompreensível. Craque da seleção brasileira nos anos 1960 e 1970, Paulo Cezar Caju, hoje colunista da revista PLACAR, tem o hábito de colecionar frases ridículas e quase sempre sem sentido ditas por profissionais do mercado da bola. Basta dar uma espiada na lista preparada por Caju para notar que a enrolação costuma entrar em campo especialmente quando se trata de tática e esquemas de jogo. Veja esta: "O treinador precisa de um time automático com potência para espaçar o último terço e os corredores naturais da beirinha". O quê? Eis outra aqui: "Nas trocas do 4-4-2 por um modelo clássico de linha de 5 e 4 na frente, é preciso ter amplitude e encorpar os volantes para o lado do campo e criar a opção do movimento corporal do 9". Hã? Mais uma para fechar o rol de desatinos: "Com DNA ofensivo, o time tem compactação de ideias para agredir o adversário e fazer uma transição dinâmica, explorando o ponto de sustentação e a identidade do ataque". Como assim?

Os exemplos apresentados acima são apenas uma pequena parte do "enrolês" que passou a dominar as transmissões de futebol. É um fenômeno disseminado e aparentemente sem controle: com o fim do monopólio da Globo, as partidas passaram a ser exibidas em diversas plataformas, seja no streaming, seja nas redes sociais ou nos canais

por assinatura. O modelo levou ao surgimento de uma nova geração de narradores e comentaristas — mais vagas foram abertas, afinal — e a uma série de programas esportivos que dominam a TV e as plataformas de internet. Nesse cenário, os supostos "especialistas" chutam o bom senso e dão caneladas no quesito compreensão.

O fenômeno é recente, mas no passado alguns profissionais do ramo também escorregavam no "tatiquês". O

O "TATIQUÊS" ENTRA EM CAMPO

Um guia para entender o pedante vocabulário "dos especialistas" da bola

TRANSIÇÃO OFENSIVA

É a linguagem empolada para o bom e velho contra-ataque

BOX-TO-BOX

É o meio-campista capaz de marcar presença tanto na área de ataque quanto na de defesa

JOGO APOIADO

Estratégia que consiste em ter jogadores próximos à bola para trocar passes

treinador Cláudio Coutinho, que comandou a seleção na Copa de 1978, foi pioneiro em defender a disciplina tática importada da Europa e ficou conhecido pela terminologia, até então inédita, "ponto futuro", em que um passe é feito no espaço vazio, esperando a aproximação de quem vem de trás. Tite, técnico da seleção, é mestre em expressões esnobes. Seu dialeto próprio inclui tolices como "externo desequilibrante", para se referir aos bons e velhos

JOGO REATIVO

É como boa parte dos times brasileiros joga, postado na defesa e explorando os contra-ataques

TERÇO FINAL

Apesar de o campo ser dividido em dois, os analistas preferem usar terços imaginários, sendo o último aquele em que os atletas têm mais liberdade para driblar

DAR AMPLITUDE

Deixar jogadores abertos nas extremidades do campo para atrair marcadores e abrir espaços na defesa adversária

EXERCER CONTRAPRESSÃO

Ao perder a bola, pressionar o adversário para retomá-la com a maior rapidez possível

pontas, além da expressão "jogador terminal" — calma, não é o atleta que está com os dias contados, mas o centroavante que faz gols. A diferença é que essa suposta sofisticação agora está nas palavras daqueles que deveriam explicar o jogo — e não obscurecê-lo.

Nessa linha empolada, o futebol está indo na direção contrária à de outros segmentos. Nos últimos anos, a indústria financeira abandonou o "economês" para se apro-

VICTOR POLLAK/TV GLOBO

EM DEFESA DA SIMPLICIDADE

O narrador **Galvão Bueno** já se manifestou publicamente contra o vocabulário pedante da turma da bola. Em 2019, pediu ao técnico da seleção brasileira, Tite, que abandonasse a "pregação estranha" e as "palavras que não existem"

ximar de novos públicos e tornar suas mensagens mais compreensíveis. Hoje em dia, por exemplo, ninguém mais usa palavras pedantes como "emolumento" (felizmente substituída por "taxa"). No mundo jurídico, também há um movimento para facilitar a compreensão. A partir do escândalo do mensalão, o noticiário dos tribunais tornou-se onipresente e os comunicadores trataram de traduzir para o público o que os meandros legais queriam dizer. Nos dois casos, a imprensa — inclusive VEJA — teve papel vital para capturar o espírito do tempo e levar conteúdo denso com mais leveza para as novas gerações.

No futebol, os narradores e comentaristas resolveram complicar tudo. A estratégia até pode ser entendida como

arrogância, mas às vezes é também truque para esconder falta de conhecimento. Em vez de levar informação a quem assiste ao jogo, os profissionais embananam-se com comentários que, a rigor, não significam coisa alguma. "Todo esporte traz com ele um número de expressões e conceitos", afirma o escritor e jornalista Sérgio Rodrigues. "O que está acontecendo agora é uma forma de mistificação: estão substituindo jargões já conhecidos por novos para falar apenas com os iniciados." Nessas horas, é sempre bom recorrer à principal referência do país em locução esportiva. Em 2019, após um amistoso da seleção, Galvão pediu a Tite para parar de usar "palavras que não existem". Sábio conselho. ■

“

APRENDO COM ELE TODOS OS DIAS

Mãe de um adolescente autista, a top model Lais Ribeiro, 31 anos, fala da luta contra o preconceito

”

EMBORA esteja constantemente nas passarelas e em campanhas publicitárias, sempre fui reservada em relação a minha vida pessoal. Mas com o tempo decidi que seria importante tornar pública uma parte da minha história, para inspirar pessoas que enfrentam condições parecidas. Tenho um filho com transtorno do espectro autista e resolvi participar neste ano da campanha “Real love”, promovida pela marca de lingerie Victoria’s Secret, que fala sobre

as diversas formas de amar. Em um vídeo veiculado mundialmente, apareço interagindo com Alexandre, que está com 14 anos. Ainda há muito preconceito e desinformação em torno dessa questão e eu sei quanto é difícil lidar com ela. Apesar de todos os desafios que o Alexandre tem de superar, posso afirmar que, hoje, sou eu quem aprende com ele todos os dias.

Recebi o diagnóstico tardiamente, quando meu filho tinha 5 anos e ele e minha mãe foram morar comigo em Nova York, para onde havia me mudado em 2009. Mal comecei a trabalhar, eu vivia no eixo Nova York-Londres-Milão-Paris. Vinha ao Brasil mais ou menos a cada três meses e ficava só uma semana. Nem eu nem ninguém havia

notado até então que o Alexandre podia ser diferente das outras crianças. Quando passamos a morar juntos, a primeira coisa que me chamou atenção no seu comportamento foi o fato de confundir o mundo real com o da fantasia. Muitas vezes, vendo desenhos, mergulhando na piscina, ele criava universos paralelos e agia como se fossem de verdade. Quando soube que essa conduta se encaixava no espectro autista, fiquei em choque, me desesperei. Não sabia nada sobre essa condição e precisei sair em busca de reportagens, médicos e terapias. Descobri que nenhum caso é igual a outro, tanto que o símbolo do transtorno é um quebra-cabeça, no qual a gente vai desvendando as particularidades e necessidades de cada um.

Alexandre se relaciona com as outras pessoas e se co-

munica bem. Às vezes, fala até demais. Mas tudo com ele é literal e simples, sim ou não. Como muitos jovens em condições parecidas, tem aversão a certas texturas, como areia de praia, e ânsia quando prova alguns alimentos, como ovo. Também se sente incomodado em ambientes cheios e barulhentos. No meu casamento *(com Joakim Noah, ex-jogador da NBA e embaixador do Chicago Bulls),* em julho, no Brasil, participou da cerimônia, mas ficou pouco tempo na festa. O seu jeito às vezes chama atenção e já enfrentamos olhares atravessados e comentários maldosos. Isso incomoda, claro, mas sei que existe grande ignorância sobre o assunto. Alexandre também foi vítima de bullying em uma escola tradicional e agora frequenta uma instituição especializada em Miami, onde fomos morar durante a pandemia para dar mais espaço à família.

Toda essa experiência me levou a criar uma fundação voltada para a área da saúde mental, que está no momento saindo do papel. Ela terá um braço forte na educação e outro na sustentabilidade. Fui mãe muito cedo, aos 18 anos. Tinha planos de ser enfermeira, mas minha vida mudou completamente quando participei de um concurso de modelos em São Paulo. De uma hora para outra, aquela menina simples, alta e magra *(1,84 metro e 66 quilos)* de Miguel Alves, interior do Piauí, estava desfilando para marcas como Dior, Jean-Paul Gaultier e Donna Karan. Cheguei a dividir um apartamento de um banheiro com dezessete garotas em São Paulo no início da carreira, mas consegui fa-

zer meu nome nesse universo super-restrito. Hoje, concilio a carreira com os cuidados com o Alexandre. Meu filho, a pessoa mais pura e verdadeira que conheço, é minha maior inspiração. O diferente precisa ser entendido e respeitado. ■

Depoimento dado a Sofia Cerqueira

OCEANOS DE PLÁSTICO

O consumo do material dispara durante a pandemia, impulsionado pelo delivery de alimentos e pelo e-commerce. O fenômeno traz sérios riscos para o meio ambiente **ALESSANDRO GIANNINI**

A PERDER DE VISTA Depósito do Mercado Livre: haja embalagem

EDUARDO KNAPP/FOLHAPRESS

CONFINADOS em seus lares e domicílios nos períodos mais severos da quarentena imposta pela pandemia, os consumidores passaram a adquirir mais produtos pelo celular ou computador e a usar com maior frequência os serviços de entrega de refeições — ou delivery, na expressão em inglês, a mais habitual — para evitar sair às ruas e observar o distanciamento social. Os restaurantes, bares e lanchonetes também adaptaram seus negócios para sobreviver à catástrofe sanitária e responder à alta na demanda. Tudo isso teve consequências drásticas na produção de lixo plástico e pode resultar em outros desdobramentos ainda piores no meio ambiente, como mostram estudos recentes.

Foi em razão do isolamento social, diz uma pesquisa de-

senvolvida pela empresa de consultoria ExAnte a pedido da organização não governamental Oceana, que as refeições para viagem e a utilização de plástico para embalar, transportar e consumir essa comida explodiram no país. As cifras são claras: o uso de plástico nesse setor cresceu 46%, saindo de 17 000 toneladas para 25 000 entre 2019 e 2021. Só no ano passado, foram consumidas 68 toneladas por dia, ou 2,8 toneladas por hora. Faz sentido quando esses efeitos são traduzidos em valores: o setor cresceu 86,5% entre 2018 e 2021, alcançando 25,84 bilhões de reais no ano passado.

As consequências da utilização exacerbada de plástico são terríveis. Há boas razões para acreditar que ele está se acumulando e até espalhando doenças em todo o mundo. Um estudo recente da Universidade de Exeter, na Inglaterra,

EFEITO INDIGESTO

O impacto da comida em casa no meio ambiente

O consumo de plástico no setor de delivery **saltou 46%** de 2019 a 2021, saindo de

17100 toneladas

para

25100 toneladas

Isso significa que, em 2021, foram consumidas 68 toneladas por dia, o equivalente a

2,8 toneladas por hora

Fonte: *Oceana/ExAnte*

mostrou que microplásticos encontrados na água do mar são rapidamente colonizados por bactérias, incluindo patógenos responsáveis por causar infecções do trato urinário, pele e estômago, além de pneumonia e outras patologias. Como são substâncias resistentes, de longa vida e flutuantes, os cientistas estão preocupados pelo fato de que podem carregar isso tudo por longas distâncias. Após o terremoto e o tsunami de 2011 no Japão, fragmentos de objetos, por exemplo, foram encontrados na costa oeste dos Estados Unidos.

Publicado há dois anos, o relatório "Um oceano livre de plástico" destacou que mais de 800 espécies marinhas — muitas delas em risco de extinção — são afetadas de alguma forma por essa presença incômoda nos mares. Quando o assunto são os seres humanos, não melhora muito. Estudos médicos identificaram partículas nos pulmões e na placenta de mulheres grávidas. Em março, pesquisadores da Universidade de Vrije, na Holanda, fizeram a descoberta mais assustadora, ao detectar micropartículas na corrente sanguínea de uma pessoa. Vieram de garrafas plásticas, de isopor e de embalagens de alimentos e sacolas de supermercado. Isso afeta não apenas a vida dos animais marinhos e a nossa, mas o planeta como um todo.

Se a poluição por plástico já era crítica, ela só se intensificou nos últimos anos, e especialmente durante a pandemia. Por ser criado para consumo e descarte imediato, ele gera grandes quantidades de resíduos não recicláveis e não biodegradáveis. Segundo os pesquisadores, o que hoje pode pare-

cer barato para o consumidor, deixa um legado negativo para o futuro, com custos ambientais que serão pagos por toda a sociedade. Mesmo com o relaxamento das medidas de distanciamento e a consequente redução dos pedidos de refeições, as empresas continuam investindo no comércio eletrônico, que exige enormes quantidades de embalagens feitas com esse material. "As companhias precisam passar a oferecer ao consumidor alternativas ao plástico", diz o oceanólogo Ademilson Zamboni, diretor-geral da Oceana no Brasil.

Uma saída é a adoção de medidas efetivas para reduzir a oferta e o uso de plástico descartável, além de promover incentivos econômicos para a utilização de meios alternativos e modelos de reúso. As empresas envolvidas no emprego

desse material, afinal, devem ser incentivadas a oferecer opções diferenciadas aos clientes. Os consumidores, por sua vez, precisam se educar para não aumentar a presença de plástico na natureza. É um caminho longo. ■

UM LUGAR AO SOL

Criado por produtores brasileiros, o Projeto Manipueira quer trazer o conceito de terroir para o mundo da cerveja. A ideia é pôr a mandioca no centro das receitas **ANDRÉ SOLLITTO**

UM BRINDE Iniciativa pioneira: desde que foi lançado, o projeto já reuniu 33 cervejarias, da Amazônia a Santa Catarina

E+/GETTY IMAGES

O CONCEITO de terroir, a combinação entre solo, clima, altitude e microrganismos locais que contribuem para que cada região produtora tenha características únicas, foi consagrado nos últimos anos pelos melhores fabricantes de vinhos. Como os especialistas sabem, uma uva chardonnay cultivada nas terras da Borgonha, na França, terá um perfil de sabor diferente de outra semeada na Califórnia. É por isso que certas localidades fazem bebidas tão cobiçadas quanto especiais. Agora, uma ousada iniciativa brasileira quer levar os preceitos do terroir para o mundo das cervejas.

Trata-se do Projeto Manipueira, que nasceu a partir de uma parceria da cervejaria Cozalinda, de Florianópolis

(SC), com a Zalaz, de Paraisópolis (MG). Ambas têm experiência na produção de bebidas de fermentação selvagem, processo que envolve leveduras locais e não culturas desenvolvidas em laboratório, como ocorre na maior parte da fabricação convencional. A nova proposta, que já atraiu 33 cervejarias de diversas regiões brasileiras, é usar a manipueira, líquido extraído da mandioca, para produzir cervejas únicas a partir de uma receita básica que será replicada por todos os participantes. Segundo os integrantes do projeto, isso fará com que cada rótulo seja diferente.

O Manipueira é a expressão de um movimento crescente no universo das cervejas artesanais que busca explorar métodos diferentes envolvendo envelhecimento em barris e fermentação espontânea. “Há dez anos, seria loucura

SABOR LOCAL

As bebidas que incorporam características específicas de uma região

LAMBIC (BÉLGICA)

A família das lambics, cervejas belgas feitas com leveduras selvagens e que recebem a adição de frutas, é uma das mais antigas de que se tem notícia. Até hoje são produzidas como na Idade Média, com fermentação espontânea e colônias de microrganismos locais

CHICHA (PERU)

Tradicional bebida dos povos andinos, a chicha é um fermentado à base de milho. Recentemente, cervejarias artesanais da América Latina passaram a explorar a receita. Variedades de milho e microrganismos locais dão o sabor

COOLSHIPS (ESTADOS UNIDOS)

Inspirados na tradição de fermentação espontânea belga, cervejeiros americanos exploram as possibilidades dos coolships, grandes tanques usados para resfriar a cerveja antes da fermentação. Em contato com o ar, as leveduras incorporam sabores e aromas específicos de cada localidade

DIVULGAÇÃO

INOVAÇÃO Rótulo da Zalaz: a empresa de Minas Gerais é uma das idealizadoras

pensar em colocar cervejas em barril, mas hoje é uma tendência dentro do nicho das artesanais", afirma Jayro Neto, sommelier e conselheiro da Associação Brasileira de Cervejas Artesanais (Abracerva), que está apoiando o projeto. A ação dos cervejeiros é motivada pelo evidentemente e bem-vindo potencial gastronômico que as bebidas oferecem. "Elas possuem elementos complexos de aroma e sabor que as aproximam sensorialmente de vinhos verdes, brancos e espumantes", acrescenta Neto. Não à toa, o público interessado por esses rótulos inclui tanto os chamados *beer geeks,* aficionados de cervejas, quanto os amantes dos vinhos naturais feitos com mínima intervenção.

A discussão sobre o terroir na cerveja é recente e ainda encontra certa resistência. “Fazer cerveja é algo próximo a cozinhar”, diz Garrett Oliver, mestre-cervejeiro da Brooklyn Brewery, pioneira entre as artesanais americanas. Seguindo uma receita, o resultado esperado será sempre o mesmo, com algumas nuances de sabor de acordo com o local de produção do malte de cevada e dos lúpulos. Mas já existem exemplos importantes de terroir cervejeiro. O melhor de todos vem da Bélgica, país responsável por alguns dos estilos mais cobiçados — e, portanto, copiados. Lá são feitas as lambics *(leia no quadro à esq.)*, estilo surgido na Idade Média em que a bebida é fermentada em enormes tanques abertos, o que proporciona máxima exposição aos microrganismos locais. Em geral, as lambics recebem a adição de frutas, especialmente cerejas, o que também contribuiu para a construção de seu sabor. Um caso interessante é o da Cantillon, em Bruxelas, que usa alguns dos mesmos equipamentos desde que começou sua produção, em 1937, e as culturas de leveduras presentes em cada viga de madeira do prédio contribuem para o sabor dos rótulos.

Na América Latina, o destaque é a chicha, um fermentado produzido a partir do milho cuja fermentação era tradicionalmente iniciada a partir da mastigação de parte dos grãos, depois devolvidos à mistura com saliva. “No caso da chicha, o terroir vai se modificando em cada lugar, e os milhos locais dão a tônica”, afirma Diego Rzatki,

da cervejaria Cozalinda, um dos idealizadores do Projeto Manipueira. “Mesmo dentro do Peru, cada mistura de grãos e microrganismos produz resultados diferentes.” No Brasil, o objetivo é fazer algo semelhante com a mandioca — mas sem o processo de mastigação. O resultado final só será conhecido em doze meses, quando terminar a maturação das cervejas. Um ditado gravado nos barris da Cantillon diz que “o tempo não respeita nada que é feito sem ele”. Que a produção das cervejas, portanto, demore o período que for preciso. ■

A REINVENÇÃO DO PILATES

Depois de passar por um período de baixa, o método que chegou a ser febre nos anos 2000 retoma o fôlego com as aulas virtuais impostas pela pandemia **PAULA FELIX**

AR LIVRE Prática no parque: o distanciamento imposto pela Covid-19 popularizou os treinos fora dos estúdios

E+/GETTY IMAGES

MOLAS DE COLCHÕES foram a base dos primeiros equipamentos desenvolvidos pelo alemão Joseph Pilates (1883-1967) e que fizeram nascer, em meados dos anos 1920, o método caracterizado por intenso trabalho de fortalecimento muscular, de flexibilidade e de percepção corporal alinhado à concentração e à respiração. Prática que atraiu bailarinos na década de 80, o pilates arrebatou dezenas de celebridades nos anos 1990 e 2000, como a cantora Madonna, e logo se popularizou. O maquinário que permite posturas semelhantes a acrobacias e execução de movimentos de força e alongamento se espalhou em estúdios e conquistou alunos de diferentes corpos e faixas etárias.

Depois do espetacular sucesso inicial, o exercício experi-

mentou um extenso período de baixa, ofuscado principalmente pelo avanço da ioga. A situação foi agravada pela pandemia de Covid-19, responsável por impor o fechamento de academias principalmente em seu primeiro ano, 2020. Contudo, assim como outras atividades, o método conseguiu se reinventar e encontrou a saída nas plataformas on-line, no aumento das aulas ao livre, sem a necessidade de quatro paredes. Vive-se, agora, a segunda onda do pilates.

O uso de aplicativos, sites e demais ferramentas virtuais para a prática de exercícios, principalmente os treinos sem equipamentos, não era uma novidade antes da pandemia, mas a obrigação do isolamento e a escalada da ansiedade e da depressão levaram muitas pessoas a buscar atividades que fossem eficazes tanto para lidar com as novas dores que

surgiram com o home office e seus escritórios improvisados na sala ou no quarto quanto para manter ou retomar a qualidade da saúde mental. Nesse cenário, o pilates entrou como a opção que preenchia todos os requisitos. O interesse explodiu. As buscas no universo digital por detalhes da técnica tiveram um crescimento de 500% de março de 2020 até agora, segundo dados do Google Trends. Na plataforma GetNinjas, de oferta de serviços, a procura por professores subiu 55% entre 2020 e 2021.

ESTICA E ALONGA

ENTRE 2020 E 2021, HOUVE

55%

DE AUMENTO NA PROCURA PELO MÉTODO

Fonte: *GetNinjas*

Quem ofereceu os treinos virtuais também viu os números saltarem. Na Cia Athletica, em São Paulo, o tempo médio de exibição das videoaulas de pilates foi de 30,8 horas nos meses de julho e agosto de 2019, totalizando 1 100 visualizações. No mesmo período de 2020, os índices passaram para 7 300 horas e 146 200 visualizações. A mudança, obrigatória na época, deu tão certo que muitos incorporaram as aulas on-line para sempre. “O interesse aumenta cada vez mais por se tratar de uma modalidade recomendada a qualquer perfil de pessoa”, diz Luana Bernardo, instrutora na Cia Athletica São José dos Campos, no interior paulista. “As pessoas voltaram às suas rotinas de trabalho, mas os

praticantes se adequaram ao atendimento a distância e não querem mais deixar esse formato.”

É fato que, no virtual, a intensidade dos exercícios é menor do que a aplicada quando eles são realizados nos aparelhos, nos quais a resistência exercida pelas molas exige muito mais força na execução dos movimentos. Mas parte da perda pode ser compensada com a aquisição de acessórios clássicos. Os mais conhecidos são o anel de pilates, também chamado de magic circle, a overball (bola para exercícios de coordenação motora e fortalecimento muscular) e a bola suíça, maior, utilizada em treinos de equilíbrio. Nos primeiros meses da pandemia, alguns estúdios indicaram o uso de móveis e objetos da casa. Quem não tinha faixas elásticas treinava com meia-calça.

O processo de reinvenção exigiu dos professores maior conexão com os alunos. “Na aula remota, não existe o toque para corrigir a postura do adepto. O instrutor precisa dar as indicações precisas para que o movimento seja bem executado”, diz Sandro Alves, diretor da empresa Alves Pilates. Esse novo jeito é um reencontro com o modelo criado por Joseph Pilates, que chegou a inventar uma prática para acamados. Com tanta gente precisando de opções para a prática de exercícios, a virada é oportuna. ■

OLHOS DE SEREIA

A nova onda de maquiagem são os traços bem marcados com a ajuda de delineador, lápis e sombras, evocando os seres mitológicos conhecidos pelo poder de atração **SIMONE BLANES**

AS SEREIAS são seres mitológicos associados à sedução e morte de quem é atraído pelos sons que produzem. Não por acaso, essa figura mítica virou sinônimo de mulheres que são a um só tempo atraentes e perigosas, emolduradas por um olhar magnético — ainda que essa imagem de poder feminino soe um tanto deslocada e machista.

Contudo, mitologia e preconceito à parte, há alguns truques capazes de fazer com que as mortais atraiam outros seres humanos por meio da aparência encantadora dos olhos. Um traço aqui e ali de lápis, delineador e a aplicação precisa de sombra confere o visual misterioso que se transformou na mais recente febre no universo da maquiagem. Chamado de "olhos de sereia", o desenho em-

presta à parte superior da face um certo ar dessas criaturas fascinantes.

A onda estilosa é fenômeno que pode ser aferido pela movimentação nas redes sociais, sempre elas, para o bem e para o mal. No TikTok, a hashtag #sireneyes alcança mais de 375 milhões de visualizações em vídeos sobre o assunto. Tudo começou há algumas semanas, quando a modelo romena Danielle Marcan cunhou essa hashtag na plataforma enquanto maquiava os olhos. Buscava, segundo ela, uma "feminilidade sombria" ao traçar linhas alongadas ao redor dos olhos. Na verdade, a inspiração veio

ENCANTO
Vanessa Hudgens, Zendaya e Naomi Campbell: gerações diferentes fisgadas pela mesma moda

FOTOS INSTAGRAM @VANESSAHUDGENS; P. LEHMAN/FUTURE PUBLISHING/GETTY IMAGES; POOL ARNAL/GARCIA/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

da maquiagem usada por top models dos anos 1990, como Naomi Campbell, que adorava ressaltar as vistas grandes e amendoadas.

Não demorou muito para a técnica agora resgatada — que consiste em abrir, levantar o olhar e alongar os cantos internos e externos com a ajuda de sombra, lápis e delineador — sair das redes e saltar para os tapetes vermelhos. Apareceu no rosto da atriz Zendaya, da top model Bella Hadid e de outras conhecidas pautadoras de moda. "É quase um lifting do olhar", diz o cabeleireiro e maquiador Celso Kamura, do C.Kamura. "O efeito é poderoso." Para aderir à febre, não se pode economizar na intensidade dos traços. "Eles devem ser bem mais marcados do que

os usados no desenho do gatinho clássico", explica Kamura, ao reforçar que o traço deve ser bastante evidente e com as linhas laterais muito fortes.

Mesmo quem não tem habilidade no manuseio do delineador consegue lindos resultados aplicando a esfumação com sombras claras e escuras. O truque pode ser utilizado por quem quiser, independentemente do desenho dos olhos. Os amendoados — ah, os amendoados —, porém, tendem a parecer mais extraordinários. E dá-se um fenômeno de nosso tempo: a beleza multiplicada ao infinito dada a velocidade com que é exibida e louvada em smartphones, a um piscar de olhos. ■

LUCILIA DINIZ

A VIAGEM IDEAL

Para melhor aproveitar a experiência, convém não superestimá-la

NESTE MOMENTO em que, depois de tanto tempo de distanciamento social, as pessoas parecem superestimar a experiência de viajar, talvez seja oportuno relativizar as regalias proporcionadas pelas viagens. Não me entenda mal, eu adoro viajar. Sempre que posso ponho o pé na estrada e vivo dizendo aos meus amigos que é melhor sair de casa, nem que seja para tropeçar. Só é preciso ter cuidado para não atribuir às viagens algo que elas não podem oferecer — a felicidade, por exemplo. Rodar o mundo pode ser uma aventura gratificante — na medida em que permite o acúmulo de conhecimentos em primeira mão —, mas não faz com que o viajante se sinta mais feliz, a não ser por um momento fugaz.

Não é difícil entender a supervalorização das viagens nos dias de hoje. Se muitas vezes a fonte de infelicidade é o estresse de um cotidiano entediante ou atribulado, a receita mais fácil para inverter a equação é quebrar a rotina, lançando-se além das fronteiras do bairro e da cidade em que se habita. O embarque, porém, não estabelece uma divisória entre dois estados de espírito. A pessoa que se ressente de um dia a dia desmotivante é a mesma que sobe no avião, desfaz as ma-

las no hotel e se põe a caminhar por ruas desconhecidas. A eventual virada de chave que muitos registram não tem a ver com geografia — é uma questão pessoal. Não é mágica, é autoconhecimento.

Na minha experiência, as boas viagens superam com folga aquelas marcadas por algum dissabor. Mas devemos levar em conta que há alguma distância entre a viagem que idealizamos e a que fazemos. É uma distância que pode ser tão grande quanto aquela entre o ponto de partida e o destino final. Projetamos a próxima com a alta expectativa gerada pelo relato em rede social ou pelo folheto da agência de turismo, em que tudo é perfeito, até o tempo no local a ser visitado, incluindo a suave brisa que agita as folhas de uma pal-

meira, como prova a imagem colorida. Na vida real, no entanto, para além da narrativa exacerbada de amigos virtuais e da paisagem retocada do folheto de turismo, viagens são como tudo o mais na vida — têm aspectos positivos e negativos, que a memória se encarrega de reter ou descartar.

“Curiosidade é fundamental, assim como manter a mente receptiva ao que é diferente”

A viagem em si não é suficiente para dar respostas à monotonia, mas pode ajudar a sacudi-la. Tudo depende de como a encaramos, das esperanças que nela depositamos. A viagem ideal não depende do destino, mas da disposição mental de quem a empreende. Curiosidade é fundamental, assim como manter a mente receptiva ao que é diferente — o que vale para tudo, dos costumes à gastronomia local. É preciso abordar os lugares que não conhecemos com a humildade de quem quer aprender. Não se permita atulhar a mala com ideias rígidas sobre o que é interessante. É aconselhável deixar algum espaço para o acaso. Erico Verissimo dizia: "Existem duas categorias de viajantes: os que viajam para fugir e os que viajam para buscar". Mais do que concordar com

o escritor, eu me arrisco a completar seu pensamento ao dizer que, enquanto os primeiros são candidatos à decepção, os segundos estão inclinados a colher boa dose de satisfação por saberem extrair muito do relativamente pouco que uma viagem pode prover.

Nota: Meu sobrinho João Paulo nos deixou nesta semana. Seu espírito determinado sempre engrandeceu o esporte, a saúde e o bem viver. Encerrou sua viagem na terra tendo completado com louvor mais esta travessia. Este artigo eu dedico a ele. ■

O SONHO NÃO ACABOU

Com *The Sandman*, superprodução da Netflix baseada na cultuada saga das HQs, o inglês Neil Gaiman se confirma como titã da fantasia e expande as lições humanistas de seu herói onírico

MARCELO MARTHE

PAISAGENS NOTURNAS
Morpheus (Tom Sturridge) e sua assistente: um mundo paralelo

NETFLIX

Quando Morpheus (Tom Sturridge), o Mestre dos Sonhos, anuncia o abandono de seus domínios para capturar o pesadelo perdido que anda deixando um rastro de sangue no Mundo Desperto (ou a realidade como a conhecemos), sua assistente Lucienne (Vivienne Acheampong) questiona, com um ar

de quem já sabe bem a resposta: “Milorde, o senhor vai voltar, não vai?”. O carrossel de reviravoltas que se desenrolam a partir daí ilustra os voos de imaginação de que se faz ***The Sandman,*** série que chega à Netflix mundialmente nesta sexta, 5. Na adaptação dos quadrinhos publicados pelo inglês Neil Gaiman entre 1989 e 1996, e desde então cultuados como um marco na maioridade literária do gênero, sonhar é muito mais que mero fenômeno biológico, ou do que uma janela que se abre do inconsciente para revelar nossos traumas e desejos, como teorizou Freud. No enredo, os sonhos compõem uma dimensão paralela da existência, tão essencial ao funcionamento do mundo quanto o Céu e o Inferno, moldando a história e a vida das pessoas, trazendo conforto, alegria,

desespero, dor ou prazer. O pálido Morpheus — só ele — é a entidade no comando desse mecanismo poderoso.

É, portanto, um baque quando o senhor do Sonhar vem à esfera terrena para sua missão e, no instante em que tenta deter o pesadelo Coríntio (Boyd Holbrook, de *Narcos),* acaba ele próprio aprisionado pelas mãos de um mago meio picareta da Londres dos anos 1910, Roderick Burgess (Charles Dance). Na verdade, o feitiço desse bruxo de araque havia sido lançado com um outro objetivo, o de aprisionar a Morte, irmã mais velha de Morpheus, a fim de exigir-lhe que traga de volta seu filho, que morreu em batalha na I Guerra. Morpheus caiu na arapuca de Burgess por engano, mas pode ser útil: seu elmo, rubi e saco de areia contêm propriedades que trarão riqueza ao bruxo enquanto confinar o Mestre

NETFLITX

FOFURA O amor de Caim pelo Gárgula: carrossel de emoções na tela

dos Sonhos dentro de uma esfera de vidro. E assim se passam mais de 100 anos, durante os quais a humanidade se vê privada do velho e bom sono. Pessoas caem em sonambulismo, outras não dormem enquanto o mundo mergulha em pesadelos bem reais: a ascensão do nazismo e a II Guerra. Morpheus, afinal, escapa — mas esse é só o começo da tumultuada jornada para consertar o estrago que seu aprisionamento causou à harmonia da vida.

É possível gastar horas insones rememorando as minúcias preciosas da saga de *Sandman*. Eis a razão por que as 75 edições do gibi são tão adoradas — o escritor Norman Mailer (1923-2007) as definia como "histórias em quadrinhos para intelectuais". As aventuras de Morpheus abriram caminho para Gaiman se impor como um dos principais mestres da fantasia contemporânea *(leia a entrevista na pág. 82).* Depois

LAURENCE CENDROWICZ/NETFLIX

TINHOSO Desejo (Mason Alexander Park): um Perpétuo não binário

de *Sandman,* o britânico de 61 anos escreveu alguns romances extraordinários. Recriou figuras da mitologia clássica nos Estados Unidos de hoje em *Deuses Americanos* e imaginou as irônicas travessuras de um anjo e de um demônio que tentam salvar a humanidade em *Good Omens* — ambas vertidas em séries pela Amazon. Em tudo o que cria, vale-se da mesma qualidade inconfundível: a capacidade de conceber tramas que vão da violência gráfica ao humanismo mais elevado, do terror a uma ternura quase infantil. Em *Sandman*, é de cortar o coração a cena que envolve um Gárgula fofo e seus donos, os irmãos Caim e Abel, condenados a repetir eternamente o destino fratricida da *Bíblia* num recanto idílico do Sonhar.

Dispondo de 165 milhões de dólares para verter os devaneios de Gaiman em dez episódios, o roteirista e produtor Allan Heinberg não decepciona. Mais que qualquer

“SEM IMAGINAÇÃO, NADA MUDA”

O inglês Neil Gaiman, autor de *The Sandman*, falou a VEJA sobre a criação da série, o sucesso das tramas de fantasia e as lições que se pode extrair delas

Seu nome hoje é uma potência da fantasia adulta. Por que o gênero está tão em alta? A fantasia é uma ferramenta fabulosa para ver o mundo. Ela permite ao autor contar coisas grandiosas e muitas vezes verdadeiras sem se limitar aos fatos. Posso falar sobre uma convenção de serial killers ou discorrer sobre o significado da vida contando uma história que acontece a cada 100 anos em um mesmo pub.

Da mitologia à cultura pop, o manancial de referências de *Sandman* impressiona. Como surgiu a história? A DC *(editora de quadrinhos)* me deu uma folha em branco, e eu falei sobre a possibilidade de retomar um personagem antigo chamado Sandman. A primeira reação foi “hum, aquelas coisas estranhas”. Eles pediram que, ao voltar a esse per-

MENTE ABERTA
Gaiman: a fantasia não tem limites

MATT WINKELMEYER/GETTY IMAGES

sonagem, eu deveria fazer a minha versão. Criei então o Senhor dos Sonhos, e o lugar para onde você vai quando fecha os olhos toda noite.

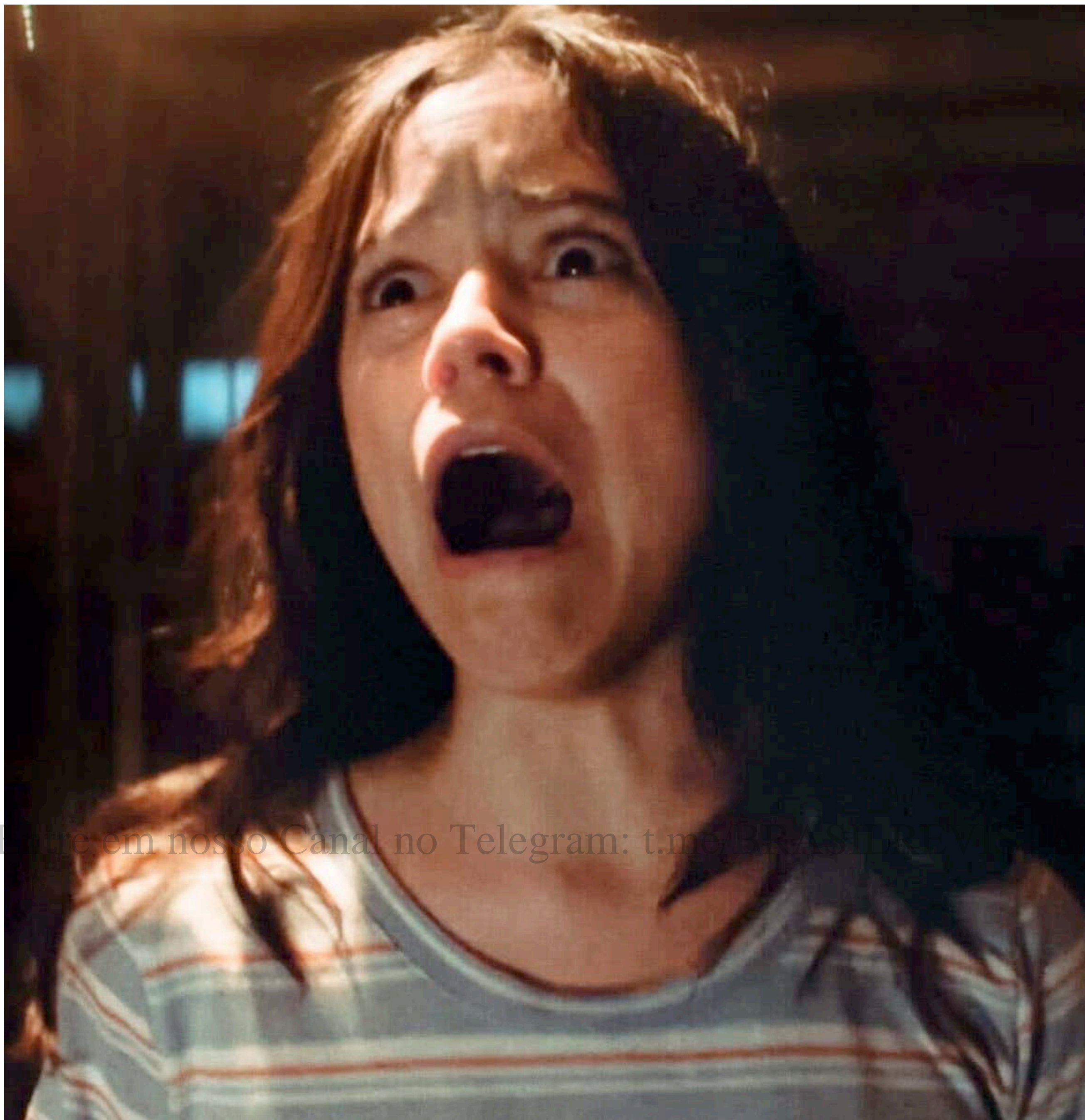
Num episódio marcante da série, o personagem John Dee usa um rubi mágico para subtrair os sonhos das pessoas numa lanchonete, com resultados trágicos. O que quer transmitir com tramas assim? *Sandman* é um jeito de olhar para nossos sonhos — não só os literais, que acontecem quando adormecemos, mas nossas aspirações, esperanças, aquilo que nos guia. Todos naquela lanchonete estavam seguindo seus sonhos. Mas, sob a perspectiva de John Dee, eles viviam mentiras.

Como assim? Ele quer um tipo de honestidade para o qual a humanidade não foi feita. É daí que a escuridão do episódio vem. Ele expõe o que acontece com as pessoas quando você tira os sonhos delas. Quando você tira, ainda, o controle social. Quem as pessoas se tornam?

Essa visão coincide com a sua? Creio que os sonhos são as coisas mais importantes que existem. Sem a imaginação, nada muda. Sem os sonhos, nada pode ser diferente. Hoje, vivemos num mundo em que os sonhos sombrios de algumas pessoas levam a caminhos perigosos. As pessoas precisam saber que as coisas podem ser diferentes, e melhores. É aquilo em que acredito.

Jennifer Queen

adaptação de obras do escritor, seu *Sandman* sabe traduzir o fino equilíbrio entre referências da cultura pop e debates de alto calibre sobre filosofia e moral. Inspirado num personagem do folclore nórdico que soprava areia nos olhos das crianças para fazê-las terem bons sonhos, o Morpheus moderno é quase um super-herói com pele alva e cabelo espetado como os de um roqueiro pós-punk — o impassível Tom Sturridge revela-se uma escolha fiel para o papel. Ao contrário do original, porém, o visual da Morte não mais emula a roqueira dark Siouxsie Sioux: na era da diversidade, ela agora é a atriz negra Kirby Howell-Baptiste. O ator não binário Mason Alexander Park faz as vezes de Desejo, o irmãozinho Perpétuo mais tinhoso (os outros são Delírio, Desespero, Destino e Destruição).

Embora todas essas entidades sejam mais poderosas que os deuses, é o Sonho quem afinal se revela o motor da vida e do progresso. A possibilidade de sonhar, propõe Gaiman, é o que permite à civilização manter-se de pé em meio a tribulações e evita o niilismo e o ódio. Nesse sentido, é primoroso o episódio em que o maluco John Dee (o estupendo ator inglês David Thewlis), de posse do rubi roubado de Morpheus, passa horas testando nas pessoas presentes numa lanchonete o que ocorre quando as ilusões e os ideais são suspensos e os humanos passam a ser regidos só pela verdade nua e crua dos instintos — o resultado é cruel. Num mundo imerso no pesadelo de um retorno do autoritarismo e de ideias obscurantistas, a areia de Morpheus é um sopro de vida. ■

BERREIRO Jenna em cena do novo filme: atuação de estourar os tímpanos

SUCESSO NO GRITO

Em *X – A Marca da Morte*, Jenna Ortega mostra por que, aos 19 anos, é a nova musa do terror da geração Z – e prova também que até para berrar e morrer em cena é preciso talento

PLAYARTE

EM ALGUM PONTO do Texas, em 1979, Lorraine Day acorda no meio da noite e percebe que o namorado não está na cama. Assustada, a jovem — parte da equipe de produção de um filme pornô — decide procurá-lo na isolada área rural onde as gravações acontecem. Encontra o dono da propriedade, um velhinho esquisito, que lhe pede para pegar uma lanterna no porão da casa principal enquanto faz as buscas. Ao descer as escadas, a surpresinha macabra: Lorraine depara com um corpo mutilado, e logo deduz o óbvio — será a próxima. A cena seguinte é de estourar os tímpanos. Berros e mais berros de desespero saem da garganta da garota. Interpretada por Jenna Ortega, a protagonista de ***X — A Marca da Morte*** (*X*, Estados Unidos/Canadá, 2022),

que chega aos cinemas na quinta-feira 11, vem consolidar o peculiar posto da atriz: ela é a *scream queen* — ou musa dos gritos de filmes de terror — mais quente da geração Z.

Desde criança, o DNA para o horror já corria nas veias de Jenna. Um de seus primeiros papéis no cinema, aos 11, foi na assombração sobre espíritos *Sobrenatural —Capítulo 2* (2013). Apesar de pequena, a participação da atriz abriu precedentes para ela brilhar em outras produções do gênero — até atingir seu auge em 2022. No início do ano, a franquia *Pânico* enfim retornou às telas com seu quinto longa, e consagrou o nome da garota. Ao lado de Neve Campbell na pele de Sidney Prescott, a eterna sobrevivente do assassino mascarado, Jenna tornou-se o centro de um novo mistério regado a sangue, facadas e humor autoconsciente sobre os cli-

chês dos filmes de terror. Até mesmo para morrer, a atriz ensinou ser necessário talento. Na participação especial que fez em *Terror no Estúdio 666*, comédia de terror da banda Foo Fighters, Jenna entra em cena só para ser brutalmente assassinada (e entrega uma morte magistral).

Para a jovem da Califórnia de 19 anos, o horror é como uma "segunda casa" confortável. Mas nem sempre foi assim. A exemplo da queridinha da sofrência teen Olivia Rodrigo, Jenna também teve como escola o Disney Channel: em 2016, protagonizou a série juvenil *A Irmã do Meio*. Filha de pais com origem mexicana e porto-riquenha, ela recebeu apoio da família para se tornar atriz, e logo se encantou com os filmes que mexem com os instintos mais primitivos do

ser humano. Não só as tramas de terror, mas também algumas que retratam horrores reais — como *The Fallout*, na qual interpreta uma adolescente que precisa lidar com os traumas causados por um tiroteio na escola. Seu próximo trabalho flerta com suas origens latinas e com o lúgubre pop: Jenna dará vida a uma versão adolescente de Wandinha, a herdeira da Família Addams, na série de Tim Burton para a Netflix. Pelo visto, ela nasceu para vencer — nem que seja no grito. ■

Marcelo Canquerino

O ASTRO QUE VIROU PIADA

Com o espirituoso *Trem-Bala*, Brad Pitt coroa sua boa fase cômica no cinema — humor que o salvou também de seu conturbado divórcio e do cancelamento **RAQUEL CARNEIRO**

UM HOMEM BOM
Pitt em *Trem-Bala:* o filme vai da ação à comédia com trama cheia de bandidos

SCOTT GARFIELD/SONY PICTURE

SOB O CODINOME Joaninha, um criminoso conversa no telefone com a mulher que o contratou: ele deve entrar em um trem-bala no Japão, pegar uma maleta e sair na estação seguinte. Antes do embarque, a voz no celular recomenda que ele leve consigo uma arma. Joaninha se recusa. Afinal, ele é um novo homem, que acredita no poder da paz e repete frases clichês motivacionais como “quando uma porta se fecha, uma janela se abre”. Dentro do trem, o roubo não é tão simples — e, ao contrário dele, outros passageiros de índole duvidosa estão armados até os dentes. Estrela do filme de ação cômico ***Trem-Bala*** *(Bullet Train*, Estados Unidos/Japão, 2022), em cartaz nos cinemas, Joaninha é interpretado por um inspiradíssimo

Brad Pitt. Aos 58 anos, o ator encontrou no personagem um espelho de seu eu na vida real: um homem de humor pungente tentando acertar as contas com o passado.

Galã romântico nos anos 1990 e bad boy sexy na década de 2000, Pitt agora faz a linha tigrão irônico. Ele aprendeu a rir de si mesmo e viu que a masculinidade não é oposta à vulnerabilidade — nem precisa estar presa a padrões caducos: até usou saia na pré-estreia do filme. O resultado dessa fase soltinha do astro vem se refletindo em papéis saborosos e num resgate notável da vala comum da cultura do cancelamento.

Como Joaninha, Pitt quer ser um homem melhor — único caminho possível para sua redenção após os escândalos de 2016. Naquele ano, uma briga em família numa

viagem em um jato particular culminou no divórcio com Angelina Jolie. A atriz o acusou de beber demais e de ter agredido o filho mais velho da prole de seis adolescentes. Uma investigação policial liberou Pitt da acusação. O divórcio litigioso, porém, não chegou ao fim: uma vinícola de 160 milhões de dólares na França ainda causa atrito entre os dois.

Para sair do mar de fofocas, Pitt escolheu a honestidade. A começar pelo modo de tratar dos vícios. O ator revelou que desde a faculdade não se lembrava de um único dia em que não estivesse sob efeito do álcool ou da maconha. O incidente no avião o levou a buscar ajuda. Para exorcizar seus demônios, Pitt fez terapia e entrou

SEBASTIAN REUTER/GETTY IMAGES

AREJADO O ator de saia na pré-estreia: questionamento sobre padrões da masculinidade

SCOTT GARFIELD/SONY PICTURE

ELENCO ESTRELADO Joey King no filme: a vilã atazana o personagem de Pitt

para os Alcoólicos Anônimos. Ele notou em si uma repetição do comportamento de seu pai e da comunidade pobre e conservadora onde cresceu, no estado do Missouri.

A sinceridade do ator envergonhou os críticos que questionavam se ele era bom pai ou bom marido. Pitt, então, deu sua tacada mais certeira: provou de vez que é um ótimo ator. O divórcio saiu das manchetes para dar espaço aos elogios a *Era Uma Vez em... Hollywood*, tragicomédia de Quentin Tarantino que garantiu a Pitt seu primeiro Os-

car por atuação, como coadjuvante, em 2020. Seus agradecimentos em vários prêmios (e foram muitos) conquistaram as redes pelo tom sincerão. “Preciso adicionar isso ao meu perfil do Tinder”, disse ao levar o SAG Awards.

Pitt poderia se gabar de outros feitos. Pouco vocal em assuntos políticos se comparado a colegas como Leonardo DiCaprio, ele soma doações milionárias para causas sociais e ainda se destaca na luta antirracista. Sua produtora vem viabilizando filmes e séries feitos com atores e diretores negros, entre eles os aclamados *Selma*, *Moonlight* e *12 Anos de Escravidão* — este lhe garantiu um Oscar de melhor filme como produtor. Na frente das câmeras, Pitt agora prefere papéis despretensiosos. *Trem-Bala*

é um exemplo palpitante. Com lutas que transbordam testosterona, humor sagaz, elenco estrelado e uma intimidante vilã juvenil vivida por Joey King, a adaptação do livro do japonês Kotaro Isaka é entretenimento puro. Brad Pitt se diverte, e a gente idem. ■

EM BUSCA DO TOM

A saúde mental começa a ser encarada com seriedade no universo pop: jovens artistas se sentem mais à vontade para falar sobre o tema e, sobretudo, pedir ajuda **FELIPE BRANCO CRUZ**

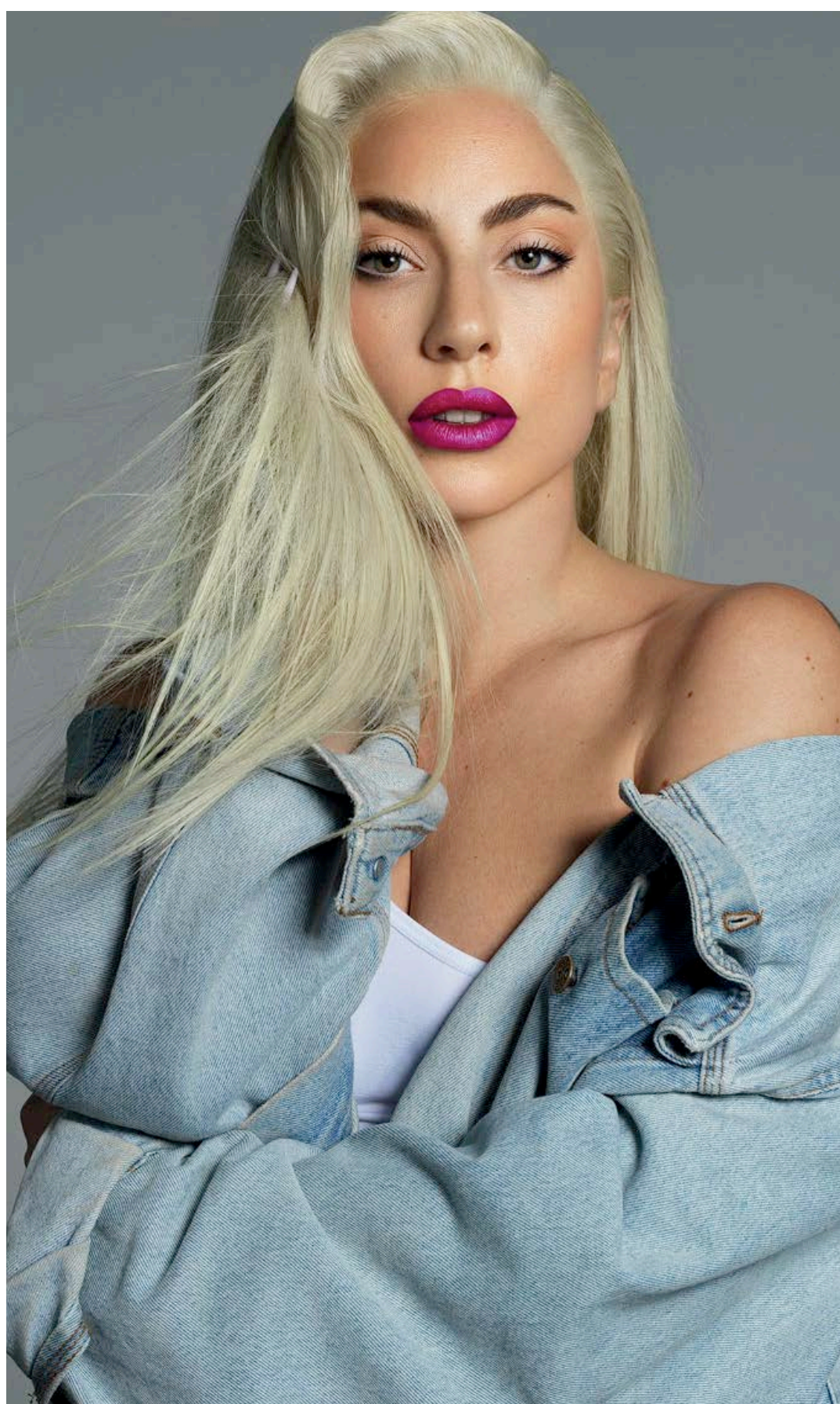
“Ficou mais claro que preciso aproveitar o tempo que eu nunca tive, me encontrar e voltar mais forte.”

Shawn Mendes, cantor canadense, que cancelou a turnê para cuidar de si

INSTAGRAM @SHAWNMENDES

O PRIMEIRO grito de socorro do canadense Shawn Mendes veio na letra da música *In My Blood,* há quatro anos. “Me ajude / É como se as paredes estivessem desmoronando / Às vezes, sinto vontade de desistir”, ele cantava. Há duas semanas, Mendes finalmente sucumbiu. Aos 23 anos, o artista anunciou o cancelamento de sua turnê para reencontrar o equilíbrio psíquico perdido. “Estarei de volta assim que me curar”, escreveu em suas redes sociais. A atitude corajosa do artista foi recebida com naturalidade e a pronta solidariedade dos fãs. Mas assinala uma inflexão notável no modo como os artistas da música lidam com seus transtornos pessoais.

Até poucos anos atrás, os tabus que cercavam problemas como abuso de drogas, depressão e ansiedade ensejavam grotescos espetáculos de humilhação, que rendiam comentários jocosos em tabloides e despertavam o sadismo na internet. Hoje, o enfoque mudou: em vez de esconderem até desabar diante dos olhos do público, as estrelas admitem suas agruras, e não se furtam a falar delas com franqueza. Dão nome, sobretudo, ao que está em jogo: a saúde mental.

Ao adotar a nova postura, Shawn Mendes não se encontra sozinho. O cantor Justin Bieber, de 28 anos, conheceu a fama ainda na infância, e teve seu comportamento errático noticiado no mundo inteiro. Até que, cinco anos atrás, ele desapareceu da vida pública. Os fãs ficaram sem entender nada. Em 2020, o documentário *Justin Bieber: Next Chapter* revelou que o músico travava uma batalha contra a depressão. “Se você está se sentindo solitário, fale sobre isso.

SOB CUIDADO Bieber, Lady Gaga e Adele: eles se afastaram da vida pública para cuidar de si e tiveram apoio dos fãs

Diga em voz alta", disse. Recuperado, Bieber voltou aos palcos e se apresentará em setembro no Brasil, no Rock in Rio.

Lady Gaga, de 36 anos, foi outra que se abriu sobre sua saúde mental em um documentário revelador, *Gaga: Five Foot Two*, de 2017. No filme, a cantora confidencia que se afastou dos palcos devido a uma fibromialgia que lhe causava dores excruciantes, além de sofrer de estresse pós-traumático, razões pelas quais naquele mesmo ano cancelou em cima da hora sua apresentação, coincidentemente, no Rock in Rio.

Falar sobre os problemas com honestidade não deixa de ser uma forma de terapia — e, para os artistas pop, também

INSTAGRAM @JUSTINBIEBER, @LADYGAGA, @ADELE

traz ganhos de imagem, claro. Após superar seu drama, Lady Gaga deu testemunho do que passou em palestras. A inglesa Adele, de 34 anos, também extrai lições de suas aflições. Após desaparecer por algum tempo e surpreender os fãs ao ressurgir muito mais magra, ela explicou que a mudança não estava relacionada à estética, e sim à busca de equilíbrio. “Um dos motivos pelos quais as pessoas ficaram chocadas com minha perda de peso foi porque não compartilhei o processo nas redes sociais”, disse. “Nunca foi sobre perder peso. Sempre foi sobre ficar forte e dar o máximo de tempo a mim todos os dias sem usar o celular”, completou. De volta, Adele lançou o álbum *30* e emendou uma turnê em Las Vegas.

Com seu alerta sobre os efeitos danosos das redes, Adele ilumina um ponto essencial: além de enfrentar seus tormentos, os artistas precisam dar conta do escrutínio invasivo da internet. Ainda antes de seu advento, é fato, a indústria da música já se notabilizava como uma máquina de moer carne. No passado, comportamentos autodestrutivos foram romantizados ou vistos como fraqueza. A compreensão sobre a gravidade do problema é resultado de anos de campanhas de conscientização. Justin Bier já declarou que a mudança na maneira como as pessoas encaram hoje os transtornos mentais dos famosos teve peso crucial em sua recuperação.

Em abril, a organização Toronto Over the Bridge lançou o projeto Lost Tapes of the 27 Club, que usou uma ferramenta de inteligência artificial para compor músicas “inéditas”

de artistas que morreram aos 27 anos, como Kurt Cobain e Amy Winehouse. As letras chamam a atenção para a saúde mental. Se os gritos de socorro de Cobain e Winehouse tivessem sido ouvidos, talvez o destino de ambos fosse diferente. Ainda bem que isso está mudando. ■

APPLE+

AVENTURA Sam e o gato Bob em *Luck:* a trama ensina às crianças que sorte e azar são parte da vida

TELEVISÃO

LUCK ***(Luck*/Estados Unidos e Espanha / 2022. Disponível na Apple TV+)**

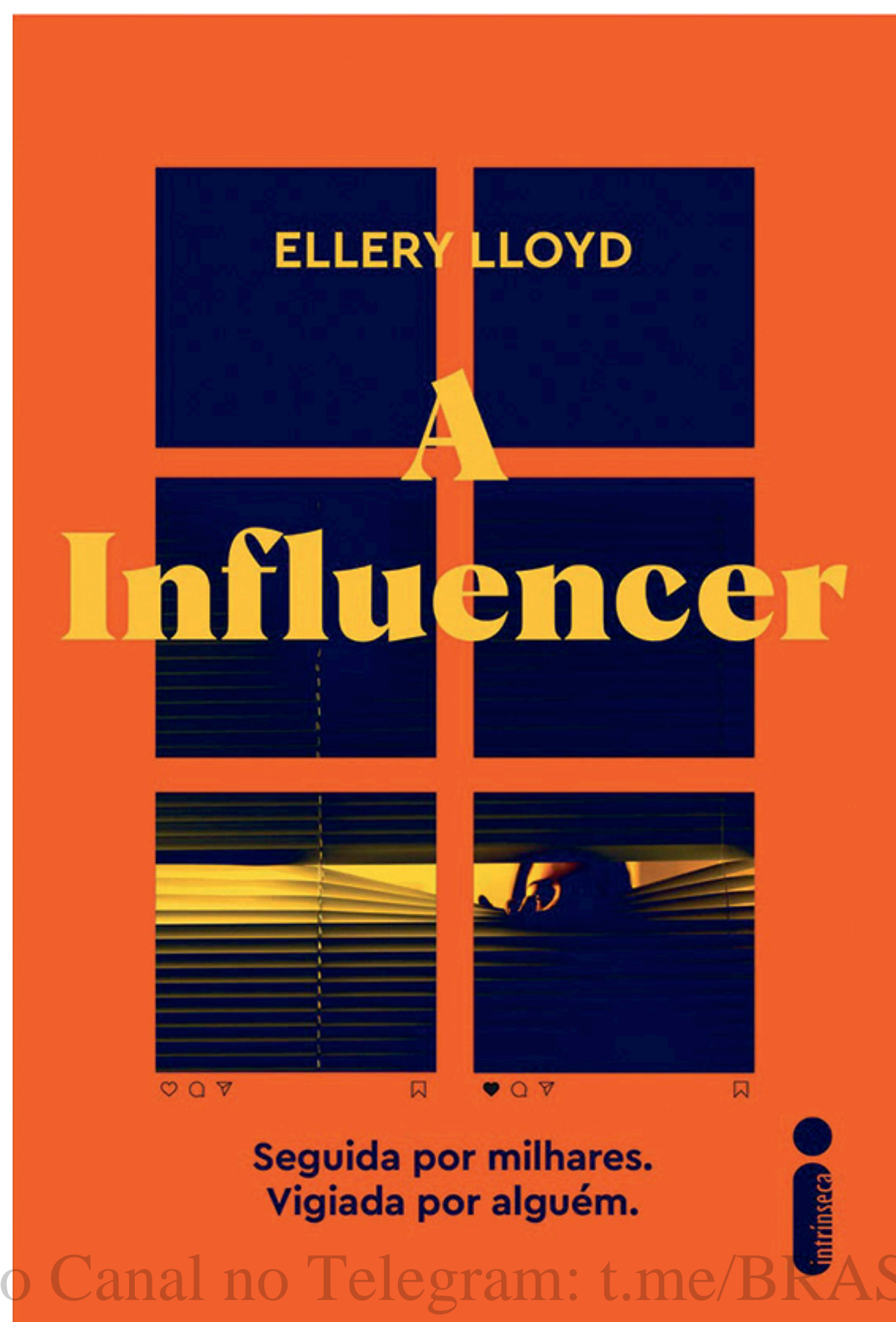
Sam já se conformou com a fama de azarada. A menina de 18 anos acaba de deixar o orfanato onde cresceu e dá início à sua independência, apesar das intempéries causadas pela má sorte. Por isso, ela não se incomoda com a presença de um gato preto enxotado pelas pessoas que veem nele um sinal de mau agouro. Sam divide seu lanche na calçada com o bichano — que, quando vai embora, deixa uma moedinha no chão. O item se revela um amuleto da sorte poderoso, o qual Sam pretende dar a uma das crianças do orfanato à espera da adoção. A garota segue o gatinho até um portal que os leva à Sortelândia — lugar mágico onde a sorte é produzida, vizinho de Azarópolis, onde o azar corre solto. Enquanto causam uma confusão por lá, os dois vão desvendar a importância do equilíbrio para uma vida feliz.

DISCO

AO VIVO NO NOITES CARIOCAS, **de Baby do Brasil e Pepeu Gomes (disponível nas plataformas de streaming)**

Baby e Pepeu fizeram história com os Novos Baianos. Após se separar, o casal antológico da MPB — com seis filhos — ficou 27 anos sem tocar junto. O jejum durou até 2015, quando eles se reuniram no Rock in Rio. Agora, retornam aos palcos numa turnê inédita que está viajando pelo Brasil com repertório de primeira. O registro ao vivo, feito no Morro da Urca, Rio de Janeiro, traz clássicos da carreira-solo de ambos, como *Masculino e Feminino*, *A Menina Dança* e *Menino do Rio*, em interpretações de gala da dupla.

APPLE+ DIVULGAÇÃO

REUNIÃO Baby e Pepeu: pela primeira vez em anos, o ex-casal se reúne em turnê

LIVRO

A INFLUENCER,

de Ellery Lloyd (tradução de Luciana Pádua Dias e Maria Carmelita Dias; Intrínseca; 384 páginas; 59,90 reais e 39,90 reais em e-book)

Emmy é uma “Instamãe”. Nas redes sociais, ela compartilha com 1 milhão de seguidores sua vida imperfeitamente perfeita ao lado dos filhos e do marido — um escritor que se incomoda com a imagem artificial criada por ela, mas depende de sua renda. A narrativa é alternada entre o casal e uma stalker obcecada. Escrito sob pseudônimo pelo casal inglês Collette Lyons e Paul Vlitos, o suspense psicológico alfineta com sagacidade a cultura dos influenciadores digitais, a superexposição e suas consequências sombrias. ■

FICÇÃO

1 É ASSIM QUE ACABA
Colleen Hoover [1 | 51#] GALERA RECORD

2 A HIPÓTESE DO AMOR
Ali Hazelwood [3 | 4] ARQUEIRO

3 OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO
Taylor Jenkins Reid [2 | 67#] PARALELA

4 A COROA DE OSSOS DOURADOS
Jennifer L. Armentrout [0 | 1] GALERA RECORD

5 A REVOLUÇÃO DOS BICHOS
George Orwell [5 | 192#] VÁRIAS EDITORAS

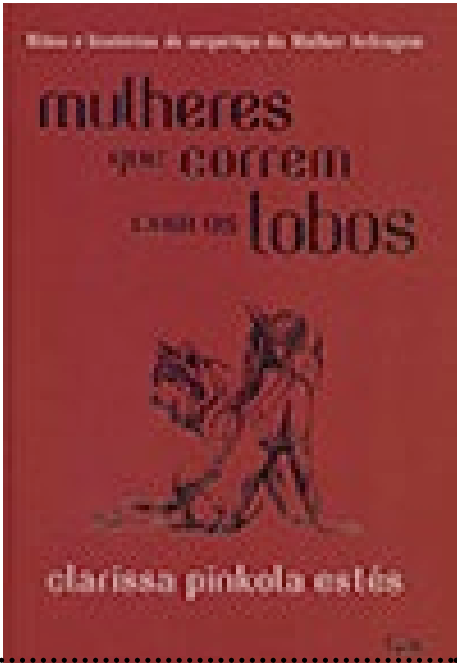
6 TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES
Colleen Hoover [4 | 34#] GALERA RECORD

7 O LADO FEIO DO AMOR
Colleen Hoover [0 | 9#] GALERA RECORD

8 O HOBBIT
J.R.R. Tolkien [0 | 29#] HARPERCOLLINS BRASIL

9 TORTO ARADO
Itamar Vieira Junior [7 | 77#] TODAVIA

10 VERITY
Colleen Hoover [6 | 18#] GALERA RECORD

NÃO FICÇÃO

1 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Clarissa Pinkola Estés [1 | 117#] ROCCO

2 **ESCRAVIDÃO – VOLUME 3**
Laurentino Gomes [2 | 7] GLOBO LIVROS

3 **PASSAPORTE 2030**
Guilherme Fiuza [0 | 1] AVIS RARA

4 **O DIÁRIO DE ANNE FRANK**
Anne Frank [3 | 283#] VÁRIAS EDITORAS

5 **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [4 | 283#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS

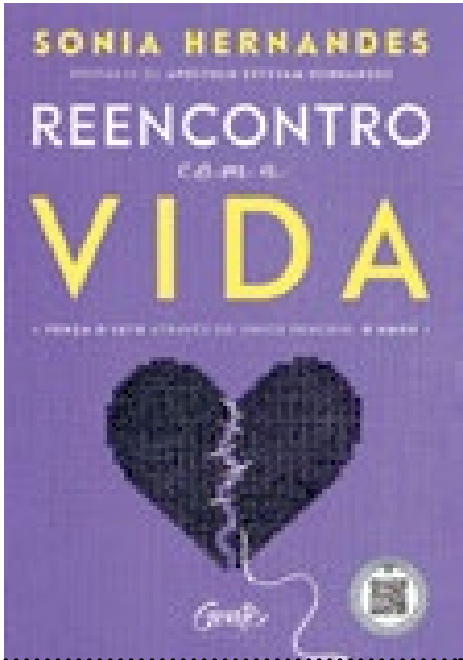
6 **EM BUSCA DE MIM**
Viola Davis [10 | 3] BESTSELLER

7 **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE**
Tori Telfer [6 | 78#] DARKSIDE

8 **ESCRAVIDÃO – VOLUME 1**
Laurentino Gomes [8 | 66#] GLOBO LIVROS

9 **RÁPIDO E DEVAGAR**
Daniel Kahneman [7 | 169#] OBJETIVA

10 **ESCRAVIDÃO – VOLUME 2**
Laurentino Gomes [9 | 28#] GLOBO LIVROS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1 **REENCONTRO COM A VIDA**
Sonia Hernandes [0 | 1] GENTE

2 **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [3 | 168#] CITADEL

3 **AME-SE! VOCÊ EM PRIMEIRO LUGAR**
Dr. Ícaro Samuel [0 | 1] GENTE

4 **ESPECIALISTA EM PESSOAS**
Tiago Brunet [1 | 20#] ACADEMIA

5 **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [6 | 378#] SEXTANTE

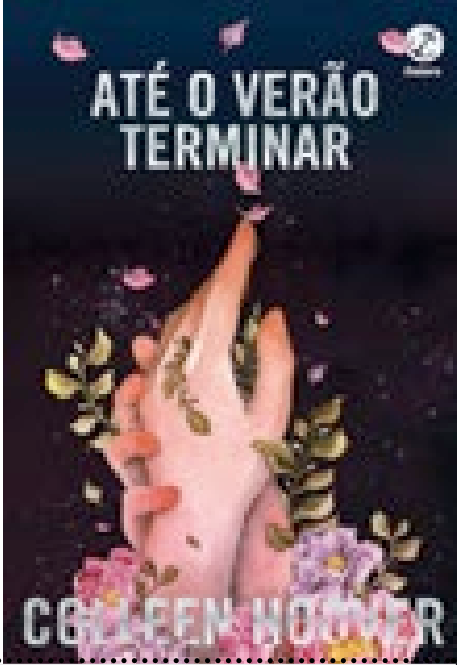
6 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [2 | 87#] HARPERCOLLINS BRASIL

7 **EM MIM BASTA!**
William Sanches [0 | 1] CITADEL

8 **MINDSET**
Carol S. Dweck [7 | 121#] OBJETIVA

9 **QUEM PENSA ENRIQUECE**
Napoleon Hill [8 | 94#] CITADEL

10 **PAI RICO, PAI POBRE**
Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [9 | 88#] ALTA BOOKS

INFANTOJUVENIL

1. **ATÉ O VERÃO TERMINAR**
   Colleen Hoover [1 | 25#] GALERA RECORD
2. **AMOR & GELATO**
   Jenna Evans Welch [4 | 54#] INTRÍNSECA
3. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL**
   Casey McQuiston [2 | 70#] SEGUINTE
4. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
   J.K. Rowling [8 | 351#] ROCCO
5. **MIL BEIJOS DE GAROTO**
   Tillie Cole [5 | 33#] OUTRO PLANETA
6. **NOVEMBRO, 9**
   Colleen Hoover [6 | 22#] GALERA RECORD
7. **O VERÃO QUE MUDOU MINHA VIDA**
   Jenny Han [7 | 5#] INTRÍNSECA
8. **MANUAL DE ASSASSINATO PARA BOAS GAROTAS – VOL. 1** Holly Jackson [0 | 2#] INTRÍNSECA
9. **A RAINHA VERMELHA**
   Victoria Aveyard [0 | 99#] SEGUINTE
10. **O PEQUENO PRÍNCIPE**
    Antoine de Saint-Exupéry [0 | 344#] VÁRIAS EDITORAS

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: Yandeh / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, **Belo Horizonte:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Cultura, Leitura, **Campinas:** Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Cascavel:** A Página, **Caxias do Sul:** Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Prime, Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Aeromix, Disal, Livraria da Vila, Leitura, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **Jaú:** Casa Vamos Ler, **João Pessoa:** Leitura, Saraiva, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Lins:** Koinonia Livros, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, **Manaus:** Leitura, Vozes, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Passo Fundo:** Santos, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Saraiva, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Saraiva, **Santos:** Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul:** Disal, **São José:** Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís:** Leitura, **São Paulo:** Aeromix, A Página, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Leitura, Drummond, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Sorocaba:** Saraiva, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Vila Velha:** Leitura, Saraiva, **Vitória:** SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet:** A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

JOSÉ CASADO

RISCOS NO CAMPO

HASTES DE ARROZ, sorgo, milho e soja emolduram uma cabeça de boi, um trator e as linhas azuis que representam abundância de água naquele pedaço do interior de Mato Grosso. Abaixo do desenho, a logomarca do município avisa: “Capital do Agronegócio”.

Sorriso não exagera. É um dos maiores produtores nacionais de soja, milho e peixes. Abriga pouco mais de 90 000 moradores ao redor de dezenas de bancos e escritórios das maiores empresas globais — Amaggi, Bunge, Cargill, Cofco, Glencore e Monsanto, entre outras. Retrata quatro décadas de êxito na modernização tecnológica do campo, na expansão da fronteira agrícola para o Centro-Oeste e, agora, para a Amazônia.

É, também, metáfora de um país na encruzilhada: o Brasil, que vai terminar o ano com renda recorde (1,2 trilhão de reais) nas lavouras e na pecuária, sonha garantir a segurança alimentar do mundo, mas vacila em resolver a própria fome.

Exuberante na riqueza, com renda média de 69 000 reais por habitante — 40% acima da nacional —, a “capital do agronegócio” é desmesurada na pobreza. Uma de cada três famílias de Sorriso depende da ajuda estatal para comer.

Espelha contradições de um país que multiplicou por cinco suas exportações de alimentos neste século e ainda mantém um de cada dez brasileiros aprisionado no mapa-múndi da fome da ONU.

Foi no campo que ocorreu uma revolução no capitalismo brasileiro no último meio século, demonstram os historiadores Herbert S. Klein e Francisco Vidal Luna no livro *Alimentando o mundo.* Resultou de exemplar parceria de empreendedores com a elite de cientistas de organizações estatais, como o Instituto Agronômico de Campinas e a Embrapa.

Enquanto a indústria patinava — e assim continua desde os anos 1980 —, o agronegócio avançava amparado em inovação e tecnologia. Surpreendeu a concorrência nos Estados

Unidos e na Europa com duas safras anuais, expandiu a fronteira de trabalho, aumentou em 150% a produtividade média por hectare e consolidou poder de competição internacional. Os efeitos benéficos, no entanto, se limitaram à minoria.

É grande a concentração do capital em poucas propriedades rurais. O país tem mais de 5 milhões de estabelecimentos produtivos, e menos de 50 000 deles ficam com metade do valor da produção, segundo os dados mais recentes da Embrapa e do IBGE. Em parte expressiva do restante, mal se consegue extrair um salário mínimo mensal como renda familiar total. Aí, a rotina é vender o almoço para pagar o jantar.

A progressão da miséria rural não deriva apenas do tamanho das propriedades, indicam Klein e Luna, embora ressaltem a correlação entre tamanho da propriedade e po-

“O agronegócio vai precisar lutar para se manter na liderança”

breza. Para estudo das alternativas sugerem análise mais abrangente de fatores geográficos, infraestrutura, acesso ao mercado e à educação.

Até aqui o modelo do agronegócio deu certo, apesar das incongruências. Agora, o problema é o que e como o país vai fazer para sustentar sua posição de liderança no mercado de alimentos (cereais, café e proteínas), no mundo pós-pandemia e abalado pela disputa tectônica de poder entre os EUA e a China — principais clientes do Brasil.

No redesenho da economia global, países dependentes da importação de alimentos já estabeleceram como prioridade a garantia da segurança alimentar, o autoabastecimento. Isso terá reflexos no comércio mundial, concordaram empresários reunidos pela Associação Brasileira de Agronegócio (Abag) nesta semana, em São Paulo. “Há um movimento no mundo em busca de autossuficiência, vamos ter de trabalhar duro para garantir a nossa posição”, resumiu Roberto Rodrigues, ex-ministro da Agricultura. Manter-se entre líderes globais tende a ser mais desafiador do que aumentar a produtividade total no campo.

Requer outra revolução, mas com a premissa política da garantia de segurança alimentar doméstica. Isso porque a fome é fator potencial de grande instabilidade, como demonstrou o Sri Lanka dias atrás. E insegurança política é ruim para os negócios, sobretudo para investimentos estratégicos à garantia de abastecimento alimentar de clientes internacionais.

Não importa quem seja eleito presidente em outubro, é previsível que o próximo governo será fortemente pressionado a organizar políticas públicas de mitigação da insegurança alimentar. Sem isso, julgam empresários do agronegócio, vai ficar complicado sustentar a liderança brasileira no mercado global de alimentos. ■

■ **Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de** VEJA